

**Universidade da Beira Interior**  
**Faculdade de Artes e Letras**  
**Departamento de Letras**



**Leituras de... Lúcio Craveiro da Silva**

**Henrique Manuel Ventura Carvalho**

**Mestrado em Estudos Artísticos, Culturais, Linguísticos e  
Literários**

**Covilhã, 2009**

## **Leituras de... Lúcio Craveiro da Silva**

Dissertação de Mestrado em Estudos Artísticos, Culturais,  
Linguísticos e Literários

Orientador: Professor Doutor António dos Santos Pereira

Mestrando: Henrique Manuel Ventura Carvalho

M: 1393

Covilhã, 2009

## Introdução

Realizar uma dissertação de mestrado acerca de um escritor, de um professor tão multifacetado e defensor de várias teorias de conhecimento não é nada fácil. No entanto, esta situação despertou em mim maior interesse visto ser uma personagem bem vinculada da nossa cultura e acima de tudo da minha terra.

Assim, iniciei a minha pesquisa procurando desenhar com clareza a figura de Lúcio Craveiro da Silva bem como compreender o seu pensamento. Aos poucos, fui-me apercebendo o quanto havia para explorar de uma personagem com um método próprio de conhecimento e de um rigor científico e prático da vida inimagináveis. Este foi um caminho de investigação de campo, que desafiou e estimulou o mais íntimo do meu ser. Deste diálogo, deste conjunto entre mim e as teses de Craveiro da Silva provieram de estudos sobre figuras relevantes da nossa cultura, tendo em vista sobretudo a história do pensamento filosófico português... em todo o caso é deveras importante mencionar Antero de Quental como principal referência do conhecimento de Lúcio Craveiro da Silva. Deste modo, a obra de Lúcio Craveiro da Silva é indissolúvel da vida. Seja qual for o local, surge sempre uma alienação entre pensamento e acção, teoria e praxis e por conseguinte, uma reflexão intrínseca até ao âmago do problema.

Com efeito, as figuras que irei apresentar têm valor por si mesmas, na verdade é que elas brilham na riqueza da nossa cultura permanentemente em que são evocadas. Dentro dos limites das minhas possibilidades, tentarei realçar o seu contributo da melhor e honrada forma possível. Senti-me por vezes a sonhar inesperadamente e sem fim com teorias, com convicções e sobretudo com a erudição destes autores. Fiquei e continuo perplexo com Lúcio Craveiro da Silva.

# Lúcio Craveiro da Silva

## **O Homem**

Lúcio Craveiro da Silva é natural do Tortosendo, Beira Baixa, embora tenha passado grande parte da sua vida na região norte de Portugal. Nasceu na vila do Tortosendo em 1914 e faleceu na cidade de Braga a 13 de Agosto de 2007. Tinha dois irmãos, um que tal como ele se ordenou sacerdote e trabalhou na Faculdade de Filosofia e uma irmã que era professora primária. O seu pai, Gabriel Raimundo «era um homem recto, sério, lutador»<sup>1</sup>(palavras de Craveiro da Silva ao descrever o seu progenitor). Foi agricultor e, posteriormente, funcionário dos correios, chegando, mais tarde, a ser chefe dos mesmos. A sua mãe, Maria de Lurdes Craveiro da Silva, era doméstica. Os restantes familiares, ou a maioria deles, partiram para o estrangeiro, sendo os principais destinos a Argentina e o Brasil. Os que ficaram em Portugal encontravam-se espalhados por todo o país. Tendo inclusivamente dois primos que se encontravam na região do Minho e que aí eram professores na Universidade. Saídos do Tortosendo a família de Craveiro da Silva, mudou-se para Unhais da Serra, mais precisamente para o Largo da Amoreira, só passado algum tempo é que foram viver para a cidade da Covilhã.

## **Percurso académico**

Tal como, actualmente quase todas as crianças, começou a frequentar a escola primária aos seis anos, no Sítio da Quebrada. Andou nos escuteiros (Lobito) até aos 12 anos, aquando da sua saída da vila. Após frequentar o ensino preparatório passou por S. Martin de Trevejo, que se situava perto de Cáceres, onde completou o ensino secundário. Ingressa na Companhia de Jesus por volta de 1931, em Oia (perto da Galiza). Oito meses mais tarde regressa a Braga. Frequentou o curso de Filosofia entre 1934-1938. Lúcio por esta altura era um jovem um pouco adoentado. Dedicava grande parte do seu tempo a ler. Nestas leituras descobriu um autor que o marcou para todo o sempre, Antero de Quental.

Craveiro da Silva confessa: «o diálogo intenso com os problemas da metafísica, os filósofos contemporâneos e Antero de Quental, abriram-me os olhos, deram-me novo

---

<sup>1</sup> www.blcs.pt

fôlego e novas perspectivas, comecei a ser senhor da minha vida, enfim a ser finalmente homem»<sup>2</sup>. As marcas que Antero deixou na cultura de Craveiro da Silva ficaram retratadas num prólogo que este escreveu num livro que dedicou ao grande poeta Português. Depois de Braga, partiu para o berço de Portugal, Guimarães. Aqui, foi professor de Literatura aí, mais precisamente no Convento da Costa. Regressou ao estrangeiro para se formar em Ética Económica e Política, pois havia-lhe sido atribuído esse cargo. Ordenou-se sacerdote em 1944 em Bilbao. Ainda em terras de Espanha estudou Teologia em Granada, Economia em Bilbao e Ciências Políticas na Bélgica. Em 1966 foi Superior Provincial dos Jesuítas Portugueses (1960-1966). De regresso à pátria defendeu a sua tese de doutoramento, intitulada de «*A Idade do Social, Ensaio sobre a Evolução da Sociedade Contemporânea*». Foi docente da Universidade de Braga e dirigiu-a durante três períodos (1952-1958; 1971-1976; 1986-1994). Fez ainda parte, em 1955, do Congresso Português de Filosofia. O professor Lloyd Braga (criador da Comissão Instaladora da Universidade do Minho) convidou Lúcio a fazer parte dessa mesma comissão. Em 1981, Craveiro da Silva foi eleito reitor da Universidade do Minho, onde já leccionava, após o afastamento do Professor Romero, por parte do ministro Lourenço Marques. O primeiro reitor a ser eleito em Portugal foi, ainda membro do Instituto de Filosofia Luso Brasileira e da Academia das Ciências de Lisboa. Craveiro da Silva foi o primeiro responsável pelo Instituto Superior de Economia e Sociologia<sup>3</sup>, do qual foi também director. O cargo de Presidente do Conselho Cultural da Universidade do Minho (1995), também foi exercido por ele. Cargo esse que exerceu até morrer.

### **A Universidade e a construção do Homem**

Os homens valem segundo a cultura que os enriquece e o lar da cultura encontrasse na Universidade. Nela se instrui, se aumenta o conhecimento com novas investigações, floresce a liberdade e se convertem a formação dos espíritos. Deste modo, os homens tornam-se cada vez mais homens porque nela aprendem a ser livres na responsabilidade e assim a sua formação humana é bem mais profunda e duradoira.

---

<sup>2</sup> Lúcio Craveiro da Silva, *Ser Português, Ensaios de Cultura Portuguesa*, Centro de Estudos Artísticos, Universidade do Minho, 2000, pp.67.

<sup>3</sup> A Universidade de Évora foi criada graças a este Instituto.

Além disso, desenvolvem a sua capacidade crítica de acordo com as novas exigências do dia-a-dia. No entanto, ser universitário não é um simples emprego e nem equivale em rigor a uma profissão. Ser universitário é acima de tudo, um serviço e uma vocação. É uma pesquisa constante de “o que somos”, “onde estamos” e a finalidade da nossa existência. Ora, esta luta, que é também um serviço, por um lado enche-nos de justa satisfação, pois surge numa profunda exigência da natureza humana, mas é por outro lado, mostrasse difícil e por vezes esgotante porque tem de evitar miragens aparentes, armadilhas e ideologias que nos seduzem, brilhos superficiais que nos oferecem indubitavelmente respostas cómodas, inconsequentes que não são soluções e certezas aparentes.

### **Tomada de posse como Reitor eleito da Universidade do Minho**

Para Craveiro da Silva tomar posse de um cargo que o situava no centro da vida universitária era motivo de orgulho, satisfação e sobretudo de responsabilidade. No entanto, sempre preferiu a vida privada de estudo, silenciosa, palpitante de investigação e posteriormente de ensino. Contudo, tal como mencionou, a inspiração não tem horas fixas, o objecto de estudo não está à espera de um sinal de vontades alheias, mas que tudo cai por terra quando, “por uma série inesperada de circunstâncias, é a própria Universidade que nos chama; e o maior serviço que posso prestar aos homens, nossos irmãos, no domínio da Cultura, é servir a Universidade”. Com efeito, a realização da investigação é a luta mais bela, difícil e fecunda que se trava na vida e alma do universitário. Essa investigação enriquece e justifica o ensino em colaboração com os colegas e o diálogo com os alunos. Assim, a investigação tudo atinge, tudo renova. Sem ela, nos dias de hoje não haveria a verdadeira civilização.

### **Breves traços da sua filosofia**

“ A cultura e os problemas portugueses são a casa onde vivo e respiro”

Este arquitema atravessa toda a obra de Craveiro da Silva. Deste modo, é nos domínios da Filosofia e Cultura Portuguesa – é o próprio Lúcio Craveiro da Silva que intitula *Ensaio de Filosofia e Cultura Portuguesa* no seu livro publicado em 1994 -, que encontramos um conjunto de estudos incontornáveis para apreender o seu pensamento. As suas análises atraem sem dúvida a atenção do estudioso, quer pelo prisma reflexivo do ontem, quer porque rasgam novas clareiras na compreensão do hoje. Está patente uma produção e profundidade de análises jamais imaginadas quer por uma melhor asseveração aos estudos feitos, quer ao permanente estímulo de revisão versátil e crítica construtiva. Com efeito, é pela teoria da História, de singular recorte ecuménico que vê o grande legado de Paulo Orósio no século V que “ não pretendeu fazer mera narrativa dos acontecimentos nem encontrar apenas as causas próximas que os motivaram. Quis, através dessa narrativa, estabelecer as leis que regem a história da humanidade, encontrar o sentido profundo do seu desenvolvimento, descobrir o êmbolo dos acontecimentos.” Assim, Craveiro da Silva faz uma junção entre as teorias de Paulo Orósio e Santo Agostinho. Se Santo Agostinho confiava na reabilitação da civilização romana, na qual vivia, Paulo Orósio pertence já a outra geração e insere-se numa cultura diferente na qual nutria uma profunda admiração pela Hispânia, mas que se inscreve numa nova pátria universal. Contudo, é necessário distanciar estes dois nobilíssimos. Santo Agostinho foi o grande teólogo da história, enquanto Orósio foi o grande filósofo da história” se foram gregos os primeiros a conceberem as regras da história, foi Paulo Orósio, presbítero bracarense, quem primeiro escreveu com um sentido plenamente universal”.<sup>4</sup>

Craveiro da Silva também demonstrou particular interesse, senão um dos que mais mereceu a sua atenção, o Filósofo e Professor Francisco Sanches. Realça o seu “génio construtivo” que não se deixou amesquinhar ou debilitar perante a fragilidade do conhecimento e a pobreza das forças humanas de acção, perdidas em insucessos em erros e perversões do seu estudo. Foi incompreendido, no entanto, segundo Craveiro da

---

<sup>4</sup> “Introdução a Paulo Orósio”, 1985, *Ensaio de Filosofia e Cultura Portuguesa*, Braga, Faculdade de Filosofia, 1999, p.20  
Doravante, EFCP

Silva “ele foi, sobretudo a meu ver, um dos prefaciadores mais argutos da nova época que ia surgir”<sup>5</sup> Estes estudos delineiam o seu perfil filosófico nas correntes do tempo, não só como prólogo à dúvida metódica cartesiana e à filosofia do Cogito, do pensamento em geral, mas também rasgando as novas vias do conhecimento experimental que Bacon sistematizará.

Sobre Inácio Monteiro, uma das figuras centrais na evolução da cultura portuguesa do século XVIII, acresce referir, a presença do mesmo na Universidade de Ferrara, quer desempenhando as funções de Prefeito dos estudos, quer na reforma da organização do ensino. Num e noutro estudo o Professor Craveiro da Silva, com uma introspectiva incursão nos textos revela “a ampla síntese das ciências e, em parte, da filosofia do tempo” que são analisadas sobretudo com base e esteio para as soluções filosóficas.

O estudo sobre “Silvestre de Moraes, Filósofo” em 1989, versa sobre o positivismo em Portugal. Contudo, Moraes não admite soluções simplesmente abstractas, metafísicas por sinal, nem simplesmente concretas ou empíricas. Na verdade noticia-se o “Universo como forma de um todo, vivo, sem princípio nem fim, matéria e energia, que se vai manifestando de inúmeras formas”<sup>6</sup>. Deste modo, essas explicações são ilusórias ou simbólicas recorrendo ao passado e até futuro da nossa existência. São transcendentais que se encontram na ciência e na filosofia simultaneamente.

É em “Filosofia e poesia em Teixeira de Pascoaes” que encontramos um vibrante trabalho sobre a obra multifacetada de um poeta, filósofo, que abandonou a cidade e a própria profissão para se dedicar à sua missão de escritor e embrenhar-se de alma e coração, nas montanhas do Marão, à sua filosofia. A poesia é, então, teoria do conhecimento, é uma poética ou forma de conhecer ao lado da ciência. Enquanto esta é uma forma elementar do saber, a poesia penetra na essência das coisas. A poesia atinge vida, verdade e amor.

---

<sup>5</sup> “Francisco Sanches, Filósofo e Professor”, Bracara Augusta, em Estudos da Cultura Portuguesa, Braga, Centro de Estudos Humanísticos, 2002. Pp. 83-100, Doravante, ECP

<sup>6</sup> “Silvestre de Moraes, Filósofo” Revista Portuguesa de Filosofia, 45, Janeiro a Março 1989, pp. 21-41

“Determinaram certa orientação do nosso espírito”

É particularmente na sua juventude académica que Craveiro da Silva se consubstanciou em Padre António Vieira e Antero de Quental. Este contacto permaneceu eternamente na sua vida. Analisa então o pensamento filosófico anterior desde “o pessimismo ao moralismo intuicionista”, com especial ênfase para a sua reacção antinaturalista. Deste modo, após um trabalho interpretativo original caracteriza o que domina de “antinomias anteriores” colocando em plena luz a estrutura dinâmica do Poeta-Filósofo, que se revela numa rica oposição interna que profundamente se desenvolveu naquele que porventura terá sido o maior esforço filosófico sistemático de todo o século XIX. No entanto, acerca do Padre António Vieira apenas confessa que “foi um autor com quem sempre convivi”<sup>7</sup>. É de notar a clareza e convicção que demonstra pelo Padre António Vieira. Ao Jesuíta já havia dedicado o texto a “Saudade em António Vieira”<sup>8</sup>, no livro de 1998 onde reúne os vários estudos, seja acerca da arrojada acção em prol dos índios e os negros empreendida por “essa figura extraordinária”. Revela que é um estudo que vale sempre ler e reler, quer pelos novos dados trazidos ao lume pelo Padre Lúcio Craveiro da Silva quer pela polémica que trava com António José Saraiva acerca deste estudo e a oposição de metodologias do mesmo.

### **Marcas na Cultura**

As obras publicadas por Craveiro da Silva são muito vastas. Estas vão desde notícias, comentários, relatórios, prefácios, livros, artigos, até inclusivamente uma necrologia.

A área de interesses destas obras é sobretudo a da Cultura Portuguesa, da história do pensamento filosófico Português e da temática ético-social<sup>9</sup>. A obra “Estudos Filosóficos” foi promovida por ele. Quando ocorreu a inauguração da Biblioteca<sup>10</sup>, que tem o seu nome, estava a trabalhar no “Dicionário Crítico da Filosofia Portuguesa”. Recebeu a condecoração de Grande Oficial da Ordem e da Instrução

<sup>7</sup> Padre António Vieira e Antero de Quental: ensaios, Braga, Universidade do Minho/Centro de Estudos Humanísticos, 1998

<sup>8</sup> “A saudade em António Vieira”, Colóquio: Revista de Letras e Artes, 2 em EFCP, pp. 131-136

<sup>9</sup> Cabral, Roque, Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura, Editorial Verbo, Edição Século XXI, Março, 2003.

<sup>10</sup> A Biblioteca Craveiro da Silva abriu em 21 de Dezembro de 2004. Nasceu do interesse manifestado pela Universidade do Minho e da Câmara Municipal em integrarem o projecto Bibliopolis.

Pública e a Medalha de Honra da Câmara Municipal de Braga. A última obra que terá realizado foi o discurso de admissão para a Academia de Ciências de Lisboa, sobre o Padre António Vieira e os seus últimos anos de vida. Aquando do seu falecimento em 2007, muitos foram aqueles que quiseram deixar as suas últimas palavras ao grande senhor que foi Lúcio Craveiro da Silva. Um destes homens foi o Arcebispo de Braga que referiu que Craveiro da Silva foi «um sacerdote que ao longo da sua vida deixou marcas profundas no mundo da cultura»<sup>11</sup>, salienta ainda que pelo facto de ter sido o primeiro reitor eleito em Portugal «só mostra a sua capacidade de pensamento e a forma abrangente de pensar»<sup>12</sup>. D. Jorge Ortiga fala do «pensamento humilde»<sup>13</sup> de Craveiro e destaca também a sua «cultura invulgar»<sup>14</sup> e de ter estado sempre na «vanguarda do pensamento». O Prelado refere ainda que «Lúcio Craveiro da Silva esteve nos alicerces da Universidade Católica em Portugal que surgiu através da Faculdade de Filosofia de Braga»<sup>15</sup>. Também o nosso Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva, deixou a sua mensagem de condolências:

«Ao tomar conhecimento do falecimento do Prof. Doutor Lúcio Craveiro da Silva, o que muito lamento, quero testemunhar o grande contributo que deu para o desenvolvimento e projecção do ensino universitário no Norte de Portugal. Eminente académico, saliento especialmente o facto de ter sido o primeiro reitor eleito da Universidade do Minho, representando o seu desaparecimento uma grande perda da cultura portuguesa. As suas elevadas qualidades humanas tornaram-no uma figura merecedora da admiração e respeito de todos os que o conheceram e com ele privaram.»<sup>16</sup>

### **A distinção do povo Português**

Lúcio Craveiro da Silva foi convidado a proferir uma palestra em que o tema abordado foi «Ser Português». Os universitários que tiveram a oportunidade de ouvir a exposição terão ficado, quase com toda a certeza, com orgulho de serem portugueses. O orador congratulo-os com as suas experiências pessoais, para melhor fazer passar a

---

<sup>11</sup> [www.agencia.ecclesia.pt](http://www.agencia.ecclesia.pt)

<sup>12</sup> [www.agencia.ecclesia.pt](http://www.agencia.ecclesia.pt)

<sup>13</sup> [www.agencia.ecclesia.pt](http://www.agencia.ecclesia.pt)

<sup>14</sup> [www.agencia.ecclesia.pt](http://www.agencia.ecclesia.pt)

<sup>15</sup> [www.agencia.ecclesia.pt](http://www.agencia.ecclesia.pt)

<sup>16</sup> [www.presidencia.pt](http://www.presidencia.pt)

mensagem que pretendia transmitir. Iniciou o seu discurso dizendo aquilo que todos sentimos diariamente, ou seja, que não escolhemos o país, nem a família a que pertencemos. Crescemos e aos poucos a sociedade vai-se impondo. Tal como afirma Craveiro da Silva, quando somos jovens não nos questionamos acerca da nossa nacionalidade ou como seríamos se tivéssemos outra pátria, outra cultura. A melhor forma de descobrirmos e de nos acharmos portugueses, de nos consciencializarmos do que realmente significa essa palavra é irmos ao estrangeiro<sup>17</sup>. Craveiro da Silva ao partir para além fronteiras a fim de terminar os seus estudos, saiu com em espírito aberto, ávido para conhecer e compreender outras culturas. A desilusão<sup>18</sup> não demorou a chegar, pois poucos eram aqueles que conheciam a nossa história e muitos consideravam-nos espanhóis. Por outro lado, haviam aqueles que já tinham estado em Portugal e que falavam com apreço de nós. O conhecimento directo para ser uma mais-valia para os portugueses, Possuímos algo, que até nós parecemos desconhecer, mas que cativa quem nos vem visitar. Algumas visitas turísticas fizeram com que Craveiro da Silva relembresse ainda mais a beleza e a singularidade das nossas pequenas maravilhas. Visitou o Norte de Itália com uns amigos que lhe fizeram ver a beleza de um santuário com capelinhas, que se situavam num monte. Nesse instante, confessa Lúcio, que se deu conta do valor do Bom Jesus de Braga, monumento semelhante ao de Itália. Contudo, lembrou ainda um estudo realizado por um director do afamado museu do Louvre, em que era frisado que o Bom Jesus de Braga «no género, era o melhor monumento na integração da arquitectura na natureza e, nesse sentido, uma das melhores expressões da arte barroca»<sup>19</sup>.

Reconhecemos com tanta facilidade grandes monumentos estrangeiros, graças à propaganda, que os nossos igualmente importantes acabam em esquecimento. Os tesouros portugueses parecem carecer de reconhecimento pessoal, para poderem ser devidamente apreciados. A cultura de um país não existe sem as suas gentes. Pois bem, até na forma de ser o povo Português parece apresentar diferenças consideráveis. A nossa própria história confirma esta afirmação. Na França, ou na Espanha aquando das

---

<sup>17</sup> Lúcio conta o que aconteceu a um amigo seu e que se relaciona com a partida dos portugueses para o estrangeiro: «Alçada Baptista assinala a descoberta do Brasil como um «choque». Há trinta anos quando foi pela primeira vez ao Brasil, descobriu que era Português. Nós vivíamos numa ditadura (...) vivia tudo por intermédio da França (...) Ao chegar ao Brasil e ver tudo escrito em português, avenidas enormes com nomes portugueses, menus com Bacalhau à Gomes de Sá (...). Chegou lá Francês e saiu Português», pp.67.

<sup>18</sup> «Quando, na preparação do meu doutoramento, propus a um professor um tema português logo me adiantou «mas vocês têm lá alguma coisa que valha?» E quem assim falava era professor universitário Afastei-me e prefiro não confessar o que lhe respondi.» Lúcio Craveiro da Silva, *Ser Português. Ensaios de Cultura Portuguesa*, Centro de Estudos Artísticos, Universidade do Minho, 2000, pp.69.

<sup>19</sup> pp.70.

guerras civis muitas vidas se perderam e foram cometidas tamanhas atrocidades, que ainda hoje provocam assombro. Nós, o povo Português, na nossa história não possuímos tamanhos índices de violência, aliás fomos o primeiro país a abolir a pena de morte. As nossas revoluções como a Batalha de Aljubarrota e a Guerra da Independência de 1640 (exemplos dados por Craveiro de Silva) parecem ser a prova do que a acabámos de revelar. Limitávamo-nos a expulsar, a prender e raramente a matar. Somos um povo hospitaleiro que não é «orgulhoso como o inglês, não cultivamos a violência e a atrocidade como os castelhanos, apreciamos a boa convivência não só entre nós mas também com os outros povos, respeitamos os seus costumes e as suas preferências, somos capazes de passar necessidades para acudir aos outros que precisam.»<sup>20</sup> Infelizmente, muitas vezes, esquecemos a nossa cultura e valorizamos a estrangeira. Tentamos imitar costumes e valores e esquecemos os nossos. Quando estrangeiros vêm a Portugal e elogiam o que nós temos é que começamos a dar valor<sup>21</sup>. Já fomos um povo grandioso que dominou metade do mundo. Contactávamos com o mundo inteiro, América, África, Oriente, mas incrivelmente, durante séculos, só possuímos uma Universidade. No entanto, é surpreendente como a nossa nação, apesar de ter perdido tudo isto e viver 60 anos sobre o domínio de estrangeiros, soube recuperar. Saímos de África, aquando da descolonização, porém os povos continuam a receber-nos amigável e calorosamente. A nossa língua ou a origem dela (o latim) também já foi fundamental em tempos recônditos, aquando do século XVII. A Rússia e a China andavam com problemas em delimitar as suas fronteiras. É aqui que entra um jesuíta português, que desempenhou um papel importante nas relações entre estes dois países. O Padre Tomás Pereira (1647-1708) servindo de intérprete, pois comunicava em latim com os russos e falava chinês com os chineses, foi fundamental para a conclusão do tratado de paz, entre estes países.

Actualmente «Portugal é informado destes e outros assuntos problemas pela comunicação social, pois há muito está arredado do centro das decisões dos acontecimentos mundiais»<sup>22</sup>. De realçar as qualidades deste português, cujos genes da boa colaboração com estrangeiros ainda circulam entre nós. Não sendo «um povo culto, mas sábio»<sup>23</sup>, soubemos ser os primeiros a aventurarmo-nos por mares nunca dantes navegados. Lúcio Craveiro da Silva questiona-se se a mensagem do nosso humilde povo

---

<sup>20</sup> pp.73.

<sup>21</sup> Como o vinho do Porto, o queijo da Serra da Estrela, Fernando Pessoa, etc.

<sup>22</sup> Actas do I Congresso Internacional, Humanismo Novilatino e Pedagogia, (Gamática, Criações Maiores e Teatro), Universidade Católica Portuguesa, Braga, 1999, (Faculdade de Filosofia), pp152.

<sup>23</sup> pp.75.

terminou com o império conquistado, ou se antes pelo contrário não tem a «propor ao mundo actual, mais independente mas envolvido em guerras de raças e religiões e em lutas económicas e sociais, o sentido da solidariedade sincera e o sabor de uma vida humana sem opressões, sem orgulhos, mas fraterna.»<sup>24</sup> Somos diferentes e se não fossemos tão pequenos e não tivéssemos tanta dificuldade em afirmarmo-nos como um povo com um grande história, um povo humano e generoso seríamos reconhecidos, por todos.

---

<sup>24</sup> pp.75.

*Influências*  
*Predominantes*

# Santo Agostinho

## As Confissões de Santo Agostinho<sup>25</sup> e a vida de todos nós<sup>26</sup>

<sup>25</sup> Agostinho cresceu no norte da África colonizado por Roma, educado em Cartago. Foi professor de retórica em Milão em 383. Seguiu o Maniqueísmo nos seus dias de estudante e se converteu ao cristianismo, conforme narra, pelas orações de sua mãe Santa Mónica e pela pregação de Ambrósio de Milão. Foi baptizado na Páscoa de 387 e retornou ao norte da África, estabelecendo em Tagaste uma fundação monástica junto com alguns amigos. Em 391 foi ordenado sacerdote em Hipona. Defendeu também o uso de força contra os Donatistas, perguntando "Por que (...) a Igreja não deveria usar de força para compelir seus filhos perdidos a retornar, se os filhos perdidos compelem outros à sua própria destruição?" (A Correção dos Donatistas, 22- Em 395, foi nomeado bispo assistente de Hipona (com o direito de sucessão em caso de morte do bispo corrente), e permaneceu como bispo de Hipona até sua. Deixou seu mosteiro, mas manteve vida monástica em sua residência episcopal. Deixou a Regula para seu mosteiro que o levou a ser designado o "santo Patrono do Clero Regular", que é uma paróquia de clérigos que vivem sob uma regra monástica. Agostinho morreu em 430, durante o cerco de Hipona pelos Vândalos. Diz-se que ele encorajou seus cidadãos a resistirem aos ataques, principalmente porque os Vândalos haviam aderido ao arianismo que Agostinho considerava uma heresia. Agostinho foi canonizado por reconhecimento popular e reconhecido como um Doutor da Igreja. O seu dia é 28 de Agosto, o dia no qual ele supostamente morreu. Ele é considerado o santo padroeiro dos cervejeiros, impressores, teólogos e de um grande número de cidades e dioceses. Agostinho foi um autor prolífico em muitos géneros - tratados teológicos, filosóficos, comentários de escritos da Bíblia, além de numerosos sermões e cartas. Muitas de suas obras tem carácter polémico por causa dos conflitos que ele enfrentou. Isso levou São Posídio, amigo e primeiro biógrafo de Agostinho, a classificá-las conforme os adversários combatidos: pagãos, astrólogos, judeus, maniqueus, priscilianistas, donatistas, pelagianos, arianos e apoliticistas. Em 387 escreveu Solilóquios. Entre 399-422, escreveu A Trindade, uma das principais obras que apoia a crença na SS. Trindade de Deus. As suas Confissões, escritas entre os anos 397-398, são geralmente consideradas como a primeira autobiografia. Agostinho descreve sua vida desde sua concepção até à sua então relação com Deus, e termina com um longo discurso sobre o livro do Génesis, no qual ele demonstra como interpretar as escrituras. A consciência psicológica e auto-revelação da obra ainda impressionam leitores. Entre 413-422, escreveu a famosa obra A Cidade de Deus. No fim da sua vida, Agostinho revisitou os seus trabalhos anteriores por ordem cronológica e sugeriu que teria falado de forma diferente numa obra intitulada Retracções, que nos daria uma imagem considerável do desenvolvimento de um escritor e os seus pensamentos finais, além de se arrepender de ter utilizado demais filósofos pagãos. Santo Agostinho é chamado de o "Doutor da Graça", por sua compreensão do tema. Na história do pensamento ocidental, sendo muito influenciado pelo platonismo e neo-platonismo, particularmente por Plotino. Agostinho foi importante para o baptismo do pensamento grego e a sua entrada na tradição cristã e, posteriormente, na tradição intelectual europeia. Também importantes foram os seus adiantados e influentes escritos sobre a vontade humana, um tópico central na ética, que se tornaram um foco para filósofos posteriores, como Schopenhauer e Nietzsche, mas ainda encontrando eco na obra de Camus e Hannah Arendt (ambos os filósofos escreveram teses sobre Agostinho). É largamente devido à influência de Agostinho que o cristianismo ocidental concorda com a doutrina do pecado original e a Igreja Católica sustenta que baptismo e ordenações feitos fora dela podem ser válidos (a Igreja Católica Romana reconhece ordenações feitas na Igreja Ortodoxa Oriental e Ocidental, mas não nas igrejas protestantes, e reconhece baptismos de algumas das igrejas cristãs). Os teólogos católicos geralmente concordam com a crença de Agostinho de que Deus existe fora do tempo e no "presente eterno"; o tempo só existe dentro do universo criado. O pensamento de Agostinho foi também basilar na orientação da visão do homem medieval sobre a relação entre a fé cristã e o estudo da natureza. Ele reconhecia a importância do conhecimento, mas entendia que a fé em Cristo vinha restaurar a condição decaída da razão humana, sendo portanto mais importante. Agostinho afirmava que a interpretação das escrituras deveria ser feita de acordo com os conhecimentos disponíveis, em cada época, sobre o mundo natural. Escritos como sua interpretação do livro bíblico do Génesis, como o que chamaríamos hoje de um "texto alegórico", iriam influenciar fortemente a Igreja medieval, que teria uma visão mais interpretativa e menos literal dos textos sagrados. Tomás de Aquino tomou muito de Agostinho para criar sua própria síntese do pensamento grego e cristão. Dois teólogos posteriores que admitiram influência especial de Agostinho foram João Calvino e Cornelius Jansen. O Calvinismo desenvolveu-se como parte da teologia da Reforma, enquanto o Jansenismo foi um movimento dentro da Igreja Católica; alguns Jansenistas entraram em divisão e formaram a sua própria igreja.

A exegese

A exegese de Ambrósio está centrada no Antigo Testamento, e o jovem ouvinte Agostinho declara ter frequentemente encontrado aí resposta para questões perturbadoras. Não se conhece dele a não ser um único escrito consagrado ao Novo Testamento, aliás o mais volumoso. O texto de Lucas é estudado sistematicamente, como o são, no caso do Antigo Testamento, a narrativa da criação, doze Salmos e as 22 estrofes do Salmo 118. Habitualmente, o texto anunciado por Ambrósio é antes um pretexto. Ora reagrupa deliberadamente um florilégio de citações bíblicas comentadas em torno de um tema: a morte, a fuga dos séculos, a felicidade..., ora prolonga o texto de partida mediante outro texto da Escritura no qual se demora longamente: o reencontro de Isaac e Rebeca desemboca definitivamente no Cântico dos cânticos. Muitas vezes a personagem principal do texto torna-se a encarnação de uma virtude, e o comentário torna-se um tratado sobre a paciência, a castidade ou o jejum... Esse desenvolvimento supõe uma interpretação alegórica. Ambrósio, sem negá-lo, ultrapassa constantemente os factos históricos. Nos quatro poços cavados pelos servos de Isaac (Gn 26 15-24), ele descobre não verdades "terrestres", mas do "espiritual", "a profundidade de uma ciência abissal", uma tripla sabedoria inspirada nas três partes da filosofia antiga, que ele situa além do racional: moral, física (ou metafísica) e mística, divisão, essa encontrada pelo menos quinze vezes na sua obra. Algures, ele vê nos personagens e acontecimentos do Antigo Testamento as realidades da vida de Cristo. Noé e as águas do dilúvio são "tipos" que anunciam a "verdade": Jesus, seu sangue e as águas do Baptismo. Alegoria e tipologia misturam-se numa procura progressiva de Deus, que tem seus altos e baixos, enquanto espera a visão. Já se chamou muitas vezes a atenção para os empréstimos de Ambrósio na sua obra Os quatro poços (cf. Gn 26,15-24) terem sido explicados precedentemente por Ambrósio no seu contexto (IV, 22), em que o primeiro poço, chamado poço da visão, é identificado com a parte racional da alma.

Moral, física e mística

Do mesmo modo, no próprio livro do Cântico, Salomão exprimiu claramente esta tripla sabedoria, embora tenha sido nos Provérbios que ele disse que aquele que quisesse entender a sabedoria devia escrevê-la três vezes para si mesmo (cf. Pr 22,20) No Cântico, pois, a esposa diz ao esposo: “Como és belo, meu querido, como és gracioso! Como é verdejante o nosso leito! As colunas de nossa casa são os cedros e os lambris, os pés de zimbros” (1,16-17). Podemos entender esta passagem da moral. Onde, pois, Cristo descansa com a Igreja, senão nas obras de seu povo? Porque onde reinavam lascívia, orgulho, iniquidade, Jesus diz: “O Filho do Homem, porém, não tem onde recostar a cabeça” (Mt 8,20). A respeito da física, que ficamos nós a saber? Ela diz: “Sento à sua sombra, assim como eu desejo; o seu fruto é doce ao meu paladar” (Ct 2,3). Porque aquele que se eleva acima das coisas terrestres e para o qual as coisas deste mundo estão mortas, porque o mundo está crucificado para ele e ele para o mundo (Gl 6,14), despreza tudo o que existe debaixo do sol e de tudo foge. A respeito da mística ele diz: “Faz-me entrar na taberna, seu estandarte sobre mim é Amor” (Ct 2,4). Porque assim como a vinha rodeia a sua parreira, assim também Jesus, como uma vinha eterna, rodeia de alguma maneira o seu povo, com os braços do amor. (Surlsaac et l’âme, IV, 27-29, PL, 14, 512 C-153 A = CSEL, 32/1, pp. 659, 21-660, 16, trad. G. Nauroy, a partir de 5. Sagot).

#### O Problema do Mal

No seu livro 'O Livre arbítrio', Santo agostinho tenta provar de forma filosófica de que Deus não é o criador do mal. Pois, para ele, tornava-se inconcebível o fato de que um ser tão bom, pudesse ter criado o mal. A concepção que agostinho tem do mal, esta baseada na teoria platónica, assim o mal não é um ser, mas sim a ausência de um outro ser, o bem. O mal é aquilo que “sobraria” quando não existe mais a presença do bem. Deus seria a completa personificação deste bem, portanto não poderia ter criado o mal. No diálogo com seu amigo Evódio, Agostinho tenta explicar-lhe de que a origem do mal está no Livre Arbítrio concedido por Deus. Deus em sua perfeição, quis criar um ser que pudesse ser autónomo e assim escolher o bem de forma voluntária. O homem, então, é o único ser que possui as faculdades da vontade, da liberdade e do conhecimento. Por esta forma ele é capaz de entender os sentidos existentes em si mesmo e na natureza. Ele é um ser capacitado a escolher entre algo bom (proveniente da vontade de Deus) e algo mal (a prevalência da vontade das paixões humanas). Entretanto, por ter em si mesmo a carga do pecado original de Adão e Eva, estaria constantemente tendencioso a escolher praticar uma acção que satisfizesse suas paixões (a ausência de Deus em sua vida). Deus, portanto, não é o autor do mal, mas é autor do livre arbítrio, que concede aos homens a liberdade de exercer o mal, ou melhor, de não praticar o bem.

#### A moral

Se a obra exegética de Ambrósio, divulgada sob este nome, é preponderante, nem por isso o bispo de Milão deixa de ser essencialmente um moralista. Ele é, antes de tudo, o autor de uma célebre exposição geral de moral prática. Sobre os deveres dos clérigos, inscreve-se na moldura do tratado Sobre os deveres, de Cícero: “Ele adoptou ou adaptou o título da obra de Cícero na sua formulação textual”, escreve G. Madec, mas a crítica, mesmo admitindo alguma influência “provavelmente (...) mais importante do que aquela que Ambrósio não teria querido”, destaca a sua vontade de independência e considera os empréstimos mais literários que filosóficos. Por meio do honesto (I), do útil (II) e de seus conflitos (III), o autor trata, em especial, sobretudo na primeira parte, das grandes virtudes que ele chama de cardeais: a prudência, a justiça acompanhada da beneficência, da benevolência e até da gratidão, a fortaleza e a temperança. Mas a Bíblia insufla outra alma nesse corpo e toda a actividade moral está orientada para a vida eterna. A obra, de composição fluida e de terminologia equívoca, mal emanada de Cícero e de uma Antiguidade ao mesmo tempo explorada e contestada, não é uma síntese entre o cristianismo e o estoicismo predominante, nem ‘o primeiro tratado de moral cristã, mas uma série de definições e de conselhos, na maioria das vezes tradicionais, dirigidos sobretudo aos clérigos, mas também ao povo cristão. Ambrósio é mais ele próprio num grande número de estudos e de exortações particulares. É o caso de uma parte das suas cartas, em que ele trata com Simpliciano da “verdadeira liberdade”, com o conde Studion da demência cristã no exercício da justiça, com o diácono Ireneu do bem supremo... É também o caso, com o já vimos, de muitos escritos exegéticos, em que se assiste ao desfile da paciência com Jó, da castidade com José, do jejum com Elias, da penitência e do perdão dos grandes com David... Se procurarmos temas predominantes, poderíamos ficar, no bem, com a misericórdia e, no mal, com o abuso das riquezas. Certas formas da misericórdia aparecem já no objecto mesmo dos opúsculos e comentários enumerados. No tratado Da penitência, o autor sublinha a compaixão de Cristo, oposta à intransigência dos novacianos. Pede para si mesmo “a graça da compaixão”, que chama de “a virtude suprema”. Convida apesar de alguma forma a fraqueza humana nos próprios ombros em lugar de rejeitá-la”. Faz alusão à “ovelha cansada”, tema que ele trata magnificamente no final da sua Exposição sobre o Salmo 118: “Vem, pois, Senhor Jesus, procurar teu servo, procurar a ovelha cansada (...). Vem trazer a salvação à terra, a alegria ao céu”. “Os braços de Cristo são os braços da cruz”, diz ele algures. Nabot encarna precisamente o homem vítima da dureza e do egoísmo. É ocasião de páginas terríveis contra a rapacidade dos ricos: “São os vossos imensos palácios que vos enchem de orgulho? (...) Recobris os muros enquanto desnudais os homens. (...) A pedra preciosa que cintila no teu dedo poderia muito bem salvar a vida de todo um povo”. Ambrósio encontra também na história de Tobias ocasião para denunciar a usura e a avarizia. Com as suas sátiras, desprende uma moral do uso dos bens terrenos em que se percebe facilmente a marca dos Capadócijs. Mas existe um ponto sobre o qual ele talvez insistia mais do que eles no conjunto da sua obra: a comunidade original das riquezas. A tese aparece em Comentário do Hexaémeron e sobre Nabot, em que ela pode até provir dos seus mestres gregos, mas as expressões mais vigorosas encontram-se na Exposição sobre o Salmo 118 e nos Deveres dos clérigos, tratado sistemático, em que elas são inspiradas em Cícero e, às vezes, tiradas dele literalmente. «Vem procurar a tua ovelha” (...) Vem, pois, Senhor Jesus, procurar teu servo, procurar a ovelha perdida. Vem, pastor, procurar-me, como José procurou suas ovelhas. Tua ovelha andava desgarrada enquanto tu, lá nas montanhas, habitavas. Deixa lá as tuas outras noventa e nove ovelhas e vem procurar a única que se desgarrou. (...) Vem, mas não com a vara, mas com a caridade e a mansidão do espírito. 29. Não hesite em deixar na montanha as tuas noventa e nove ovelhas; demorando nas montanhas, elas não precisam de temer a incursão dos lobos rapaces. (...) Vem procurar-me, pois eu também te procuro. Procura-me, encontra-me, toma-me contigo; leva-me. Aquele que procuras, podes encontrá-lo; digna-te a acolher aquele que tiveres encontrado e colocá-lo sobre teus ombros. Esta piedosa carga está longe de ser fastidiosa para ti, nem fastidioso este transporte de justiça. (...) Aquele que deixaste para trás não haverá de ficar tristes; pelo contrário, darão graças pelo retorno do pecador. Vem trazer a salvação à terra, a alegria ao céu. 30. Vem procurar a tua ovelha, não por intermédio de servos ou mercenários, mas vem em pessoa. Toma-me nesta carne que, em Adão, foi um fracasso; toma-me a mim, saído não de Sara, mas de Maria, virgem incorruptível, virgem pela graça de qualquer mancha de pecado. Leva-me sobre tua cruz, salvação dos que erram, único lugar de repouso para quem está fatigado, único elemento de vida para quem morre. (Exposé du Ps. 118, sermão 22, trad. D. Gorce).

---

A terra é de todos

A natureza derramou todas as coisas em comum para todos. Com efeito, Deus mesmo ordenou que todas as coisas fossem criadas de tal sorte que o alimento fosse comum para todos e que a terra, por conseguinte, fosse uma espécie de propriedade comum de todos. Foi, pois, a natureza que produziu o direito comum, e a usurpação (usurpatio) que criou o direito de propriedade. Ora, sobre este ponto, dizem os filósofos, “os estoicos achavam que os produtos da terra são todos criados para as necessidades dos homens e que os homens foram gerados por outros homens, a fim de que eles próprios possam ajudar uns aos outros” (Cícero, *Dos deveres*, 1, 7, Ambrósio, *Surtes devoirs des clercs*, 1,28,132, C.U.F.,1984, p. 158, trad. M. Testard. O Senhor nosso Deus quis que esta terra fosse a posse comum de todos os homens e que os frutos dela fossem destinados a todos. Mas a avidez repartiu os direitos de propriedade. É, pois, justo, se reivindicássemos para ti em particular uma coisa que foi posta em comum para o género humano, ou antes para todos os seres vivos, que distribuas entre pobres pelo menos alguma coisa dela, de forma que não recuses o alimento a quem deves a partilha de teu direito. (Exposé du Ps. 118, VIII, 22, PL, 15, 1303 C-1304 A = CSEL, 62/5, pp. 163, 23-164, 3.) A natureza não é de forma alguma deficiente: ela deu os alimentos, não propôs vícios. Fez seus dons em comum, para que tu não reivindicasses certas coisas como próprias. (...) Os elementos são dados a todos em comum. (Sur l’Hexaéméron, V, 1, 2 e VI, 8,52, PL, 14, 206 C e 263 B = CSEL, 32/1, pp. 141, 16-18 e 244, 2-3) A terra foi estabelecida em comum para todos, tanto ricos como pobres; por que então vos arrogais para vós somente, ó ricos, o direito de propriedade? A natureza não conhece ricos, ela nos gera todos pobres. (Sur Naboth, 1, 2, PL, 14, 731 C, em A-G. Hamman, *Riches etpauvres...*, p. 220, trad. Fr. Quére-Jalmes). O mundo foi criado para todos, e vós, que sois uma minoria de ricos, quereis a todo o custo reivindicá-lo para vós. (SurNaboth, III, 11, PL, 14, 734 B, *ibid.*, p. 224). Não é teu aquilo que distribuis ao pobre, estás apenas lhe restituindo o que é dele. Porque foste tu que usurpaste aquilo que é dado a todos para o bem de todos. A terra pertence a todos, e não aos ricos. (SurNaboth, XII, 53, PL, 14, 747 B, *ibid.*, p. 252. Este texto é citado pela encíclica *Populorum progressio*, n. 23).

A virgem fecunda na Igreja

É assim que a Igreja é imaculada em sua união, fecunda em seu parto, virgem em sua castidade, mãe em seus filhos. Ela nos gera, pois, permanecendo virgem, tendo concebido não de um homem, mas do Espírito. Gera-nos na qualidade de virgem, não na dor de seus membros, mas na alegria dos anjos. Ela nos nutre como virgem não de um leite corporal, mas do leite [da doutrina] de que fala o Apóstolo (1 Cor 3,2) e que nutriu a infância ainda frágil do povo [de Deus]. Qual esposa tem mais filhos do que a santa Igreja, que é virgem em seus sacramentos, mãe em seu povo e cuja fecundidade a Escritura mesma atesta quando diz: “Ei-los aqui em multidão, os filhos da desolada mais numerosos que os filhos da desposada, diz o Senhor” (Is 54,1). É a nós que pertence aquela que não tem marido [terrestre], mas um Esposo [celeste], quer dizer, a Igreja para todos os povos, a alma para cada um daqueles que, pela palavra de Deus, sem que seu pudor seja atingido, se une ao Esposo eternal, indene, fecunda espiritualmente. (Sur les vierges, 1, 6, 31, PL, 16,197 CD, trad. L. Bouyer, *ibid.*, pp. 544-545).

A espiritualidade

Há poucos textos em que Ambrósio se entrega a uma fria filosofia. Seja qual for o género literário, a cada momento aflora sua alma apaixonada pelo Verbo. Esse homem de acção é um espiritual que faz da partilha do fervor um dever seu: Cristo deve “viver em mim e falar em mim”, diz ele comentando 5. Lucas. As sete cartas a Horonciano são um verdadeiro curso de espiritualidade. Nelas ele pede a seus discípulos que vivam continuamente na presença de Deus: “Aquele que procura a salvação de Deus medita dia e noite”. “Medita, pois, sempre, e tem sempre nos lábios as realidades divinas. (...) Fala contigo mesmo. (...) Fala enquanto caminha. (...) Fala durante o sono.” Ele situa no centro de sua vida Cristo, que é “tudo para nós”. A perfeição encarna-se nas virgens, às quais ele consagrou quatro tratados. Dá-lhes por modelo a Virgem Maria, “imagem da castidade e ideal da virtude”. Associa-as à fecundidade universal da Igreja, esposa de Cristo, “virgem em seus sacramentos, mãe em seu povo Mas todo cristão é convidado, como as virgens, à experiência mística vivida em Cristo. Sobre Isaac e a alma é a aventura da alma humana, que se purifica das volúpias carnaís para se unir à Rebeca, à sabedoria. Inversamente, Rebeca é também a alma ou a Igreja; ela é figura do Antigo Testamento, que vê vir para ela Isaac-o-Cristo. Na exposição sobre o Salmo 118, Ambrósio descreve poeticamente todos os acontecimentos da história do Verbo como tantos saltos da esposa na direcção da Igreja. Como a gazela do Cântico dos cânticos, “ele salta sobre as montanhas” que são Isaías, Jeremias, Pedro, Tiago e João. Mas, acrescenta ele, “se não podes ser uma montanha (...), sê ao menos um vale para que, sobre ti, suba Cristo”. Depois de ter “falado de Cristo e da Igreja”, passa a falar “à alma e ao Verbo”, a essa atenção em que “o Verbo, de ausente, se torna presente em nossos corações”. Assim, Ambrósio vincula sempre a união pessoal com o Verbo e a da Igreja com Cristo. Uma se faz na outra. Insiste sobre a oração na Igreja, convida a receber quotidianamente “o pão-nosso de cada dia”, o corpo de Cristo: “Recebe cada dia aquilo que deve te aproveitar cada dia (...). Aquele que não merece recebê-lo cada dia não merece recebê-lo uma vez por ano”. É preciso tornar quotidiano o hoje da ressurreição. É assim que se procura a construção da Igreja, Eva mística saída do novo Adão, que será um dia “transportada ao céu”. Ambrósio permaneceu a vida toda um dignitário romano. Ardente patriota, ao Império que abandonava progressivamente seus deuses tradicionais ele apresentou o cristianismo rigoroso como religião nacional diante dos invasores heréticos. Grande deste mundo, familiar de imperadores, longe de os bajular como bispo cortesão, ele os enfrenta nobremente quando sua consciência o convida a isso, chegando a impor-lhes mais de uma vez seu ponto de vista, mas como teólogo e sempre respeitando cada um deles. Ele se serviu algumas vezes de sua autoridade e até se alegrou com ela, mas foi para favorecer a ortodoxia, com certa falta de tolerância; mas previu e denunciou o perigo da confusão de poderes. Ele, tão firme diante do erro, diante da injustiça ou de sua ameaça, mostrase sensível aos imperadores crianças, como Graciano ou Valenciano II, ou mesmo ao grande Teodósio: “Eu amei este homem”. Sua correspondência com a irmã Marcelina é profundamente fraternal, e ele faz um duplo elogio, todo afectuoso, de seu irmão Sátiro, que renunciara à administração pública para dirigir seu palácio episcopal. Esse aristocrata não fizera sua revolução social para se tornar amoroso dos pobres e se colocar do lado dos pequeninos? Ele sempre se confessou pecador entre os pecadores, com uma comovente humildade. O próprio Santo Agostinho atesta a benevolência desse “homem de Deus”, que o acolheu com “a caridade de um bispo”: “Comecei a amá-lo”, escreve ele. Quem não o ama? Catecúmeno Agostinho é seduzido também pela eloquência do pregador e por sua exegese espiritual do Antigo Testamento. Ambrósio deixa uma obra abundante e variada. A delicadeza de sua fé, de seu coração e de sua pena inspira-lhe páginas de uma comovente beleza, dignas de entrar nos florilégios mais selectos. Sublinhasse naturalmente que ele tomou dos que o precederam e de seus contemporâneos o melhor de suas doutrinas, às vezes até na expressão. É bem verdade que ele lhes deve muito. Mas, se é um leitor dócil de seus colegas, que ajudam a traduzir a fé de sua Igreja, não deixa de manifestar sempre a respeito de seus inspiradores uma independência crítica. Plotino, mas sobretudo Philon e

---

Cícero não são menos fontes que modelos a contrariar, e dos quais ele parece sentir necessidade para formular e desenvolver seu próprio pensamento. Seja o que for, por sua abertura aos autores gregos, ele tem o mérito de haver colocado, com mais sedução que os tradutores, o Oriente ao alcance do Ocidente. Ambrósio, na página admirável que coroa sua exegese da obra dos seis dias, justifica o repouso de Deus: ele criara “o homem em sua perfeição”. Deus certamente descansou quando Ambrósio abriu os olhos.

#### Os segredos da experiência mística

A estas palavras, a alma colhe a embriaguez dos mistérios celestes, e, como que adormecida pelo vinho, e, por assim dizer, colocada num estado de êxtase e de arrebatamento, diz: “Eu durmo, e meu coração vela” (Ct 5,2). Então, surpreendida pela luz da presença do Verbo, enquanto ela repousava com as pálpebras dobradas, é despertada pelo Verbo (...). Pela quarta vez já, ele a desperta do sono, enquanto ela velava com o coração, a ponto de ouvir sempre a voz daquele que batia. Mas, tendo demorado um tanto para se levantar, por não poder alcançar a rapidez do Verbo, quando ela abre a porta, o Verbo já tinha passado. E ei-la que sai, fiada em sua palavra, para procurá-lo no meio de suas feridas, suas feridas de amor. A custo, finalmente ela o encontrou e o reteve, para nunca mais perdê-lo. (Sur Isaac et l’âme, VI, 50, PL, 14, 519 C-520 A = CSEL 32/1, 673, 21-675, 1).

#### Os saltos do Esposo rumo à Igreja e à alma

Ei-lo, diz-nos o Cântico do esposo, que vem, semelhante à gazela”. (...) Ele salta sobre as alturas para subir até a esposa. (...) Ele salta acima de Adão; passa por cima da sinagoga, salta sobre as nações; passa por cima dos juízes. Vejamos seus saltos: ele salta do céu ao seio da Virgem, de seu seio ao presépio, do presépio ao Jordão, do Jordão à cruz, da cruz ao túmulo, do sepulcro ao céu... Agora ele ainda salta, agora ele ainda corre do coração do Pai por cima de seus santos, do Oriente ao Ocidente, do Setentrião ao Meio-Dia. 7.(...) Deus é o deus das montanhas, não dos vales. Onde salta ele? “Sobre as montanhas.” Se é uma montanha, ele salta sobre ti. Ele salta sobre Isaías, salta sobre Jeremias, salta sobre Pedro, João, Tiago. “Há montanhas ao seu redor” (51 124,2). Se não podes ser uma montanha e não tens a envergadura dela, sejas pelo menos um vale para que, sobre ti, suba Cristo e, se ele vier passar, o faça de tal modo que sua passagem te guarde sob sua sombra. 8. Falamos de Cristo e da Igreja. Falemos agora da alma e do Verbo. A alma do justo é esposa do Verbo. Se ela deseja, se ela cobiça, se ela roga, e roga assiduamente e sem cessar, se ela está inteiramente voltada para ele, parece-lhe subitamente entender a voz daquele que ela não vê. (...) 9. Não é verdade que, quando temos em vista algum ponto das Escrituras sem poder encontrar a explicação disso, parece-nos de repente vê-lo subir sobre os ensinamentos mais elevados, como sobre as montanhas, depois, parece-nos como sobre as colinas, iluminar nosso espírito, para levar até o íntimo de nosso sentido o que nos parece difícil chegar a encontrar. O Verbo, a partir de então, de ausente se torna presente em nossos corações... (Exposé du Ps. 118, sermão 6, PL, 15, 1269 C-1270 C, trad. D. Gorce).

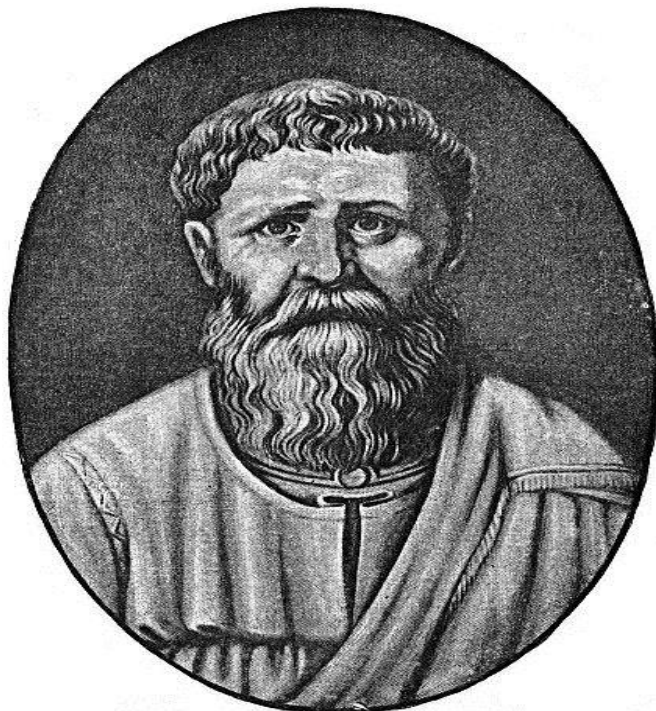
#### Da Eva carnal à nova Eva

(...) A mãe dos viventes é a Igreja que Deus construiu tendo por pedra angular o próprio Cristo, no qual todo o edifício está aparelhado e se eleva para formar um templo (Ef 2,20). 87. Que venha Deus, pois; que construa a mulher: a outra como ajuda de Adão, esta para Cristo; não que Cristo precise de um auxiliar, mas porque desejamos, nos, e procuramos chegará graça de Cristo por meio da Igreja. No momento ela ainda está em construção, por enquanto ela ainda se forma, por enquanto ainda a mulher está sendo moldada, por enquanto ela ainda está sendo criada. (...) Vinde, Senhor Deus, construí esta mulher, construí a cidade. Que vosso servo venha também; porque creio em vossa palavra: “E ele que construirá minha cidade” (Is 45,13). Eis a mulher, mãe de todos, eis a morada espiritual, eis a cidade que vive para sempre, porque ela não poderia morrer: é precisamente ela a cidade de Jerusalém, que agora vemos sobre a terra, mas que será arrebatada para o alto com Elias. (Exposé de l’Évangile selon Luc, II, 86-88, SC, n. 45 bis, pp. 113-114, trad. G. Tissot).

#### A humildade de um bispo

Possas tu reservar-me, a mim também, ó Jesus, o cuidado de lavar teus pés, que sujaste enquanto caminhavas em mim! Possas tu apresentar-me, para que eu as lave, as manchas de teus pés, que prendi a teus passos por minha conduta! Mas onde encontrarei a água viva com a qual poderia lavar teus pés? Não tenho água, mas tenho lágrimas. Possa eu, lavando teus pés com elas, purificar-me a mim mesmo! Como fazer para que tu possas dizer de mim: “Muitos pecados lhe são perdoados, porque ele muito amou”. Confesso que minha dívida é mais considerável, mas que muita coisa me foi perdoada, a mim que fui arrancado ao barulho das querelas do fórum e às terríveis responsabilidades da administração pública para ser chamado ao sacerdócio. Temo, pois, ser considerado um ingrato se amo menos, quando muito me foi perdoado. (...) 71. Digna-te, pois, vir, Senhor Jesus, a este túmulo que sou! Lava-me com tuas próprias lágrimas, porque em meus olhos demasiado secos não encontro lágrimas suficientes para poder lavar minhas faltas. Se chorar por mim, estarei salvo. Se sou digno de tuas lágrimas, estarei livre do mau odor de todas as minhas faltas. Se eu for digno de que chores nem que seja um pouco, tu haverás de chamar-me para fora do túmulo deste corpo, dizendo: “Vem para fora!” (...) 73. Vela, Senhor, sobre teu presente; tem sobre tua custódia o dom que me fizeste apesar de minha resistência! Eu sabia que não era digno de ser chamado ao episcopado, porque eu me tinha entregado totalmente a este mundo. É por tua graça que sou o que sou. E sou, sem a menor dúvida, o mínimo de todos os bispos e o mais pobre em méritos. Mas uma vez que também eu empreendi algum trabalho por tua santa Igreja, encarrega-te dos frutos deste trabalho. Não permitas que se perca, agora que é ele sacerdote, aquele que chamaste ao sacerdócio quando ainda estava perdido. E acima de tudo, permite-nos saber partilhar do fundo do coração a aflição daqueles que pecam. E esta a virtude suprema, pois está escrito: “Não te rejubilarás sobre os filhos de Judá no dia de sua ruína e não farás grandes discursos no dia de sua tribulação”. Cada vez que se trata do pecado de alguém que caiu, que eu seja o primeiro a compadecer dele! Possa eu, em vez de me derramar em invectivas com orgulho, de preferência gemer e chorar, de tal modo que ao chorar o outro, chore também a mim mesmo, dizendo: “Tamar é mais justa do que eu!”. (Sur la Pénitence, II, 8, 67-73, SC, n. 179, pp. 177-181, trad. R. Gryson).

#### O repouso de Deus no homem



### Santo Agostinho

A vida cultural, como tudo o que é humano não é linear. Por isso, a realidade Autobiográfica de Santo Agostinho expressa no livro das Confissões, desperta-nos para a sedução e espontaneidade da sua escrita. Tudo o que identifica a filosofia de Santo Agostinho esta patente nessa obra-prima. A necessidade de relatar a existência de Deus, da Verdade é notória. A criação de um mundo espiritual e material, o qual tomei conhecimento nas acesas discussões na disciplina de Filosofia no 12ºAno, são reflexos da verdade subsistente. O exemplarismo, a providência, a explicação do mal, a teoria da

---

Que aqui termine nossa exposição, pois o sexto dia já se terminou e a totalidade do mundo á se completou; quero falar agora do homem em sua perfeição. Nele estão contidos os princípios de todos os seres animados e de alguma maneira a totalidade do universo, e toda a beleza da criação. Decerto fazemos silêncio porque Deus repousou de todas as obras deste mundo. Repousou no retiro do coração do homem. Repousou em seu espírito, em seu pensamento. Ele tinha moldado, com efeito, um homem capaz de razão, seu imitador, rival de suas virtudes, ávido das graças celestes. Deus repousa neles, ele diz: “E para este que eu olho: para o humilhado, o que tem o espírito abatido, e que treme à minha palavra” (Is 66,1-2). Dou graças ao Senhor nosso Deus cuja obra foi tal que ele teve de repousar dela! Ele fez o céu e não consta que tenha repousado por isso. Fez também a terra e nunca li que tenha repousado! Fez o sol, a lua e as estrelas, e nem nesse caso consta que tenha repousado. Mas eis que leio que ele fez o homem e então repousou, pois tinha feito alguém a quem ele pôde perdoar os pecados! Ou então, talvez já se tivesse antecipado o mistério da paixão futura do Senhor, ou tivesse sido revelado que Cristo repousaria como homem, ele que desde todo o sempre preparou o repouso num corpo para a redenção do homem, de acordo com o que ele próprio disse com justeza: “Deitei-me e dormi; acordei: o Senhor me sustenta” (Sl 3,6). (L’Hexaéméron, VI, 10, 75-76, PL, 14, 272 B-273 A = CSEL, 32/1, pp. 260, 22-261, 18

In [pt.wikipedia.org/wiki/Agostinho\\_de\\_Hipona](http://pt.wikipedia.org/wiki/Agostinho_de_Hipona)

<sup>26</sup> Actas do Congresso Internacional – As Confissões de Santo Agostinho, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2001, pp.21-25<sup>26</sup>

iluminação, a liberdade enfim tudo o que constitui o valor e a originalidade do pensamento de Santo Agostinho está patente numa vida dedicada a Deus e no serviço ao próximo. Deste modo, há vários aspectos da vida de Santo Agostinho as quais podemos confirmar na leitura de Confissões. Desde logo, a espontaneidade visível na meninice, a crise expressiva da sua juventude, o estudante desperto mas perdido pelas influências, os amigos, as paixões, o emprego como professor, o encontro com as peripécias culturais do seu tempo.

Santo Agostinho desde muito novo vai para Madaura e Cartago para cursar estudos literários e retóricos, daquele tempo apenas com teor religioso e cristão na leitura do catecismo, tal como havia acontecido aos estudiosos da época. Esta foi uma ligeira aprendizagem para a vida intelectual, suficiente para dialogar com as correntes mais amadurecidas das várias fontes de pensamento, embora mesmo quando desconcertadas se demonstravam enriquecedoras, estruturadas e deslumbrantes. Além disso, quando a formação surgia mais culta e exigente respirava-se Plotino e o platonismo.

O designado de então maniqueísmo, doutrina pela qual se regiam os demais filósofos, de origem oriental que percorria a classe média na última fase do Império Romano, tentava responder aos problemas contemporâneos recorrentes da figura de Cristo, de Deus, do Homem e sobretudo da origem do mal.

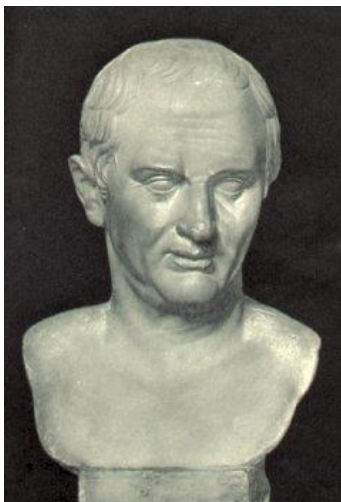
Com efeito, Agostinho, ainda não denominado por Santo, jovem e irreverente deixa-se seduzir por esta doutrina aparentemente fácil e simples. Contudo, com o passar dos anos, realçando uma maturidade e rigor no seu crescimento humanístico e intelectual depressa se deixa influir por uma linguagem mais brilhante e retórica patente nas leituras de Cícero<sup>27</sup>, figura esta que ele muito apreciava como professor da latinidade. Assim, os académicos, sem serem totalmente cépticos defendiam um ecletismo acentuado nas fraquezas e obscuridades da inteligência humana. Também para Agostinho estas sombras eram muitas e as respostas para a resolução dos problemas cada vez mais inacessíveis. Então, surge uma nova doutrina em Santo

---

<sup>27</sup> Marco Túlio Cícero, em latim Marcus Tullius Cicero (Arpino, 3 de Janeiro de 106 a.C. — Formia, 7 de Dezembro de 43 a.C.), foi um filósofo, orador, escritor, advogado e político romano. Cícero nasceu numa antiga família do Lácio da ordem equestre, à qual havia sido dada a cidadania romana somente em 188 a.C. O pai proporcionou aos dois filhos, Marco, o mais velho, e Quinto, uma educação muito completa, sendo Marco Túlio entregue aos cuidados do célebre senador e jurista romano Múcio Cévo. Viveu num período especialmente turbulento da história de Roma. Advogado, Cícero passou seis meses em Atenas, em 79 a.C., com seu amigo Ático, onde estudou Filosofia. Após a morte de Sila, prosseguiu sua descoberta no mundo grego até 77 a.C., através de uma viagem à Ásia Menor e a Rodas onde escutou os grandes retóricos e filósofos e suscitou a admiração dos gregos por sua eloquência.

Agostinho. O platonismo. Estes novos horizontes, mais exigentes e mais vastos, despertaram em si um diálogo clarificante. As respostas foram-lhe surgindo com contornos superiores e apresentavam-lhe desenlaces totalmente renovados nas quais a sua inteligência se foi interessando e satisfazendo aos poucos e poucos. Por conseguinte, o mistério de Deus e a admirável obra criadora de Deus renovam os seus problemas humanos e filosóficos. Aí surge a adesão ao Cristianismo. Foi neste preciso momento que concebeu a segunda e última parte do seu livro Confissões onde ostenta o seu encontro com Deus, o Homem, o Tempo, a Criação e a Paz possível para os nossos tormentosos caminhos.

Ora deste percurso intimista, renovador e glorioso surge uma ideia inovadora na literatura filosófica e humanística. Agostinho procura surpreender avidamente a vida interior com as lutas, as opções e perplexidades do mundo mesquinho e arrogante. Para ser mais claro Agostinho revela a *intimidade* que há em si. Essa intimidade, consciência de si mesmo, equivale a uma verdadeira inter-subjectividade que se manifesta no diálogo mais íntimo do eu, que se interroga a si mesmo na busca de uma realidade transcendente de valores. Esse conceito de intimidade para Santo Agostinho revela uma busca incansável “fora de si”, que por sua vez assimilada à própria vida se realiza e engrandece a pessoa humana. Há como que um isolamento egoísta, necessário e prazeroso de um campo ávido de conhecimento que traduz alegria, espontaneidade e crescimento humano. Preferiu, portanto, penetrar e surpreender a luta interior do seu espírito, que se interroga e procura uma resposta das inquietações do seu coração que quer amar e teme, mas que prefere a solidão como evasão, como libertação, como grito de revolta e alegria de ser tal como é. E o Ser é isto. Tudo aquilo que existe, que vive e respira. É tudo aquilo que é como menciona o admirável Santo Agostinho. Por isso, nesta caminhada da vida, como passagem, sinto-me companheiro de Santo Agostinho, na procura de realmente satisfazer as minhas inquietações, de clarificar os mesmos conhecimentos, embora com estilos diferentes, para as respostas da nossa vida tão atribulada como solitária...O momento presente que vivemos torna-nos inquietantes quanto ao futuro, mas sempre com uma perspectiva positivista acerca do mesmo.



Marco Túlio Cícero



Cônsul Cícero denuncia a conspiração de Catilina no Senado romano, em 63 a.C. Seus discursos tornaram-se referência filosófica e base gramatical para o latim. Afresco de Cesare Maccari, 1882-1888.

# **S. Martinho de Dume ou de Braga**

## S. Martinho de Dume ou de Braga (518-528 e 579-580)<sup>28</sup>

Muitos são os nomes de Martinho (Martinho de Dume, Martinho Dumense, Martinho de Braga, Martinho Bracarense) nascido em Panópsia (actual Hungria) no século VI. È conhecido por ter sido o Apóstolo dos Suevos, pois converteu muitos arianos ao cristianismo.

O estabelecimento de um mosteiro em Dume (aldeia próxima de Braga) fez com a sua pregação proliferasse. Este «estabeleceu a diocese de Dume, caso único na história cristã – confinada ao mosteiro a que presidia» ([htt: //pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org))

O bispo de Braga e Dume foi escritor e tradutor. É um elemento importante para a Língua Portuguesa e Cultura Portuguesas, pois é graças a ele que devemos a designação actual dos dias da semana. (Feria Secunda = Segunda-Feira).

realizou algumas obras de relevo, entre as quais *Escritos Canónicos e Litúrgicos*, *Item Soberbia* (Acerca da Soberba), *Exhortatio Humilitatis* (Exortação da Humildade) e *Formula Vitae Honestae* (Fórmula da vida Honesta).

Faleceu em 579 (20 de Março) escrevendo o seu próprio epitáfio: «Nascido na Panônia, atravessando vastos mares, impelido por sinais divinos para o seio da Galiza, sagrado bispo nesta tua igreja, ó Martinho confessor, nela instituí o culto e a celebração da missa. Tendo-te seguido, ó patrono, eu, o teu, servo Martinho, igual em nome que não em mérito, repouse aqui na paz de Cristo» ([htt: //pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org)).

### A nova Civilização

Quando Orósio<sup>29</sup> viajou da Galécia para o Norte de África e o Oriente já Braga havia sido invadida pelos suevos em 411 e nela abalaram e enfraqueceram as

---

<sup>28</sup> História do Pensamento Filosófico Português, Vol. I, pp. 131-140

<sup>29</sup> Paulo Orósio (c. 385 – c. 420), historiador, teólogo, sacerdote e apologista cristão, natural da Hispânia Romana, possivelmente natural de Bracara Augusta, então cabeça da província da Gallaecia. Embora fiquem interrogantes sobre a sua biografia, como a data

estruturas culturais e políticas do Império Romano. Com uma inabalável preocupação de se fixarem nas terras conquistadas estes exploradores reservam para si dois terços das



Paulo Orósio, representado numa iluminura pertencente ao códice de Saint-Epure.

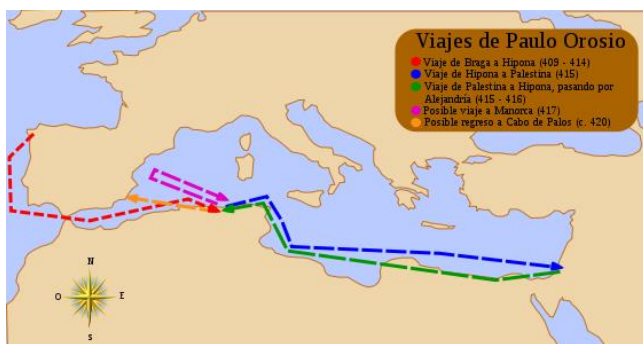
terras agrícolas deixando apenas para os hispano-romanos um terço. Deste modo Osório, como filósofo da história, foi discípulo directo de S. Agostinho com quem conviveu de perto em Hipona. O seu objectivo foi o de demonstrar que o cristianismo não era a causa imediata da queda de Roma às mãos de Alarico, rei dos Godos, como pretendiam os «pagãos». É contra essa acusação que elabora o seu mais conhecido texto, evidenciando uma das mais importantes categorias do conhecimento histórico: a da relatividade dos acontecimentos, pela sua integração em séries sequenciais mais vastas, onde adquirem o seu significado pleno, com recurso sistemático ao método comparativo, embora não caindo num relativismo que o impedisse de ver em Deus o

---

exacta de nascimento, é sabido que foi uma figura de grande prestígio cultural, tendo contacto com as grandes personalidades da época, como Santo Agostinho ou Jerônimo de Strídon. Para se relacionar com eles, viajou por cidades da costa meridional do Mar Mediterrâneo, como Hipona ou Alexandria. Tais viagens determinaram a sua vida e a sua produção como intelectual. Junto a Santo Agostinho não apenas conversou sobre temas teológicos, mas pôde colaborar com ele na elaboração da obra *A Cidade de Deus*. Além disso, este escolheu-o em 415 para viajar à Palestina e trocar informação com outros intelectuais, o que ademais lhe permitiu participar num Concílio em Jerusalém e, na volta, portar as relíquias de Santo Estêvão. Finalmente, a sua data de falecimento também não é conhecida com exactidão, mas em qualquer caso não parece posterior a 423. Ao longo da sua vida escreveu três obras, dentre as quais sobressai a *Historiae Adversus Paganos*. Trata-se de um dos livros com mais repercussão da historiografia na passagem da Idade Antiga à Idade Média, bem como da hispânica de todos os tempos. Além disso, é o escrito no que o autor dá ao manifesto a sua metodologia histórica. É basicamente uma narração histórica desde os primeiros tempos até o momento no que vive, embora dando um papel proeminente aos povos pagãos. Paulo Orósio foi uma figura muito influente tanto do ponto de vista de divulgação -*Historiae Adversus Paganos* foi uma das principais obras utilizadas até o Renascimento para estudar a Antiguidade quanto do historiográfico -a sua metodologia histórica teve grande repercussão em historiadores posteriores.

*In pt.wikipedia.org/wiki/Paulo\_Orósio*

supremo condutor dos tempos. Para os pagãos, estranhos à «Cidade de Deus», Roma fora grande enquanto nela foram reconhecidos e adorados os seus deuses, mas ao adoptar o cristianismo debilitou-se e ruiu. Orósio inverte os dados do problema e apela à história. Para o autor bracarense, não basta considerar os acontecimentos apenas sob o ponto de vista dos seus agentes directos, sobrevalorizando o presente; antes de Roma existiram mais três impérios, e também eles caíram e se digladiaram, sem que então o cristianismo estivesse constituído em religião oficial de qualquer deles. Todavia, não é apenas a história passada ou presente que importa considerar, mas também a carência de história futura, no quadro da concepção apocalíptica inerente ao cristianismo. Assim, relativizará a emotividade do discurso dos acusadores do cristianismo que com a queda de Roma anteviam o fim dos tempos: a nossa emotividade perante o mal está na razão inversa da sua distância no espaço e no tempo; por outro lado, alçando-se a uma dimensão universalista, proclama que sendo todos os homens iguais por natureza, devemos considerar que a vitória de um povo ou de uma nação faz-se sempre sobre a ruína e o sofrimento ou desespero de muitas outras, como sucedia com a sua Galécia, tão flagelada pela soberba e ambição dos invasores. Tal como fez questão de dizer, evidenciando um humanismo vincado: «os tempos são comuns não a uma só cidade, antes a todo o orbe terrestre».



Mapa esquemático com todas as viagens de Paulo Orósio

É nesta altura que aparece S. Martinho de Dume que converte o Rei Teodimiro, a sua corte e o povo suevo definitivamente ao catolicismo. O seu valor foi notável, enriquecido por uma completa tradição romana e com um profundo conhecimento dos movimentos contemporâneos religiosos. Deste modo, na história da filosofia o que interessa nas obras de S. Martinho é o seu estudo filosófico-moral, embora no seu livro *De Correctione Rusticorum*, escrito e revisto sob o ponto de vista

etnográfico.<sup>30</sup> Logo, os mosteiros naquele período e nos séculos posteriores constituíram não só centros de florescimento da vida cristã mas ainda mais significativamente centros de irradiação cultural que se foram difundindo a cultura clássica e os novos valores religiosos, económicos e sociais. O melhor testemunho conhecido do mosteiro de Dume é que ele constitui um foco de cultivo de letras clássicas como certifica a biblioteca. Com efeito, a principal obra de S. Martinho de interesse filosófico é a *Formula Vitae Honestae*, a *Fórmula ou Regra da Vida Honesta*.<sup>31</sup>



São Martinho de Dume ou de Braga

---

<sup>30</sup> J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, III, Lisboa, pp566-575. Esta obra é muito importante para se conhecerem os usos e costumes populares de então.

<sup>31</sup> António Caetano Amaral, *Vida e Opúsculos de S. Martinho Bracarense*, Tip. Academia Real das Ciências, Lisboa, 1803, pp, 145-159 // 1803; Barlow, Claude W, *Martini Episcopi Bracarensis Opera Omnia*, Yale University Press, 1950, pp. 204-235



Representação de São Martinho de Dume numa miniatura do Códice Albeldensis, c. 976 (Biblioteca do Mosteiro de San Lorenzo de El Escorial, Madrid). À esquerda, junto da cabeça do santo, pode-se ler *Martinus episcopus bracarensis*

Neste livro S. Martinho dirige-se ao rei que muitas vezes “com as suas letras estimula a minha insuficiência a que escrevendo a miúdo alguma carta a sua alteza lhe dirija quaisquer palavras que sejam de consolação ou de exortação”. A finalidade deste livro é extremamente simples e despretensioso. Chama-nos à atenção a expressão opúsculo<sup>32</sup> tantas vezes utilizada por Séneca<sup>33</sup>. A comparação destes dois livros é

<sup>32</sup> Impresso, folheto, pequena obra

<sup>33</sup> Lúcio Aneu Séneca (português europeu) ou Sêneca (português brasileiro) (em latim: Lucius Annaeus Seneca; Corduba, 4 a.C. — Roma, 65 d.C.) foi um dos mais célebres escritores e intelectuais do Império Romano. Conhecido também como Séneca (ou Sêneca), o Moço, o Filósofo, ou ainda, o Jovem, sua obra literária e filosófica, tida como modelo do pensador estoíco durante o Renascimento, inspirou o desenvolvimento da tragédia na dramaturgia europeia renascentista. Oriundo de família ilustre, era o segundo filho de Hélvia e de Marco Lúcio Aneu Séneca (Sêneca, o Velho). O pai era um orador eloquente e muito abastado. O irmão mais velho de Lúcio chamava-se Gálio e era procônsul (administrador público) na Aquéia, onde em 53 d.C. se encontrou com o apóstolo Paulo. Séneca, o Jovem, foi tio do poeta Lucano. Ainda criança, foi enviado a Roma para estudar oratória e filosofia. Com a saúde abalada pelo rigor dos estudos, passou uma temporada no Egito para se recuperar e regressou a Roma por volta do ano 31 da era cristã. Nessa ocasião, iniciou carreira como orador e advogado e logo chegou ao Senado. Em 41 envolveu-se num processo por causa de uma ligação com Júlia Livila, sobrinha do imperador Cláudio, que o desterrou. No exílio, Séneca dedicou-se aos estudos e redigiu vários de seus principais tratados filosóficos, entre os três intitulados *Consolationes* (“Consolos”), em que expõe os ideais estoícos clássicos de renúncia aos bens materiais e busca da tranquilidade da alma mediante o conhecimento e a contemplação. Pseudo-Sêneca Por influência de Agripina a jovem, sobrinha do imperador e uma das mulheres com quem este se casou, Sêneca retornou a Roma em 49. Agripina tornou-o preceptor de seu filho, o jovem Nero, e elevou-o a pretor em 50. Séneca contraiu matrimônio com Pompéia Paulina e organizou um poderoso grupo de amigos. Logo após a morte de Cláudio, ocorrida em 54, o escritor vingou-se com um escrito que foi considerado obra-prima das sátiras romanas, *Apocolocyntosis divi Claudii* (“Transformação em abóbora do divino Cláudio”). Nessa obra, Séneca critica o autoritarismo do imperador e narra como ele é

contudo evidente. Deste modo, é impressionante a serenidade e a força mental com que Martinho vai apontando e desenvolvendo, com humana sabedoria, a descrição da vida virtuosa e o apelo à honestidade do rei suevo que governa o povo. Note-se, portanto, que Martinho era homem amadurecido pela sua experiência, comedido e ao mesmo tempo austero que evitava exageros precipitados e sonhos enganadores. Há uma liberdade e respeito pelo outro com toda a naturalidade. Logo, na sua concepção da ética S. Martinho aceita distinguir claramente entre ética filosófica, assente apenas na luz da inteligência ou da razão, destinada aos leigos, e a moral teológica, destinada aos clérigos e monges baseadas nas escrituras e nos santos padres. Acresce referir que S. Martinho prescindia verbalmente do cristianismo para poder mencionar à nobreza sueva a virtuosidade de ser homem, isto é, para estabelecer uma distinção que não foi só verbal, e que atingirá a todo o custo o justo reconhecimento em autores como S. Tomás de Aquino.<sup>34</sup>

Em suma, S. Martinho foi uma das figuras mais relevantes do seu tempo e com influência viva nos anos posteriores. Os seus livros foram continuamente copiados, traduzidos e ensinaram gerações. Muitas vezes atribuídos a Dom Séneca, como o apelidou um escritor medieval. Deste modo, a filosofia moral de S. Martinho foi criada sobretudo para serviço aos povos através de lições de moral prática. Não por meio de especulações teóricas ou metafísicas, porém com um rigor prático e bem objectivo.

---

recusado pelos deuses. Quando Nero tornou-se imperador, Séneca converteu-se em seu principal conselheiro e tentou orientá-lo para uma política justa e humanitária. Durante algum tempo, exerceu influência benéfica sobre o jovem, mas aos poucos foi forçado a adoptar atitudes de complacência. Chegou mesmo a redigir uma carta ao Senado na qual justificava a execução de Agripina em 59. Foi então muito criticado pela fraca oposição à tirania e à acumulação de riquezas, incompatíveis com as concepções estoicas. Séneca retirou-se da vida pública em 62. Entre seus últimos textos estão a compilação científica *Naturales quaestiones* ("Problemas naturais"), os tratados *De tranquillitate animi* (Sobre a tranquilidade da alma), *De vita beata* (Sobre a vida beata) e, talvez sua obra mais profunda, as *Epistolae morales* dirigidas a Lucílio, em que reúne conselhos estoicos e elementos epicuristas na pregação de uma fraternidade universal mais tarde considerada próxima ao cristianismo. No ano 65 d.C., Séneca foi acusado de ter participado na conspiração de Pisão, na qual o assassinio de Nero teria sido planejado. Sem qualquer julgamento, foi obrigado a cometer o suicídio. Na presença dos seus amigos cortou os pulsos, com o ânimo sereno que defendia em sua filosofia. Tácito relatou a morte de Séneca e da mulher, que também cortou os pulsos. Nero, com medo da repercussão negativa dessa dupla morte, mandou que médicos a tratassem, e ela sobreviveu ao marido alguns anos.

In [pt.wikipedia.org/wiki/Seneca](http://pt.wikipedia.org/wiki/Seneca)

<sup>34</sup> São Tomás de Aquino OP (Roccasecca, 1225 — Fossanova, 7 de Março 1274) foi um frade dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica.



A liturgia celeste (tampa do sarcófago de S. Martinho de Dume. Braga, Museu).

In *História de Portugal*, dir. José Mattoso

# D. Diogo de Sousa

## D. Diogo de Sousa (1461-1532)



Retrato de D. Diogo de Sousa no Hospital de São Marcos



Túmulo de D. Diogo de Sousa

## I. Situação e dados biográficos

Pensa-se que Diogo de Sousa tenha nascido no ano de 1461 e falecido em 1532. Foi um homem bastante instruído que considerava «a ignorância um mal» (<http://pt.wikipedia.org>).

Ocupou cargos como Bispo do Porto (1496 a 1505) e Arcebispo de Braga (1505 a 1532).

Fez muito pela cidade de Braga. Alargou-a, fazendo construções para além dos muros existentes, mandou abrir novas ruas, edificou obras que ainda, nos dias de hoje, se mantêm, como a Igreja Senhora-a-Branca. Foi o responsável pela construção da actual capela-mor e pelos túmulos dos pais de D. Afonso Henriques, entre outros.

Sendo um homem de ciência, procurou instruir o clero e construir um colégio. Em 1531, surgiu, finalmente, o Colégio de S. Paulo, onde as aulas eram grátis, tanto para os habitantes da cidade, como para os que vinham de fora.

Até ao fim da sua vida trabalhou a favor das artes e do progresso. Era, sem dúvida, um espírito empreendedor e visionário.

A vida intelectual e social do nosso país passou por enormes transformações no período da Renascença. É nesta época, ainda de transição dos valores medievais para os valores renascentinos, que aparece em Braga um grande arcebispo de seu nome D. Diogo de Sousa, que desenvolveu uma posição de vanguarda no início do Renascimento<sup>35</sup>. Assim, “ Direi mesmo, que a cidade de Braga teve nela uma posição de

---

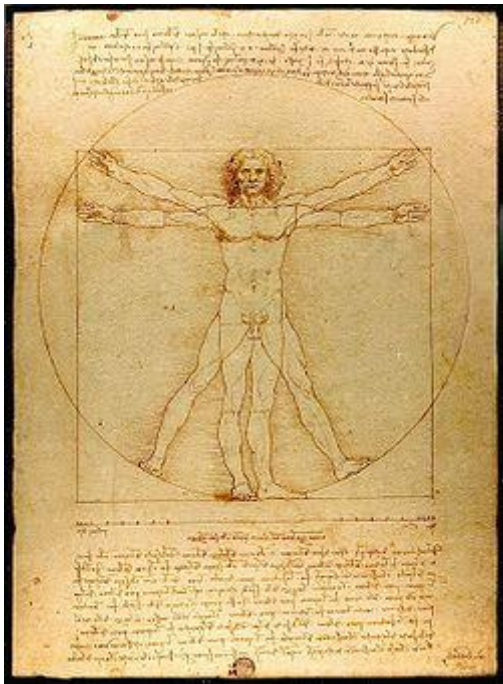
<sup>35</sup> Renascimento ou Renascença são os termos usados para identificar o período da História da Europa aproximadamente entre fins do século XIII e meados do século XVII, quando diversas transformações em uma multiplicidade de áreas da vida humana assinalam o final da Idade Média e o início da Idade Moderna. Apesar destas transformações serem bem evidentes na cultura, sociedade, economia, política e religião, caracterizando a transição do feudalismo para o capitalismo e significando uma ruptura com as estruturas medievais, o termo é mais comumente empregado para descrever seus efeitos nas artes, na filosofia e nas ciências. Chamou-se "Renascimento" em virtude da redescoberta e revalorização das referências culturais da antiguidade clássica, que nortearam as mudanças deste período em direcção a um ideal humanista e naturalista. O termo foi registado pela primeira vez por Giorgio Vasari já no século XVI, mas a noção de Renascimento como hoje o entendemos surgiu a partir da publicação do livro de Jacob Burckhardt *A cultura do Renascimento na Itália* (1867), onde ele definia o período como uma época de "descoberta do mundo e do homem" <sup>[4]</sup>. Apesar do grande prestígio que o Renascimento ainda guarda entre os críticos e o público, historiadores modernos têm começado a questionar se os tão divulgados avanços merecem ser tomados desta forma. O Renascimento cultural manifestou-se primeiro na região italiana da Toscana, tendo como principais centros as cidades de Florença e Siena, de onde se

vanguarda, como força propulsora da acção, senão até das instituições e da própria ideologia do século”<sup>36</sup> Deste modo, em toda a Europa, nomeadamente no caso da Idade Média, aliviada dos assaltos dos muçulmanos, o homem em ambiente social e político mais afável, começou a obter uma vida social económica superior e a desfrutar com singular prazer as belezas da terra, das letras e da arte. Com efeito, apoiado nos antigos clássicos da época greco-latina, novos horizontes surgem e o aspecto citadino ganha maior preponderância.

---

difundiu para o resto da Itália e depois para praticamente todos os países da Europa Ocidental. A Itália permaneceu sempre como o local onde o movimento apresentou maior expressão, porém manifestações renascentistas de grande importância também ocorreram na Inglaterra, Alemanha, Países Baixos e, menos intensamente, em Portugal e Espanha, e em suas colónias americanas.

In [pt.wikipedia.org/wiki/Renascimento](http://pt.wikipedia.org/wiki/Renascimento)



O *homem vitruviano* de Leonardo da Vinci sintetiza o ideário renascentista: humanista e clássico

<sup>36</sup> J.S. da Silva Dias, Braga e a Cultura Portuguesa do Renascimento, Universidade de Coimbra, 1972, p.3

Este percurso da sua formação superior desde a Universidade de Lisboa, da Universidade de Salamanca e sobretudo da Universidade de Paris, estudando Teologia deu-lhe uma base cultural bastante sólida. Assim, esta base cultural foi enriquecida com as inúmeras visitas a Itália nomeadamente a Florença e a Roma que despertavam para o Renascimento de artes e letras e para a criação de uma perspectiva económica e social mais consistente e agitada. Com efeito, D. Diogo de Sousa experienciando estas novas culturas assimilou rapidamente os valores que lhe eram transmitidos. Sendo um homem do seu tempo soube compreender perfeitamente a época em que se inseriu e sendo um homem de Deus não perdeu de vista as necessidades dos homens mas integrou-as numa visão harmónica de um humanismo tanto mais cristão como humano.

Sendo um homem de Braga D. Diogo de Sousa procurou, deste modo, que o clero fosse instruído e sobretudo arrojou-se num projecto de “Estudos Públicos” nomeadamente na arte da magnífica catedral Capela-mor de estilo renascentista a que chamou romano por oposição ao gótico patente nas “primeiras grades que até ao dito tempo se fizeram em Portugal” e no túmulo do Infante D. Afonso.

## **II. Renovação da cidade de Braga**

D. Diogo de Sousa chegou à então aldeia de Braga a 22 de Novembro de 1505. Grande parte dela, dentro e fora de muros, estava ocupada por quintais, campos e vinhas, tendo poucas vias e comunicação e as ruas extremamente minúsculas e muito estreitas. Com efeito, a primeira impressão do arcebispo foi rejuvenescer, remodelar e requalificar a nova cidade dando-lhe espaço, luz e ar. Contudo, para o conseguir foi obrigado a compra à sua custa vinhas, casas, campos para alargar as novas ruas. Veja-se o caso da Rua Nova de Sousa e as ruas do Cabido, de S. Marcos, do Campo e de Maximinos. Abriu e alargou novas praças como é o caso das capelas de S. Geraldo e de Lourenço. Em volta dos muros da cidade velha fundou uma nova cidade mais arejada e ampla fácil de comercialização. Assim, para utilidade pública construir novos fontanários como está bem saliente o da Cárcova junto ao castelo. Em frente da Sé construiu os novos paços do concelho, de cantaria com dois andares, em cuja frontaria colocou a imagem da Senhora do Livramento. Reconstruiu as capelas de Santa Ana, a igreja da Senhora a Branca e o colégio de S. Paulo. Levantou o arco da porta principal e os quatro do cruzeiro e ligada à sacristia fez uma casa forte para guardar o tesouro. No

entanto, a obra mais notável que fez na Sé foi a substituição da antiga capela-mor pela actual, em gótico florido, que adornou com um maravilhoso retábulo de pedra de Ançã considerado o mais belo de Portugal. No exterior da parede da capela mandou colocar a imagem da Senhora do Leite, ladeada pelo escudo nacional e pelo seu brasão com a seguinte inscrição:

DIDACVS DE SOVSA, ARCHIEPISCOPVS

AC DOMINVS BRACARENSIS, HISPANIARVUM PRIMAS,

FECIT ANNO SALVTIS 1509

Fora da cidade restaurou a capela de Santa Marta Falperra e a igreja de S. Martinho de Dume. No campo de beneficiação, da assistência e ajuda ao próximo completou o Hospital este iniciado pelo seu antecessor o cónego Diogo Gonçalves, anexando-lhe duas igrejas paroquiais para estas garantirem o seu sustento. Instituiu a confraria da Misericórdia, a qual mandou construir na Sé, onde por sinal mandou colocar o seu túmulo. Estas obras e muitas outras fizeram D. Diogo de Sousa declarar perante D. João III em 1524 que “esta cidade quanto a mim o que disseram de Octaviano por Roma que a achara de ladrilho e a deixara de mármore. E eu achei esta de barro sem templos, nem gente, nem edifícios e agora a tenho feito assim de edifícios públicos e privados”.

### III. Obras de Arte

“As obras de arte devidas a D. Diogo de Sousa vão desde a arquitectura às artes decorativas e ornamentais, ourivesaria e alfaias religiosas, atingindo um volume e importância verdadeiramente extraordinárias.” Com efeito, podemos então comprovar que algumas obras seguem o estilo gótico, típica de então, perceptível nas capelas-mores da Sé e do mosteiro de Vilar de Frades. Noutras introduziu o estilo Renascença, a que ele continuamente chama romano, manifesto nas grades destinadas à capela-mor da Sé, que foram as primeiras em Portugal se fizeram desta obra romana. É de notar, o seu

gosto pela antiguidade que levou-o a reunir no campo de Santa Ana, hoje avenida central, à volta da sua ermida, os marcos milionários que tinham vindo das estradas de Chaves e do Gerês. No que confere às peças de ourivesaria, nomeadamente em prata, ouro e esmalte, caso ainda estivessem conservadas, constituiriam um riquíssimo museu, tanto pelo seu valor económico, material e sobretudo artístico de muitas delas. A maior beneficiária foi a Sé como ele declarou na carta enviada a D. João III “ Quando a esta See e edeficios dela e asy prata e ornamentos que nela pus e fiz, sey que estaa muy deferemçada de todalas outras SéS”. De facto, só a Sé de Coimbra teve um Mecenas irremediavelmente comparável no bispo D. Jorge de Almeida. No entanto, os inventários do Tesouro da Sé consagram 107 artigos às peças doadas por D. Diogo de Sousa. Às 48 peças de prata atribuem o peso de 112 quilos. Algumas peças eram de incomparável valor artístico, como ainda se pode julgar pelo cálice que ele ofereceu à Sé e pela riquíssima custódia que foi roubada em 1850 e que mais tarde se veio a descobrir no Museu do Duque de Aumale, em França. Actualmente encontra-se no Instituto de França em Paris.

D. Diogo de Sousa tinha um sentido patriótico deveras enaltecido e uma incomparável submissão ao rei que preferia morrer a deixar de os servir “ Mas eu, Senhor, desejo tanto o acrescentamento da vossa vida e real estado de honra e fama e gloria de seu Reino e sou tão verdadeiro português que antes escolher a morte que por nenhuma coisa pudesse ousar e mudar a natureza nem vontade de vos servir e ao Reino quanto em meu poder estivesse”. Foi, por este motivo, mais do que claro e por si mesmo de notável honra que quando D. João III em 1528 pediu emprestado dez mil cruzados ao imperador Carlos V lhe respondeu “numqua tive juntos nem vi meus nem alheios seis mil cruzados até ao dia de hoje”. D. João III ficou sensibilizado com tremenda ajuda e gratidão por um homem que ama a pátria e se mostra nobilíssimo nas suas atitudes e valores morais.

#### **IV. Senhorio e Coutos do Arcebispo de Braga**

Em 1110 e 1112, o conde D. Henrique e D. Teresa doaram ao arcebispo D. Maurício e sucessores o couto de Braga com os respectivos direitos fiscais – “ut quidquid regali fisco hactenus persolverunt Ab hac presenti die et deinceps vobis...

persolvant”. Contudo, em 1128, nas vésperas de tomar conta do governo, D. Afonso Henriques, para exaltar a metrópole de Braga e obter a colaboração do arcebispo de D. Paio Mendes a confirmação e a respectiva ampliação do couto, dando-lhe o direito de cunhar moeda e muitos outros privilégios. Deste modo, os prelados bracarenses detiveram todos os poderes em Braga mas, que deram imensos conflitos com as D. autoridades civis. Os tempos foram passando e os conflitos tiveram a sua continuidade. No entanto, D. Manuel I e D. João III pretenderam interferir na jurisdição da cidade e dos correspondentes coutos indo em oposição ao acordo das duas partes. E eis que a 7 de Outubro de 1519 D. Manuel I ordenou a Jorge Silveira que devassasse os coutos de Braga. Ordem que subitamente revogou a 8 de Novembro do mesmo ano por o arcebispo lhe ter enviado por João Freire um memorial a pedir que desistisse da sua interferência. A 11 de Março de 1528, escreveu a D. João III também para desistir de rever os feitos cíveis da relação de Braga argumentando que o não deveria fazer visto “ a jurisdição e senhorio que tem esta igreja em Braga não foi por mercê nem doação que nenhum rei deste reino lhe fizesse, mas antes que aqui houvesse reis de Portugal tinha esta igreja a suprema jurisdição que os reis de Castela tinham em seu Reino... Braga a que nunca os reis fizeram mercê nem doação de nenhuma coisa de sua coroa”. Assim, além do senhorio de Braga, o arcebispo tinha também jurisdição em dezoito coutos. Por conseguinte, ao contrário do que supunha D. Diogo de Sousa a primitiva doação do Ervededo da Sé de Braga foi feito por D. Afonso Henriques, em 1132 e não pelo rei de Castela. Porém, em 1190, Afonso VIII de Castela restituiu-lhe o couto do Ervededo, que foi confirmado apenas em 1219 por Afonso IX. Assim, tendo jurisdição soberana neste couto, os arcebispos deram-lhe carta de foral, em 1238.

## V. Estudos Públicos em Braga

As relações de D. Diogo de Sousa com os humanistas Henrique Caiado, Pedro Margalho e André Resende dão testemunho dos seus interesses culturais. Estes manifestavam-se de inúmeras formas e a diversos níveis. A saber um dos principais e sobretudo um dos mais importantes na projecção do futuro foi a fundação dos Estudos Públicos de Braga. De seguida, surge a formação e instrução do clero. E posteriormente sobrevém a promoção das obras de arte. Quanto à fundação de Estudos Públicos em

Braga D. Diogo de Sousa escreveu a D. João III referindo que “ todos sabem que a primeira obra que desejei e tentei outra o fiz saber a el rey voso pay, que Deus haja. Foy diso mui contente e louvou meu proposito e me promoveu renda para mantimento de nove colegiaes cada anno.” Ora, D. Manuel na resposta que deu a D. Diogo de Sousa mencionou com muita mágoa do arcebispo, que o projecto haveria ficado sem efeito por oposição dos seus inimigos, cujos nomes por caridade não nomeou “ semeou zizania, de que agora nem quero dar conta”.

Posto isto, D. João III comunicou a D. Diogo de Sousa o projecto de enviar colégios para a universidade de Paris, pedindo-lhe de ante mão que participasse nas despesas. Assim, para tornar esta solução viável, prometia auxiliar o rei com toda a dedicação. Caso D. João III tivesse aceite a oferta do famoso arcebispo, a Universidade do Minho podia ter imensos séculos de existência. Apesar das contrariedades D. Diogo de Sousa não absteve o seu projecto aliciante e inovador da época. Nesse tempo D. Diogo desenvolvia a sua actividade com enorme dedicação e paixão sem colocar de parte os problemas humanos, religiosos e culturais do Renascimento, em ligação directa com desenvolvimento cultural de Itália e considerando a necessidade de despertar igualmente em Portugal os fulgores desse renascimento cultural.

# Luís de Molina

## **Luís de Molina (1535 – 1600)**



Luís de Molina

### **I- Vida e obra**

Luís de Molina foi filósofo e teólogo ilustre, professor da Universidade de Évora, que levantou no seu tempo um problema designado por Molinismo. Este ecoou longamente com estrondo, por toda a Europa não excluindo o mesmo Romano Pontífice. Filho de Diego de Orejón y Muela e de Ana García de Molina, Luís de Molina nasceu na cidade de Cuenca em Setembro de 1535.

Começa os seus estudos na sua cidade natal, partindo depois para Salamanca onde estudo Direito. Em 1552 a Companhia de Jesus acolhe-o mais tarde envia-o para Lisboa e posteriormente para Coimbra onde faz prossegue os seus estudos em Artes de

Teologia. Após ser ordenado sacerdote (1561) inicia a sua carreira de docente em Coimbra, onde lecciona Artes (1563-1567).

Consegue doutorar-se em 1571 na Universidade de Évora, onde também se torna professor, ensinando a teologia de Santo Tomás.

Entre as datas 1584 e 1591 dedica-se à sua produção literária. Neste último ano o jesuíta e teólogo regressa a Cuenca e em 1600 é convidado a desempenhar o cargo de professor de teologia em Madrid, posição que não chega a ocupar, pois morre nesse mesmo ano. Produziu essencialmente obras jurídicas. Entre elas destacamos: *De iustitia et iure tomi sex.*, *Concordia liberi arbitrii cum gratiae donis* e *Opera Omnia*. O Molinismo despertou inúmeras controvérsias onde as paixões acaloravam com enorme frequência a moderação e o valor cultural das disputas.

## II- O Molinismo<sup>37</sup>

O problema filosófico e teológico que está subjacente no Molinismo foi um dos mais difíceis de estruturar no pensamento católico no que concerne às relações do Homem com Deus. O domínio de Deus é universal devidamente delineado e inquestionável. Por esse motivo ele detém em si o conhecimento absoluto, sobrenatural e inexplicável. Deste modo, poderemos questionarmos de que forma então os homens são livres sem Deus lhes retirar essa liberdade? E se Deus é capaz de anteceder os acontecimentos então porque não deixa o homem determinar a sua intervenção? Ora, os autores defendiam por um lado que o homem é livre e por outro que não há liberdade nem actos livres sem o prévio conhecimento e actuação de Deus. Como é possível conciliar estes dois domínios entre a supremacia de Deus em relação ao homem e a liberdade dos actos da vontade humana? Este não é um problema novo. Já fora debatido em 415 no Sínodo de Jerusalém, onde interveio Osório Bracarense contra Pelágio que defendia a possibilidade das decisões morais humanas independentemente da graça divina. São Tomás também já contestara este enigma respondendo que apenas haveria

---

<sup>37</sup> Molinismo é a doutrina que leva o nome do jesuíta espanhol Luís Molina (1547-1551) e que busca conciliar a ideia de livre arbítrio à graça e onisciência divina. O que o Molinismo basicamente sustenta é que além de saber tudo o que acontece ou irá acontecer, Deus também sabe o que iria acontecer caso a pessoa agisse de modo diferente. Actualmente, dentre os principais defensores do Molinismo encontram-se William Lane Craig, Alvin Plantinga e Thomas Flint.

In [pt.wikipedia.org/wiki/Molinismo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Molinismo)

perigo na liberdade se a própria vontade humana fosse movida “contra propriam inclinationem”, o facto que surge apenas se a vontade se move por “um princípio intrínseco, isso é compatível com a actuação sobre ela de outro princípio extrínseco”.<sup>38</sup> Ora, esses princípios expostos num período teocêntrico não suscitaram discussão maior, mas se surgisse no Renascimento, período este de liberdade extrema, um vigoroso movimento teológico comandado por Martinho de Lutero<sup>39</sup> negaria essa liberdade o que facilmente preparava uma situação propícia à polémica. E isto foi de veras o que aconteceu.



Lutero em 1529 por Lucas Cranach.

---

<sup>38</sup> São Tomas, XLIV, V

<sup>39</sup> Martinho Lutero, cujo nome em alemão era Martin Luther ou Luder, era filho de Hans Luther e Margarethe Lindemann. Mudou-se para Mansfeld, onde seu pai dirigia várias minas de cobre. Tendo sido criado no campo, Hans Luther desejava que seu filho viesse a se tornar um funcionário público; melhorando, assim, as condições da família. Com esse objetivo, enviou o jovem Martinho para escolas em Mansfeld, Magdeburgo e Eisenach. Aos dezassete anos, em 1501, Lutero ingressou na Universidade de Erfurt, onde tocava alaúde e recebeu o apelido de "O filósofo". O jovem estudante graduou-se bacharel em 1502 e concluiu o mestrado em 1505, sendo o segundo entre dezessete candidatos<sup>171</sup>. Seguindo os desejos paternos, inscreveu-se na escola de Direito da mesma Universidade. Mas tudo mudou após uma grande tempestade com descargas elétricas, ocorrida naquele mesmo ano (1505): um raio caiu próximo de onde ele estava passando, ao voltar de uma visita à casa dos pais. Aterrorizado, gritou então: "Ajuda-me, Sant'Ana! Eu me tornarei um monge!" Tendo sobrevivido aos raios, deixou a faculdade, vendeu todos os seus livros, com exceção dos de Virgílio, e entrou para a ordem dos Agostinianos, de Erfurt, a 17 de Julho de 1505

In [pt.wikipedia.org/wiki/Martinho\\_Lutero](http://pt.wikipedia.org/wiki/Martinho_Lutero)

Bañez<sup>40</sup>, na Universidade de Salamanca, partindo da tese que Deus é a causa universal e conhece todas as coisas tornando-se desta forma supremo, conclui que este dentro de uma ínfima possibilidade de coisas que podem existir, escolhe, por decreto, as que hão-de passar de facto à existência. Por outro lado, Deus promove a causa extrínseca às coisas mas também intrinsecamente. Por isso, Deus fomenta as acções de vontade e predetermina-as em si física e imediatamente. Logo, Deus conhece todos os futuros absolutos, que são livres, nas suas capacidades predeterminantes. Há como que um todo a englobar as partes. Assim, todos os teólogos reconhecem em Deus duas espécies de conhecimento ou de ciência. Da simples inteligência pela qual conhece todos os seres possíveis e a ciência da visão pela qual Deus conhece todas as coisas passadas, presentes e futuras que de facto vão existir. Com efeito, Luís de Molina propõe entre estas duas ciências uma intermédia pela qual, não pela total exclusão das outras ciências, mas por uma simultânea participação delas e juntamente por uma certa diferença. Deus concorre em todos os actos humanos que se realizam e são livres. Assim, Molina tenta conciliar a causalidade universal de Deus com a liberdade do homem. Visto Deus conhecer todos os actos futuros pela compreensão sobrenatural do indivíduo, do homem envolve-se com o seu interlocutor deixando finalmente escolher livremente. Esta luta surge porque Bañez acusou Molina de onipotência universal, isto é de exaltar em excesso a liberdade humana com a intervenção divina. Estava assim aberta uma acesa discussão, nos finais do século XVI e meados do século XVII, onde os seus interlocutores defendem acerrimamente a sua posição criticando-se mutuamente. Destas tão exacerbadas diligências surgem nas Universidades Europeias uma virulência que nos dias de hoje parece desproporcional e frequentemente mais apaixonada que científica. Hoje as soluções destes filósofos parecem ultrapassadas pois há quem julgue que se tratou de um falso problema que gerou intrigas a fim de se transpor para Deus uma dificuldade meramente irracional. Deus não conhece os possíveis e os impossíveis porque para Ele não há tempo e tudo é presente. Deste modo, a diferença entre o tomismo e Molinismo é notória. O ensinamento 'tomista' sobre a predestinação afirma que Deus, antes de qualquer ciência sobre a conduta futura do homem, concede a graça da justificação definitiva, ou da predestinação. O 'molinismo', por seu turno, ensina que Deus, com o uso da Sua omnisciência, prevê como o homem reagirá à graça concedida e estabelece, a partir desse conhecimento, aqueles indivíduos que irão perseverar. A minha pergunta é a seguinte, no caso do tomismo, Deus não usa a Sua omnisciência, o

---

<sup>40</sup> Domingo Bañez (1528-1604). Teólogo escolástico espanhol. Ingressou na ordem dos padres dominicanos, em Salamanca, 1536

que é absurdo, porque Ele é sempre onisciente, no caso do Molinismo. Ele usa o conhecimento do futuro para justificar definitivamente a criatura humana, tornando dessa forma, inútil, ocioso, o juízo final. E se o livre arbítrio é respeitado, como o homem pode saber, e efectivamente, ter na sua justificação definitiva concedida por Deus, sem que esse saiba o seu futuro. O mesmo se aplica ao ‘molinismo’, mas no caso do 'Molinismo' a graça não é imerecida, porque Deus sabe a conduta futura e só concede a graça tendo esse conhecimento. Eis um problema de difícil resolução.

### III- A “Ciência Média”

O estudo desta teologia cristã faz com que, necessariamente, as pessoas se deparem com paradoxos. É de suma importância, portanto, estabelecer claramente a definição deste conceito, tendo em vista que o mesmo é constante alvo de más interpretações. Numa perspectiva *laica*, confundir-se com a contradição ou com o mistério, “existem linhas que separam o paradoxo, o mistério e contradição”<sup>41</sup>. Os paradoxos caracterizam-se por acompanhar o raciocínio lógico, coerente e por não infringirem a lei da não-contradição<sup>42</sup>. Nos assuntos escriturísticos nos quais estão presentes este paradoxo, no campo da soteriologia<sup>43</sup>, encontra-se a necessária harmonia entre soberania divina e responsabilidade humana. Os textos bíblicos indicam claramente que a salvação vem do Senhor apontando para uma soteriologia deveras peculiar. Contudo, também nas Escrituras, há textos que mostram que, de alguma forma, o homem goza de certo tipo de liberdade. A apresentação destas duas teses faz da soteriologia um assunto polémico na cosmovisão protestante. Basicamente, a actual configuração cristã oriunda da Reforma, conhecida como evangélica, tem por base duas

---

<sup>41</sup> SPROUL, R. C. Verdades Essenciais da Fé Cristã: Doutrinas básicas em linguagem simples e prática, vol. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p.13.

<sup>42</sup> Lei que define que A não pode ser -A na mesma relação em ao mesmo tempo

<sup>43</sup> A soteriologia é o estudo da salvação humana. A palavra é formada a partir de dois termos gregos Σωτηριος [Soterios], que significa "salvação" e λογος [logos], que significa "palavra", ou "princípio". Cada religião oferece um tipo diferente de salvação e possui sua própria soteriologia, algumas dão ênfase ao relacionamento do homem em unidade com Deus, outras dão ênfase ao aprimoramento do conhecimento humano como forma de se obter a salvação.

In [pt.wikipedia.org/wiki/Soteriologia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Soteriologia)

cosmovisões: arminiana e reformada. Os arminianos<sup>44</sup> caracterizam-se por, no que concerne à salvação, enfatizar a liberdade do homem. Os reformados, por sua vez, no que concerne ao mesmo assunto, defendem irrevogavelmente a soberania divina. Estabelecido o conflito, boa parte das análises acerca deste tema - soteriologia - tende a partir destes dois pressupostos diametralmente opostos. Por mais que este debate tenha tomado proporções maiores num período pré-reforma, havia quem, anteriormente ou concomitantemente, discorresse sobre o assunto. Luís de Molina foi um destes pensadores que tentou resolver o paradoxo estabelecido pelas Escrituras. É deveras curioso e extremamente interessante a nível cultural e sobretudo histórico, saber quem foi a primeiro a expor a dita “ciência média” se Pedro da Fonseca ou Luís de Molina. Ora Pedro da Fonseca<sup>45</sup> diz expressamente em *Commentariorum Methaphysicorum Aristotelis Stagiritae Libros* (Coloniae, 1615) Lib. 6, c.2 que “ há trinta anos, 1566, contando com a data em que escrevemos, logo 1596, ao tratarmos da providência divina e da predestinação em lições públicas... propusemos a teoria da conciliação da liberdade humana com a presciência divina”. No entanto, segundo Luís de Molina afirma nos *Commentaria in Primam Divi Thomae Partem*, (Cuenca, 1562) o seguinte: “ há trinta anos em disputas privadas e públicas nos nossos comentários sob o nome da ciência média ensinamos...à estampa cuja originalidade se arroja nas suas palavras

---

<sup>44</sup> Os Arminianos crêem que Deus, em seu infinito amor e misericórdia, destinou todos os homens à salvação. Calvinistas crêem que Deus não destinou todos os homens à salvação, visto que é fato nem todos se salvarem. Neste caso Cristo morreu apenas pelos seus eleitos. Estes ouvirão o chamado irresistível do Espírito Santo e se renderão a Cristo, sendo então justificados tão-somente pela graça de Deus. Em virtude do pecado de Adão a condição de pecador se estendeu a toda raça humana (depravação total). Portanto, o Homem peca porque é pecador (tem a natureza do pecado) e não é pecador porque peca (ato do pecado). Sendo assim a partir desse momento, o homem necessitava de um plano de salvação para que pudesse ser restaurado à imagem e semelhança de Deus. O Plano da Salvação, consistiu em Cristo morrer pelos eleitos, para que por sua graça, houvesse remissão dos pecados.

Não cabe ao Homem qualquer parte no plano de salvação, toda a iniciativa e realização é de Deus. É Ele quem muda a disposição de um coração morto e obstinado pelo pecado, transformando-o em um coração sensível à Sua voz. Nesta condição o Homem só pode dizer sim a chamada à salvação. Uma vez "verdadeiramente salvo" o cristão não perde essa condição já que o próprio Deus sustenta o pecador regenerado. É digno de nota que essa doutrina não "afrouxa" a necessidade de uma vida santificada. Um salvo deve viver como tal. Porém esse princípio enfatiza apenas o aspecto último da salvação, o momento final da vida de um homem, pois não são obras da vida do homem que salvam o homem, mas o perdão de Deus. Uma pessoa que Deus perdoou têm uma vida digna de piedade aos olhos de Deus, não cabendo aos homens julgarem quem é salvo ou não, mas antes realizarem a vontade de Deus, que é viver de maneira misericordiosa, ou seja Deus encarnou na pessoa de Jesus para salvar os pecadores não os pecados. O Calvinismo prega que Deus salva aqueles que elegeu desde antes da fundação do mundo, concedendo-lhes irresistivelmente a fé em Cristo e em sua obra redentora, o que não exclui nem mesmo fariseus, hipócritas, prostitutas, pobres, ladrões, efeminados, assassinos, vaidosos, segundo o conselho da Sua própria vontade santa e soberana. Ao conceder, pela Sua graça, a fé salvadora, Deus livra os seus eleitos da hipocrisia, da prostituição, da luxúria, do assassinio, e da miséria de espírito, por vezes disciplinando-os como filhos amados que são, através de tribulações e sofrimentos, que são permitidos por Deus na exacta medida em que gerem crescimento e maturidade espiritual.

In [pt.wikipedia.org/wiki/Soteriologia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Soteriologia)

<sup>45</sup> Filósofo e teólogo jesuíta português, era conhecido na sua época como o "Aristóteles Português". Era um mestre em grego e árabe cuja erudição lhe facultava uma linha de ideias próprias em relação a temas desenvolvidos por Tomás de Aquino e Aristóteles. As suas obras principais foram nas áreas da lógica e da metafísica.

poderia provocar oposição de muitos contemporâneos dentro e fora de Portugal”<sup>46</sup>. Na perspectiva de Francisco Rodrigues<sup>47</sup>, analisando os respectivos textos, disse que talvez Molina, pelo tom das suas palavras, tenha sido o primeiro que escreveu ou publicou, sem precisão, sobre a ciência média. Estes factos externos são de relevo para melhor compreender o estudo desta tão interventiva conjectura. Ora, para Pedro da Fonseca a ciência média é uma consequência da evolução própria do seu pensamento já avançada na sua dialéctica e não proposição desconexa e posterior. Logo Molina devia conhecer a Dialéctica de Fonseca e a sua inovação...<sup>48</sup>

Com efeito, após vários estudos concluímos que não há nenhum argumento sólido que invalide a tese de Fonseca ou que sobreponha a de Molina. Cada qual ocupa o seu lugar de destaque com o devido respeito e valor.

---

<sup>46</sup> Domingos Maurício, *A Universidade de Évora*, Lisboa, 1959, pp. 52-53

<sup>47</sup> Francisco Rodrigues Lobo (Leiria, 1580 — Lisboa, 1622) foi um poeta português. Rodrigues Lobo nasceu na cidade de Leiria numa família de cristãos-novos. Doutorado em Direito pela Universidade de Coimbra, foi um dos primeiros escritores do seu tempo pela pureza da sua linguagem. Notava-se na sua escrita uma certa influência da lírica de Camões nomeadamente nos temas do bucolismo e do desencanto. Diz-se que se dava com a nobreza entre os quais D. Teodósio II e D. Duarte de Bragança, este último fornecia-lhe casa. Viveu durante a ocupação espanhola filipina já instalada em 1580 em Portugal, o que pode explicar numerosas obras escritas em língua castelhana. Infelizmente, Rodrigues Lobo escrevia raramente em português. Autor, entre outras, das obras: *Corte na Aldeia* (1619), *O Pastor Peregrino* (1608), *Condestabre* (1609), *Primavera* (1601), título geral das três novelas pastoris: *Primavera*, *Pastor Peregrino* e *Desenganado*. A sua obra *Corte na Aldeia* escrita em 1619, é considerada como o primeiro sinal literário do Barroco em Portugal; foi muito importante no que se refere ao desenvolvimento do movimento Barroco na Península. A obra é dedicada ao descendente da Coroa Portuguesa ou seja D. Duarte, irmão do Duque de Bragança e, marquês de Frechilha e de Malagam. Na dedicatória da obra, Francisco Rodrigues Lobo convida D. Duarte de Bragança a preservar e ter orgulho da língua e a nação Portuguesa que, no passado, conheceu momentos muito mais gloriosos. *Corte na Aldeia* é composta de dezassete diálogos didácticos que descrevem a vida cortesã da época. Morreu afogado no Rio Tejo durante uma viagem. Deu o seu nome à Escola Secundária de Francisco Rodrigues Lobo, em Leiria.

Obtido em "[http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco\\_Rodrigues\\_Lobo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Rodrigues_Lobo)"

<sup>48</sup> Cf. Manuel Pereira Patrício, “A doutrina da ciência média de Pedro Fonseca e Luís de Molina”, in Luís de Molina regressa a Évora, pp.175 e ss.



#### IV. Molina – A Justiça e o Direito

Acompanhando a tendência geral do Renascimento, numa visão mais centrada no homem e nos seus problemas, o Molinismo defendeu como objectivo passivo mas como cooperante activo, na realização da sua vida a acção divina. A sua obra principal foi publicada com o título *De Iustitia et Iure* e nela desenvolve, discute e elucida a teoria da justiça em geral e as suas espécies, a justiça comutativa em relação aos bens externos, os contratos, a origem e natureza da sociedade, a origem da autoridade política, as relações da autoridade civil para com a igreja, a colonização, a escravatura e o problema da guerra justa.

Molina assistiu, no Renascimento, a uma evolução profunda e rápida dos regimes políticos, na criação de novas nacionalidades e de um intenso alargamento de fronteiras desde Lisboa a Veneza, Antuérpia e à Europa no seu todo. Este descobrimento de novos mercados, de novas ideologias e culturas enfim de novas civilizações que cresciam exacerbadamente fez Molina ajustar-se a esse crescimento tão

impetuoso como necessário. Molina foi um pensador atento à vanguarda que tentou solucionar os problemas perante o direito e a justiça. Para ele a sociedade civil e o poder político têm um fundamento natural na sociedade, no modo de vida de cada um. Sob este aspecto, a doutrina de Molina difere do internacionalismo de Francisco de Vitória<sup>49</sup>, que penetrado nas condições do mundo actual “põe um remédio para superar o abismo entre as nações ricas e as pobres, possibilitando assim um relacionamento profícuo entre elas”.<sup>50</sup>

Luís de Molina começa por investigar os fundamentos jurídicos da presença dos portugueses em África. Nomeadamente nas ilhas de Cabo Verde como estavam desertas os portugueses adquiriram o seu legítimo direito como primeiros ocupantes. Depois seguem-se as ilhas da Guiné, São Tomé e Angola. Deste modo, ao indicar os justos títulos de servidão Molina segue a doutrina tradicional delineada no direito de guerra justa, a condenação à servidão por delito e o deixar-se vender como escravo. É por demais evidente que Molina vai analisando minuciosamente as condições que limitam e regem esses títulos.<sup>51</sup> O que é devidamente notável é a exactidão, o pormenor e rigor como são descritos estes lugares donde se extraem escravos sem quaisquer preconceitos e método. De facto, naquele tempo, era de todo impossível, sem um apurado sentido de justiça, averiguar a compra de escravos em África sem as exigências do Direito Natural. Os naturais não possuíam noções adequadas de justiça na sua vida, onde as guerras tribais eram frequentes e injustas. Nestas circunstâncias os negociadores portugueses aceitavam todas as trocas, sem colocar em causa as condições duvidosas das transacções. Molina demonstra na sua tese um rigor simplesmente natural visível e característico de uma época. O desejo, a ganância patente ainda nos dias de hoje exibem um negócio onde todos saíam a ganhar. Contudo, sem escrúpulos declarando evidente a servidão de modo ilegítimo. É admirável a lealdade do professor Luís de Molina que tão

---

<sup>49</sup> Teólogo espanhol nascido em Vitória, província basca de Álava, histórico por sua dedicação à defesa dos direitos dos índios do Novo Mundo e à limitação das causas que justificam a guerra, uma obra constituída na afirmação de princípios éticos universais e de igualdade entre os povos. Ordenou-se dominicano e estudou teologia na Universidade de Paris, onde leccionou até voltar à Espanha (1523). Ensinou em Valladolid até assumir a cátedra de teologia da Universidade de Salamanca (1526), que ocupou até morrer, naquela cidade. Na sua original, solitária e belíssima pregação humanista, questionou a legitimidade da conquista espanhola da América, mesmo que fosse para combater paganismo ou práticas como o canibalismo ou sacrifícios humanos entre os nativos, pois os pagãos não eram irracionais. Para ele o papa não tinha o direito de dar a monarcas europeus domínio sobre povos primitivos a deveria se limitar ao controle do trabalho missionário. Os soberanos conquistadores deveriam garantir tratamento justo e igualitário a indígenas e colonos, pois todos eram seus súbditos, com direitos iguais e, assim, os nativos tinham o direito a propriedade e a ter dirigentes próprios. Outro tema de seus estudos foi a guerra, onde pregou que ela só seria admissível em legítima defesa e para corrigir um erro muito grave, mesmo assim, precedida de todos os esforços possíveis de conciliação e arbitragem.

<sup>50</sup> In Enciclopédia Logos, Vol. III pp.931-932

<sup>51</sup> Luís de Molina, Los seis libros de la justicia y derecho, traducion estudio preliminar y notas de Manuel Fraga Iribarne, Madrid, 1941, disp. XXXIV

claramente investiga e descreve, sem qualquer pudor, o fenómeno da escravatura. Em África, mais do que na América, o problema da licitude da compra de escravos era mais fácil de descobrir embora este apenas desaparecesse no século XIX. Molina é intransigente e intimida-lhes que tratando-se da liberdade humana tem obrigação de investigar, diligentemente, apesar das atenuantes que possam existir, da liberdade deste negocio tão lucrativo quanto arrepiante e imoral. Convêm destacar que embora Luís de Molina pertencendo a uma linha cultural muito intimista e fechada, realça o problema da liberdade e da escravatura com unhas e dentes. É defensor de uma igualdade, liberdade e fraternidade entre as distintas raças. A doutrina de Molina foi-se então impondo na colonização e missionação da costa de África, oriental e ocidental alargando-se até inclusive ao Brasil. Um outro aspecto muito significativo da sua ética jurídica diz respeito ao justo preço nas transacções comerciais, aos câmbios e em geral a toda a vida económica. Assim, nos seus estudos ético-jurídicos, económicos e sociais ao contrário do que parece ter surgido na ciência média, o intelecto de Molina continua presente. Ainda nos dias de hoje estudos valorosíssimos acerca da justiça e o direito, ajudam-nos a compreender os problemas do seu tempo e bem alicerçados servem para enfrentar a realidade com maior optimismo.



Francisco de Vitoria, Estátua em Salamanca



Estátua de Francisco de Vitória, em Vitória

# Francisco Sanches

## Biografia

Francisco Sanches nasceu em Braga em 1550 e faleceu na cidade francesa de Toulouse. Ao longo da sua vida interessou-se pelas mais variadas áreas. Foi matemático, exerceu e leccionou medicina, tendo sido considerado, na universidade onde dava aulas, um dos mais ilustres mestres. Também a filosofia fez parte dos seus interesses pessoais. Procurou dirigir os seus estudos para o conhecimento da Natureza, pois tal como Sanches afirma «desde pequenino, fui dado à contemplação da Natureza, inquiri tudo com minúcia<sup>52</sup>». Este «contestou a filosofia de Aristóteles e o protenso caber da escolástica, mostrando o falível do testemunho dos sentidos, denunciando a ineficácia dos métodos tradicionais e tentou definir o seu próprio ideal do conhecimento». ([htt: //pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org))

Realizou vários trabalhos filosóficos publicados, que constituem a considerada magnífica «Opera médica».

## Francisco Sanches – Filósofo e professor



Francisco Sanches actuando na ópera

<sup>52</sup> Revista Portuguesa de Filosofia, Lúcio Craveiro da Silva, «Francisco Sanches nas correntes do pensamento renascentino», Faculdade de Filosofia, Braga, 1983, pp.233.

No Renascimento, juntamente com uma ampla oposição à filosofia que era ensinada nas escolas, que foi perdendo ao longo dos tempos o seu fulgor e o ímpeto criador do século XVIII, renovou-se o estudo de novas correntes da filosofia antiga. O Platonismo<sup>53</sup> começa a ser cultivado bem como o Estoicismo<sup>54</sup> e o Epicurismo<sup>55</sup>. O fruto destas correntes dispersas despontou também o cepticismo e a dúvida dos demais filósofos e historiadores. Com efeito, neste período renascentino e na procura de um novo sentido especulativo, inovador e dinâmico, não apareceu nenhum grande filósofo que o encarnasse. Por isso, as novas correntes, deviam ser procuradas nas tendências inovadoras que pairavam no ambiente. Os autores que procuravam essas tendências tinham consciência de criar um mundo novo pela maneira de encarar o Indivíduo e a Natureza. Esta mudança de perspectiva de pensamento, a saber metafísico e abstracto, para o pensamento centrado, focado na Natureza de certo modo concreta e objectiva,

---

<sup>53</sup> Platonismo é uma doutrina ou elementos característicos do pensamento de Platão. De uma maneira geral, essas características podem ser agrupadas em três categorias: Doutrina das ideias, onde os objectos do conhecimento se distinguem das coisas naturais; Doutrina da superioridade da sabedoria sobre o saber, uma espécie de objectivo político para a filosofia; e Doutrina da Dialéctica, enquanto procedimento científico.

In [pt.wikipedia.org/wiki/Platonismo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Platonismo)

<sup>54</sup> O estoicismo é uma doutrina filosófica que afirma que todo o universo é corpóreo e governado por um Logos divino (noção que os estóicos tomam de Heráclito e desenvolvem). A alma está identificada com este princípio divino, como parte de um todo ao qual pertence. Este logos (ou razão universal) ordena todas as coisas: tudo surge a partir dele e de acordo com ele, graças a ele o mundo é um kosmos (termo que em grego significa "harmonia"). A partir disso surgem duas consequências éticas: deve-se «viver conforme a natureza»: sendo a natureza essencialmente o logos, essa máxima é prescrição para se viver de acordo com a razão. Sendo a razão aquilo por meio do que o homem torna-se livre e feliz, o homem sábio não apreende o seu verdadeiro bem nos objectos externos, mas bem usando estes objetos através de uma sabedoria pela qual não se deixa escravizar pelas paixões e pelas coisas externas. A última época do estoicismo, ou período romano, caracteriza-se pela sua tendência prática e religiosa, fortemente acentuada como se verifica nos *Discursos* e no *Enchiridion* de Epiteto e nos *Pensamentos* ou *Meditações* de Aurélio. Estóico: Diz-se daquele que revela fortaleza de ânimo e austeridade. Impassível; imperturbável; insensível. A escola estóica foi fundada no século III a.C. por Zenão de Cítio (de Cítium), e que preconizava a indiferença à dor de ânimo oposta aos males e agruras da vida, em que reunia seus discípulos sob pórticos ("*stoa*", em grego) situados em templos, mercados e ginásios. Foi bastante influenciada pelas doutrinas cínica se epicurista, além da clara influência de Sócrates. O estoicismo propõe viver de acordo com a lei racional da natureza e aconselha a indiferença (*apatheia*) em relação a tudo que é externo ao ser. O homem sábio obedece à lei natural reconhecendo-se como uma peça na grande ordem e propósito do universo. O estoicismo floresceu na Grécia com Cleantes de Assos e Crisipo de Solis, sendo levada a Roma no ano 155 a.C. por Diógenes de Babilónia. Ali seus continuadores foram Séneca, Epiteto e Lucano.

In [pt.wikipedia.org/wiki/Estoicismo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Estoicismo)

<sup>55</sup> Epicurismo é o sistema filosófico ensinado por Epicuro de Samos, filósofo ateniense do século IV a.C., e seguido depois por outros filósofos, chamados epicuristas. Epicuro propunha uma vida de contínuo prazer como chave para a felicidade, esse era o objectivo de seus ensinamentos morais. Para Epicuro, a presença do prazer era sinónimo de ausência de dor, ou de qualquer tipo de aflição: a fome, a abstenção sexual, o aborrecimento, etc. A finalidade da filosofia de Epicuro não era teórica, mas sim bastante prática. Buscava sobretudo encontrar o sossego necessário para uma vida feliz e aprazível, na qual os temores perante o destino, os deuses ou a morte estavam definitivamente eliminados. Para isso fundamentava-se em uma teoria do conhecimento empirista, em uma física atomista e em uma ética hedonista. No antigo mundo da zona Mediterrânea, a filosofia epicurista conquistou grande número de seguidores. Foi uma escola de pensamento muito proeminente por um período de sete séculos depois da morte do fundador. Posteriormente, quase relegou-se ao esquecimento devido ao início da Idade Média, período em que se perderam a maioria dos escritos deste filósofo grego. A ideia que Epicuro tinha, era que para ser feliz o homem necessitava de três coisas: Liberdade, Amizade e Tempo para meditar. Essa filosofia é o que rege muitas empresas de marketing e propaganda, em vez de vender o produto ela vende uma destas três opções associadas ao produto. Na Grécia antiga existia uma cidade na qual, em um muro na frente de um mercado, tinha escrito toda a filosofia da felicidade de Epicuro, procurando consciencializar as pessoas que comprar não as tornaria mais felizes como elas acreditavam.

In [pt.wikipedia.org/wiki/Epicurismo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Epicurismo)

trouxe a Francisco Sanches que em 1576 teve a árdua tarefa de buscar a verdade e o propósito de interpretar a Natureza, que aproximou esta base psicológica e cultural do cepticismo. Francisco Sanches “manuseava os escritos antigos” com tremenda perfeição e optimismo mas, que respondiam todos à mesma coisa, sem que nada o satisfizesse. Cada qual trata de construir para si uma ciência com ideias próprias ou alheias, contundo, infundadas num labirinto de palavras sem qualquer fundamento de verdade. Esta desilusão, como confessa Francisco Sanches era resultado de uma busca incessante, incansável de uma sede interior na busca da verdade e sobretudo na investigação da Natureza “Perante desespero, confessa, de que há muito se apoderou de mim, de poder descobrir e conhecer a verdade no tocante às coisas humanas”.

Quando Francisco Sanches diz que procurou incansavelmente a busca da verdade através da metafísica, da física e da matemática deparou-se com uma filosofia mais intrínseca tal como a entendiam as escolas do seu tempo, seguindo Aristóteles<sup>56</sup>,

---

<sup>56</sup> Aristóteles (em grego Αριστοτέλης) nasceu em Estagira, na Calcídica (384 a.C. - 322 a.C.). Filósofo grego, aluno de Platão e professor de Alexandre, o Grande, é considerado um dos maiores pensadores de todos os tempos e criador do pensamento lógico. Aristóteles figura entre os mais influentes filósofos gregos, ao lado de Sócrates e Platão, que transformaram a filosofia pré-socrática, construindo um dos principais fundamentos da filosofia ocidental. Aristóteles prestou contribuições fundentes em diversas áreas do conhecimento humano, destacando-se: ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural. É considerado por muitos o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. Por ter estudado uma variada gama de assuntos, e por ter sido também um discípulo que em muito sentidos ultrapassou o mestre, Platão. É conhecido também como O Filósofo. Aristóteles também foi chamado de o estagirita, pela terra natal, Estagira. Filho de Nicômaco, amigo e médico pessoal do rei macedônio Amintas II, pai de Filipe II da Macedônia. É provável que o interesse de Aristóteles por biologia e fisiologia decorra da atividade médica exercida pelo pai e pelo tio, e que remonta a dez gerações. Com cerca de 16 ou 17 anos partiu para Atenas, maior centro intelectual e artístico da Grécia. Como muitos outros jovens da época, foi para lá prosseguir os estudos. Duas grandes instituições disputavam a preferência dos jovens: a escola de Isócrates, que visava preparar o aluno para a vida política, e Platão e sua Academia, com preferência à ciência (episteme) como fundamento da realidade. Apesar do aviso de que, quem não conhecesse Geometria ali não deveria entrar, Aristóteles decidiu-se pela Academia platônica e nela permaneceu 20 anos, até 347 a.C., ano que morreu Platão. Com a morte do grande mestre e com a escolha do sobrinho de Platão, Espeusipo, para a chefia da Academia, Aristóteles partiu para Assos com alguns ex-alunos. Dois fatos parecem se relacionar com esse episódio: Espeusipo representava uma tendência que desagradava imensamente Aristóteles, isto é, a matematização da filosofia; e Aristóteles ter-se sentido preterido (ou rejeitado), já que se julgava o mais apto para assumir a direção da Academia. Em Assos, Aristóteles fundou um pequeno círculo filosófico com a ajuda de Hérmiás, tirano local e eventual ouvinte de Platão. Lá ficou por três anos e casou-se com Pítias, sobrinha de Hérmiás. Assassinado Hérmiás, Aristóteles partiu para Mitilene, na ilha de Lesbos, onde realizou a maior parte das famosas investigações biológicas. No ano de 343 a.C. chamado por Filipe II, tornou-se preceptor de Alexandre, função que exerceu até 336 a.C., quando Alexandre subiu ao trono. Neste mesmo ano, de volta a Atenas, fundou o «Lykeion», origem da palavra Liceu cujos alunos ficaram conhecidos como peripatéticos (os que passeiam), nome decorrente do hábito de Aristóteles de ensinar ao ar livre, muitas vezes sob as árvores que cercavam o Liceu. Ao contrário da Academia de Platão, o Liceu privilegiava as ciências naturais. Alexandre mesmo enviava ao mestre exemplares da fauna e flora das regiões conquistadas. O trabalho cobria os campos do conhecimento clássico de então: filosofia, metafísica, lógica, ética, política, retórica, poesia, biologia, zoologia, medicina e não só estabeleceu as bases de tais disciplinas quanto a metodologia científica. Aristóteles dirigiu a escola até 324 a.C., pouco depois da morte de Alexandre. Os sentimentos antimacedônios dos atenienses voltaram-se contra ele que, sentindo-se ameaçado, deixou Atenas afirmando não permitir que a cidade cometesse um segundo crime contra a filosofia (alusão ao julgamento de Sócrates). Deixou a escola aos cuidados do principal discípulo, Teofrasto (372 a.C. - 288 a.C.) e retirou-se para Cálcis, na Eubéia, onde morreu a 323 a.C. A tradição representa um elemento vital para a compreensão da filosofia aristotélica. Em certo sentido, Aristóteles via o próprio pensamento como o ponto culminante do processo desencadeado por Tales de Mileto. A filosofia pretendia não apenas rever como também corrigir as falhas e imperfeições das filosofias anteriores. Ao mesmo tempo, trilhou novos caminhos para fundamentar as críticas, revisões e novas proposições. Aluno de Platão, Aristóteles discorda de uma parte fundamental da filosofia. Platão concebia dois mundos existentes: aquele que é apreendido por nossos sentidos, o mundo concreto -, em constante mutação; e outro mundo - abstracto -, o das ideias, acessível somente pelo intelecto, imutável e independente do tempo e do espaço material. Aristóteles, ao contrário, defende a existência de um único mundo: este em que vivemos. O que está além de nossa experiência sensível não pode ser nada para nós.

O pensamento aristotélico:

---

### Lógica

Para Aristóteles, a Lógica é um instrumento, uma introdução para as ciências e para o conhecimento e baseia-se no silogismo, o raciocínio formalmente estruturado que supõe certas premissas colocadas previamente para que haja uma conclusão necessária. O silogismo é dedutiva parte do universal para o particular; a indução, ao contrário, parte do particular para o universal. Dessa forma, se forem verdadeiras as premissas, a conclusão, logicamente, também o será.

### Física

A concepção aristotélica de Física parte do movimento, elucidando-o nas análises dos conceitos de crescimento, alteração e mudança. A teoria do ato e potência, com implicações metafísicas, é o fundamento do sistema. Ato e potência relacionam-se com o movimento enquanto a matéria e forma com a ausência de movimento. Para Aristóteles, os objectos caíam para se localizarem correctamente de acordo com a natureza: o éter, acima de tudo; logo abaixo, o fogo; depois a água e, por último, a terra.

### Psicologia

A Psicologia é a teoria da alma e baseia-se nos conceitos de alma (psykhé) e intelecto (noûs). A alma é a forma primordial de um corpo que possui vida em potência, sendo a essência do corpo. O intelecto, por sua vez, não se restringe a uma relação específica com o corpo; sua actividade vai além dele. O organismo, uma vez desenvolvido, recebe a forma que lhe possibilitará perfeição maior, fazendo passar suas potências a ato. Essa forma é alma. Ela faz com que vegetem, cresçam e se reproduzam os animais e plantas e também faz com que os animais sintam. No homem, a alma, além de suas características vegetativas e sensitivas, há também a característica da inteligência, que é capaz de apreender as essências de modo independente da condição orgânica. Ele acreditava que a mulher era um ser incompleto, um meio homem. Seria passiva, ao passo que o homem seria activo.

### Biologia

A biologia é a ciência da vida e situa-se no âmbito da física (como a própria psicologia), pois está centrada na relação entre ato e potência. Aristóteles foi o verdadeiro fundador da zoologia - levando-se em conta o sentido etimológico da palavra. A ele se deve a primeira divisão do reino animal. Aristóteles é o pai da teoria da aburguese, que durou até séculos mais recentes, segundo a qual um ser nascia de um germe da vida, sem que um outro ser precisasse gerá-lo (excepto os humanos): um exemplo é o das aves que vivem à beira das lagoas, cujo germe da vida estaria nas plantas próximas. Ainda no campo da biologia, Aristóteles foi quem iniciou os estudos científicos documentados sobre peixes sendo o precursor da ictiologia (a ciência que estuda os peixes), catalogou mais de cem espécies de peixes marinhos e descreveu seu comportamento. É considerado como elemento histórico da evolução da piscicultura e da aquariofilia.

### Metafísica

O termo "Metafísica" não é aristotélico; o que hoje chamamos de metafísica era chamado por Aristóteles de filosofia primeira. Esta é a ciência que se ocupa com realidades que estão além das realidades físicas que possuem fácil e imediata apreensão sensorial. O conceito de metafísica em Aristóteles é extremamente complexo e não há uma definição única. O filósofo deu quatro definições para metafísica:

A ciência que indaga causas e princípios;

A ciência que indaga o ser enquanto ser;

A ciência que investiga a substância;

A ciência que investiga a substância supra-sensível.

Os conceitos de ato e potência, matéria e forma, substância e acidente possuem especial importância na metafísica aristotélica.

As quatro causas:

Para Aristóteles, existem quatro causas implicadas na existência de algo: A causa material (aquilo do qual é feita alguma coisa, a argila, por exemplo); A causa formal (a coisa em si, como um vaso de argila); A causa eficiente (aquilo que dá origem ao processo em que a coisa surge, como as mãos de quem trabalha a argila); A causa final (aquilo para o qual a coisa é feita, cite-se portar arranjos para enfeitar um ambiente). A teoria aristotélica sobre as causas estende-se sobre toda a Natureza, que é como um artista que age no interior das coisas.

### Essência e acidente

Aristóteles distingue, também, a essência e os acidentes em alguma coisa. A essência é algo sem o qual aquilo não pode ser o que é; é o que dá identidade a um ser, e sem a qual aquele ser não pode ser reconhecido como sendo ele mesmo (por exemplo: um livro sem nenhum tipo de letras não pode ser considerado um livro, pois o fato de ter letras é o que permite-o ser identificado como

"livro" e não como "caderno" ou meramente "papel em branco"). O acidente é algo que pode ser inerente ou não ao ser, mas que, mesmo assim, não descaracteriza-se o ser por sua falta (o tamanho de uma flor, por exemplo, é um acidente, pois uma flor grande não deixará de ser flor por ser grande; a sua cor, também, pois, por mais que uma flor tenha que ter, necessariamente, alguma cor, ainda assim tal característica não faz de uma flor o que ela é).

### Potência, acto e movimento

Todas as coisas são em potência e ato. Uma coisa em potência é uma coisa que tende a ser outra, como uma semente (uma árvore em potência). Uma coisa em ato é algo que já está realizado, como uma árvore (uma semente em ato). É interessante notar que todas as coisas, mesmo em ato, também são em potência (pois uma árvore - uma semente em ato - também é uma folha de papel ou uma mesa em potência). A única coisa totalmente em ato é o Ato Puro, que Aristóteles identifica com o Bem. Esse Ato não é nada em potência, nem é a realização de potência alguma. Ele é sempre igual a si mesmo, e não é um antecedente de coisa alguma. Desse conceito Tomás de Aquino derivou sua noção de Deus em que Deus seria "ato puro" Um ser em potência só pode tornar-se um ser em ato mediante algum movimento. O movimento vai sempre da potência ao ato, da privação à posse. É por isso que o movimento pode ser definido como ato de um ser em potência enquanto está em potência.

### Ética

No sistema aristotélico, a ética é a ciência das condutas, menos exata na medida em que se ocupa com assuntos passíveis de modificação. Ela não se ocupa com aquilo que no homem é essencial e imutável, mas daquilo que pode ser obtido por ações repetidas, disposições adquiridas ou de hábitos que constituem as virtudes e os vícios. Seu objetivo último é garantir ou possibilitar a conquista da felicidade. Partindo das disposições naturais do homem (disposições particulares a cada um e que constituem o caráter), a moral mostra como essas disposições devem ser modificadas para que se ajustem à razão. Estas disposições costumam estar afastadas do meio-termo, estado que Aristóteles considera o ideal. Assim, algumas pessoas são muito tímidas, outras muito audaciosas. A virtude é o meio-termo e o vício se dá ou na falta ou no excesso. Por exemplo: coragem é uma virtude e seus contrários são a temeridade (excesso de coragem) e a covardia (ausência de coragem). As virtudes se realizam sempre no âmbito humano e não têm mais sentido quando as relações humanas desaparecem, como, por exemplo, em relação a Deus. Totalmente diferente é a virtude especulativa ou intelectual, que pertence apenas a alguns (geralmente os filósofos) que, fora da vida moral, buscam o conhecimento pelo conhecimento. É assim que a contemplação aproxima o homem de Deus.

### Política

Alexandre e Aristóteles na filosofia aristotélica a política é um desdobramento natural da ética. Ambas, na verdade, compõem a unidade do que Aristóteles chamava de filosofia prática. Se a ética está preocupada com a felicidade individual do homem, a política se preocupa com a felicidade colectiva da polis. Desse modo, é tarefa da política investigar e descobrir quais são as formas de governo e as instituições capazes de assegurar a felicidade colectiva. Trata-se, portanto, de investigar a constituição do estado. Acredita-se que as reflexões aristotélicas sobre a política originam-se da época em que ele era preceptor de Alexandre, o Grande.

### Direito

Para Aristóteles, assim como a política, o direito também é um desdobramento da ética. O direito para Aristóteles é uma ciência dialéctica, por ser fruto de teses ou hipóteses, não necessariamente verdadeiras, validadas principalmente pela aprovação da maioria.

### Retórica

Aristóteles considerava importante o conhecimento da retórica, já que ela se constituiu em uma técnica (por habilitar a estruturação e exposição de argumentos) e por relacionar-se com a vida pública. O fundamento da retórica é o entimema (silogismo truncado, incompleto), um silogismo no qual se subentende uma premissa ou uma conclusão. O discurso retórico opera em três campos ou gêneros: gênero deliberativo, gênero judicial e gênero epidémico (ostensivo, demonstrativo).

### Poética

A poética é imitação (mimesis) e abrange a poesia épica, a lírica e a dramática: (tragédia e comédia). A imitação visa a recriação e a recriação visa aquilo que pode ser. Desse modo, a poética tem por fim o possível. O homem apresenta-se de diferentes modos em cada gênero poético: a poesia épica apresenta o homem como maior do que realmente é, idealizando-o; a tragédia apresenta o homem exaltando suas virtudes e a comédia apresenta o homem ressaltando seus vícios ou defeito.

### Obra

A filosofia aristotélica é um sistema, ou seja, a relação e conexão entre as várias áreas pensadas pelo filósofo. Seus escritos versam sobre praticamente todos os ramos do conhecimento de sua época (menos as matemáticas). Embora sua produção tenha sido excepcional, apenas uma parcela foi conservada. Seus escritos dividiam-se em duas espécies: as 'exotéricas' e as 'acromáticas'. As exotéricas eram destinadas ao público em geral e, por isso, eram obras de carácter introdutório e geralmente compostas na forma de diálogo. As acromáticas, eram destinadas apenas aos discípulos do Liceu e compostas na forma de tratados. Praticamente tudo que se conservou de Aristóteles faz parte das obras acromáticas. Das exotéricas, restaram apenas fragmentos. O conjunto das obras de Aristóteles é conhecido entre os especialistas como corpus aristotelicum.

## “Leituras de... Lúcio Craveiro da Silva”

---

O Organon, que é a reunião dos escritos lógicos, abre o corpus e é assim composto: Categorias: análise dos elementos do discurso;

Sobre a interpretação: análise do juízo e das proposições;

Analíticos (Primeiros e Segundos): análise do raciocínio formal através do silogismo e da demonstração científica;

Tópicos: análise da argumentação em geral;

Elencos sofísticos: tido como apêndice dos Tópicos, analisa os argumentos capciosos.

Em seguida, aparecem os estudos sobre a Natureza e o mundo físico. Temos:

Física;

Sobre o céu;

Sobre a geração e a corrupção;

Meteorológicos.

Segue-se a Parva naturalia, conjunto de investigações sobre temas relacionados.

Da alma;

Da sensação e o sensível;

Da memória e reminiscência;

Do sono e a vigília;

Dos sonhos;

Da adivinhação pelo sonho;

Da longevidade e brevidade da vida;

Da Juventude e Senilidade;

Da Respiração;

História dos Animais;

Das Partes dos Animais;

Do Movimento dos Animais;

Da Geração dos Animais;

Da Origem dos Animais.

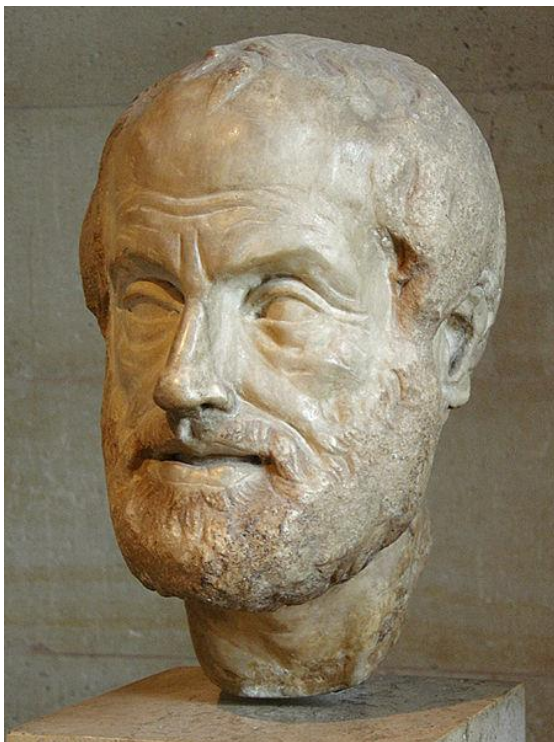
Após os tratados que versam sobre o mundo físico, temos a obra dedicada à filosofia primeira, isto é, a Metafísica. Não se deve necessariamente entender que 'metafísica' signifique uma investigação sobre um plano de realidade fora do mundo físico. Esta é uma interpretação neo-platônica filosofia primeira, seguem-se as obras de filosofia prática, que versam sobre Ética e Política. Estas reflexões têm lugar em quatro textos:

Ética a Nicômaco;

Ética a Eudemo (atualmente considerada como uma primeira versão da Ética a Nicômaco);

Grande Moral ou Magna Moralia (resumo das concepções éticas de Aristóteles);

para quem a filosofia harmonizava-se em geral à ciência e incluía a metafísica, a matemática e a física. Assim, no agitar, no tumultuar de ideias do renascimento, dentro do conceito de filosofia aristotélica tradicional, surge um conflito entre o conceito de metafísica e de ciência. A ciência ia ao encontro da ciência experimental, fruto da observação, da constatação de factos, das causas próximas da natureza, enquanto a metafísica continuava sendo uma ciência do ser pelas causas últimas. Com efeito, a investigação da Natureza tornou-se mais apetecível, mais dinâmica e maleável da filosofia. Logo, Francisco Sanches aceita o desafio da ciência ao afirmar convictamente que a filosofia tem como objecto de estudo o conhecimento intrínseco da própria natureza. Surge uma procura incessante de um método mais certo, fecundo por si, que lhe abra perspectivas seguras no campo das ciências naturais.



Busto de Aristóteles no Museu do Louvre.

---

Política (a política, para Aristóteles, é o desdobramento natural da ética)

Poética (desta obra conservam-se apenas os tratados sobre a tragédia e a poesia épica). O corpus aristotelicum ainda inclui outros escritos sobre temas semelhantes, mas hoje sabe-se que são textos apócrifos. Aristóteles havia registrado as constituições de todas as cidades gregas, mas julgava-se que esses escritos haviam se perdido. No século XIX, contudo, foi descoberta a Constituição de Atenas, única remanescente.

In [pt.wikipedia.org/wiki/Aristóteles](http://pt.wikipedia.org/wiki/Aristóteles)

A filosofia, portanto, dirige-se ao conhecimento da Natureza. Por isso, Francisco Sanches para alargar e aprofundar os seus conhecimentos baseia-se numa investigação de sentido físico. Este reflecte para um dos problemas fulcrais do seu tempo. Francisco Sanches formou-se na Escolástica<sup>57</sup> e afastou-se dela. A escolástica dividia-se então em três grandes grupos: o ockhamismo, o escotismo<sup>58</sup> e o tomismo<sup>59</sup>. Estas escolas eram diferentes, desiguais e ao mesmo tempo variáveis quantos às formas

---

<sup>57</sup> Escolástica (ou Escolasticismo) é uma linha dentro da filosofia medieval, de acentos notadamente cristãos, surgida da necessidade de responder às exigências da fé, ensinada pela Igreja, considerada então como a guardiã dos valores espirituais e morais de toda a Cristandade. Por assim dizer, responsável pela unidade de toda a Europa, que comungava da mesma fé. Esta linha vai do começo do século IX até ao fim do século XVI, ou seja, até ao fim da Idade Média. Este pensamento cristão deve o seu nome às artes ensinadas na altura pelos escolásticos nas escolas medievais. Estas artes podiam ser divididas em trívio (gramática, retórica e dialéctica) ou quadrívio (aritmética, geometria, astronomia e música). A escolástica resulta essencialmente do aprofundar da dialéctica. A Filosofia que até então possuía traços marcadamente clássicos e helenísticos, sofreu influências da cultura judaica e cristã, a partir do século V, quando pensadores cristãos perceberam a necessidade de aprofundar uma fé que estava amadurecendo, em uma tentativa de harmonizá-la com as exigências do pensamento filosófico. Alguns dos temas que antes não faziam parte do universo do pensamento grego, tais como: Providência e Revelação Divina e Criação a partir do nada passaram a fazer parte de temáticas filosóficas. A Escolástica possui uma constante de natureza a saber neoplatónicas, que conciliava elementos da filosofia de Platão com valores de ordem espiritual, reinterpretadas pelo Ocidente cristão. E mesmo quando Tomás de Aquino introduziu elementos da filosofia de Aristóteles no pensamento escolástico, esta constante neoplatónicas ainda é presente.

In [pt.wikipedia.org/wiki/Escolástica](http://pt.wikipedia.org/wiki/Escolástica)

<sup>58</sup> Escotismo ou escutismo<sup>[1]</sup>, fundado por Lorde Robert Stephenson Smyth Baden-Powell, em 1907, é um movimento mundial, educacional, voluntariado, apartidário, sem fins lucrativos. A sua proposta é o desenvolvimento do jovem, por meio de um sistema de valores que valoriza a honra, baseado na Promessa e na Lei escoteira, e através da prática do trabalho em equipa e da vida ao ar livre, fazer com que o jovem assuma seu próprio crescimento, tornar-se um exemplo de fraternidade, lealdade, altruísmo, responsabilidade, respeito e disciplina.

In [pt.wikipedia.org/wiki/Escotismo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Escotismo)

<sup>59</sup> O Tomismo é a doutrina ou filosofia escolástica de São Tomás de Aquino (1225-1274), adoptada oficialmente pela Igreja Católica, e que se caracteriza, sobretudo pela tentativa de conciliar o aristotelismo com o cristianismo. Procurando assim integrar o pensamento aristotélico e neoplástico, aos textos das Sagradas Escrituras, gerando uma filosofia do Ser, inspirada na fé, com a teologia científica. O tomismo afirma-se e caracteriza-se como uma crítica que valoriza a orientação do pensamento platónico-agostiniano em nome do racionalismo aristotélico, que pareceu um escândalo, no campo católico, ao misticismo agostiniano. Ademais, o tomismo se afirma e se caracteriza como o início da filosofia no pensamento cristão e, por conseguinte, como o início do pensamento moderno, enquanto a filosofia é concebida qual construção autónoma e crítica da razão humana. Sabemos que, segundo a concepção platónico-agostiniana, o conhecimento humano depende de uma particular iluminação divina; segundo esta doutrina, portanto, o espírito humano está em relação imediata com o inteligível, e tem, de certo modo, intuição do inteligível. A esta gnosiologia inatista, Tomás opõe francamente a gnosiologia empírica aristotélica, em virtude da qual o campo do conhecimento humano verdadeiro e próprio é limitado ao mundo sensível. Acima do sentido há, sim, no homem, um intelecto; este intelecto atinge, sim, um inteligível; mas é um intelecto concebido como uma faculdade vazia, sem ideias inatas - são uma tabula rasa, segundo a famosa expressão -; e o inteligível nada mais é que a forma imanente às coisas materiais. Essa forma é enucleada, abstraída pelo intelecto das coisas materiais sensíveis. Essa gnosiologia é naturalmente conexa a uma metafísica e, em especial, a uma antropologia, assim como a gnosiologia platónico-agostiniana era conexa a uma correspondente metafísica e antropologia. Por isso a alma era concebida quase como um ser autónomo, uma espécie de natureza angélica, unida extrinsecamente a um corpo, e a materialidade do corpo era-lhe mais de obstáculo do que instrumento. Por conseguinte, o conhecimento humano se realizava não através dos sentidos, mas ao lado e acima dos sentidos, mediante contacto directo com o mundo inteligível; precisamente como as inteligências angélicas, que conhecem mediante as espécies impressas, ideias inatas. Vice-versa, segundo a antropologia aristotélico-tomista, sobre a base metafísica geral da grande doutrina da forma, a alma é concebida como a forma substancial do corpo. A alma é, portanto, incompleta sem o corpo, ainda que destinada a sobreviver-lhe pela sua natureza racional; logo, o corpo é um instrumento indispensável ao conhecimento humano, que, por consequência, tem o seu ponto de partida nos sentidos. A terceira característica do agostinianismo é o assim chamado voluntarismo, com todas as consequências de correntes da primazia da vontade sobre o intelecto. A característica do tomismo, ao contrário, é o intelectualismo, com a primazia do intelecto sobre a vontade, com todas as relativas consequências. O conhecimento, pois, é mais perfeito do que a acção, porquanto o intelecto possui o próprio objecto, ao passo que a vontade o persegue sem conquistá-lo. Esta doutrina é aplicada tanto na ordem natural como na ordem sobrenatural, de sorte que a bem-aventurança não consiste no gozo afectivo de Deus, mas na visão beatífica da Essência divina

Obtido em "<http://pt.wikipedia.org/wiki/Tomismo>"

de entender a filosofia. Assim, quais são os pontos que ataca na filosofia escolástica contemporânea? Na Dialéctica<sup>60</sup>, a sua principal resistência vigora contra a teoria da origem e valor das ideias universais. Ora, como já foi possível descortinar Francisco Sanches é nominalista<sup>61</sup>. Para ele as ideias universais são meras criações subjectivas da nossa inteligência. Deste modo, é possível compreender que em Aristóteles de que a verdadeira ciência é a ciência dos universais. Por outro lado, Sanches afirma que apenas no conhecimento dos singulares se poderá encontrar a verdadeira ciência. Logo, na teoria do conhecimento Francisco Sanches busca acima de tudo a fundamentação do conhecimento científico. Em primeiro plano menciona a imperfeição do conhecimento patente na confiança gratuita, rotineira do seu tempo acumulada a uma ciência espontânea e manifestamente desinteressante. Era fundamental criar uma nova teoria do conhecimento. Conceber uma teoria em que se valorizasse a inteligência, juízo segundo Sanches. Deste modo, uma vez gerada essa nova teoria Francisco Sanches opõe-se à metafísica<sup>62</sup>. Esse movimento de obstáculo contra a filosofia aristotélica teve a sua força no período da Renascença. Contra uma ciência antiga, nomeadamente contra Aristóteles erguem-se então alguns dos melhores talentos do Renascimento. A saber Leonardo da Vinci (1452-1519), um dos sábios mais profundos e universais da Idade Moderna<sup>63</sup>;

---

<sup>60</sup> Originariamente, dialéctica é a arte da argumentação, um método de investigação lógica que passa pelo levantamento das questões a que se vai dando resposta., equivalendo a um processo que visa encontrar a verdade através do diálogo. Com Hegel passou a ser um processo pelo qual as contradições são resolvidas através da trilogia tese+antítese+síntese, criando-se um novo método lógico, avançando-se através de argumentos contraditórios, a tese e a sínteses, que são superadas numa terceira fase, pela síntese. Neste sentido, Hegel considera que importa começar pelas coisas complexas, porque no princípio, pode estar o fim, dado que o princípio é o verbo que caminha em direcção ao fim, superando as circunstâncias para atingir a ideia do todo. De acordo com o modelo hegeliano, eis que pela dialéctica que pode aceder-se ao todo. Uma dialéctica que, em primeiro lugar, seja a capacidade do pensamento se reencontrar; e que, em segundo lugar, leve ao reconhecimento como uno, num plano superior, do que, num plano inferior, aparece como antitético. Pelo que urge integrar a parcela do inferior no todo do superior e, assim, superar o inferior.

In [pt.wiktionary.org/wiki/dialéctica](http://pt.wiktionary.org/wiki/dialéctica)

<sup>61</sup> Nos séculos XI e XII, o nominalismo surgiu como uma possível solução à questão: o universal (conceito, ideia ou essência comum a todas as coisas que indicamos pelo mesmo nome) é algo de real ou não será antes um ato simples de nossa mente expresso por um nome? Os conceitos são realidade (res) ou palavras (voces)? Três soluções fundamentais desse problema são: o realismo, o conceptualismo e o nominalismo.

In [pt.wikipedia.org/wiki/Nominalismo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Nominalismo)

<sup>62</sup> Metafísica (do grego *μετα* [meta] = depois de/além de e *Φυσικ* [physis] = natureza ou físico) é um ramo da filosofia que estuda a essência do mundo. O saber, é o estudo do ser ou da realidade. Se ocupa em procurar responder perguntas tais como: O que é real (veja realidade)? O que é natural (veja naturalismo)? O que é sobrenatural (veja milagre)? O ramo central da metafísica é a ontologia, que investiga em quais categorias as coisas estão no mundo e quais as relações dessas coisas entre si. A metafísica também tenta esclarecer as noções de como as pessoas entendem o mundo, incluindo a existência e a natureza do relacionamento entre objectos e suas propriedades, espaço, tempo, causalidade, e possibilidade.

In [pt.wikipedia.org/wiki/Metafísica](http://pt.wikipedia.org/wiki/Metafísica)

<sup>63</sup> A Idade Moderna é um período específico da História do Ocidente. Destaca-se das demais por ter sido um período de transição por excelência. Tradicionalmente aceita-se o início estabelecido pelos historiadores franceses, 1453 quando ocorreu a tomada de

Cesalpino (1519-1603), que se notificou na História Natural<sup>64</sup>; Copérnico (1473-1543) defensor do heliocentrismo<sup>65</sup> e por último Galileu Galilei. Esta luta contra o dialecticismo e contra a autoridade de Aristóteles mostrou-se convicta, real e bem delineada. Francisco Sanches entregou-se de alma e coração a esta causa conservando os seus critérios e o seu ponto de vista. Sanches utilizou na sua crítica contra a atitude dogmática nas ciências experimentais como nos caminhos infrutíferos nelas usados pelas escolas aristotélicas e até mesmo neoplatónicas do Renascimento. Nos demais argumentos para convencer o seu interlocutor Sanches baseia-se particularmente no empirismo e do nominalismo do seu curso de artes. No entanto, a semelhança dos diversos argumentos das “Hipóteses Pirrónicas” confrontada com o Sexto Empírico<sup>66</sup> são desenvolvidos por Francisco Sanches no *Quod Nihil Scitur*. Visto Sanches além de ser filósofo, foi médico e professor é perfeitamente natural que as exigências naturais da

---

Constantinopla pelos turcos otomanos, e o término com a Revolução Francesa, em 1789. Entretanto, apesar de a queda de Constantinopla ser o evento mais aceito, não é o único. Têm sido propostas outras datas para o início deste período, como a Conquista de Ceuta pelos portugueses em 1415, a viagem de Cristóvão Colombo ao continente americano em 1492 ou a viagem à Índia de Vasco da Gama em 1498. Algumas correntes historiográficas anglo-saxónicas preferem trabalhar com o conceito de "Tempos Modernos", entendido como um período não acabado, introduzindo nele subdivisões entre *Early Modern Times* (mais antiga) e *Later Modern Times* (mais recente), ou então procedem a uma divisão entre sociedades pré-industriais e sociedades industriais. A noção de "Idade Moderna" tende a ser desvalorizada pela historiografia marxista, que prolonga a Idade Média até ao advento das Revoluções Liberais e ao fim do regime senhorial na Europa, devido a ampla acção das Cruzadas, que expandiram o comércio na Europa. A dificuldade da delimitação cronológica do período se deve, principalmente, às divergências de interpretação quanto à origem e evolução do sistema capitalista. Contudo, o período histórico que vai do século XV ao XVIII é, genericamente percebido com um "período de transição". A época moderna pode ser considerada, exactamente, como uma época de "revolução social" cuja base consiste na "substituição do modo de produção feudal pelo modo de produção capitalista".

In [pt.wikipedia.org/wiki/Idade\\_Moderna](http://pt.wikipedia.org/wiki/Idade_Moderna)

<sup>64</sup> "História natural" é um termo genérico para o que é hoje geralmente visto como um conjunto variado de disciplinas científicas distintas. A maior parte das definições incluem o estudo das coisas vivas (ex: biologia, incluindo botânica e zoologia), enquanto outras definições estendem o conceito até incluir a paleontologia, a ecologia ou a bioquímica, bem como partes da geologia e da física e até mesmo da meteorologia. A uma pessoa interessada em história natural chama-se naturalista.

In [pt.wikipedia.org/wiki/História\\_natural](http://pt.wikipedia.org/wiki/História_natural)

<sup>65</sup> O heliocentrismo é uma teoria científica que afirma ser o Sol o centro do sistema solar. Esta teoria foi proposta pela primeira vez pelo astrónomo grego Aristarco de Samos, mas só com Nicolau Copérnico e em especial com Galileu Galilei é que se tornou mais sustentada. Na etimologia da palavra, temos como componente a palavra "hélio" que, no caso, se refere ao deus grego Hélios, e não ao elemento químico hélio - que é um elemento componente do Sol.

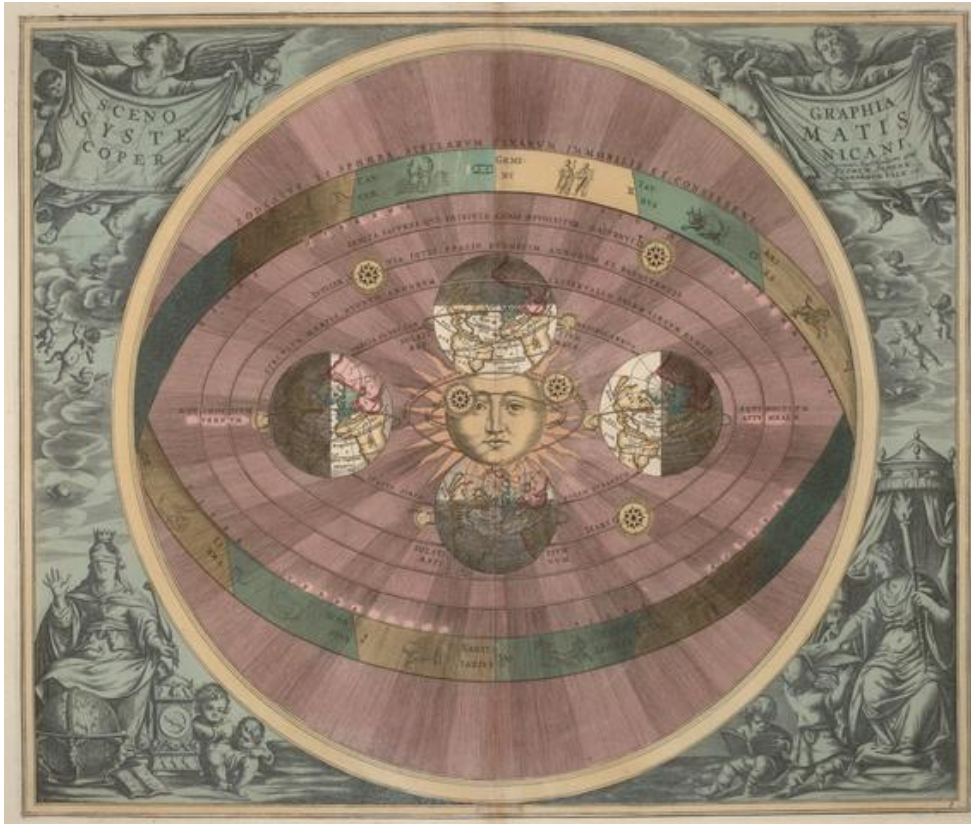
In [pt.wikipedia.org/wiki/Heliocentrismo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Heliocentrismo)

<sup>66</sup> Sexto Empírico (em grego antigo: Σέξτος Εμπεirikός, transl. Séxtos Empeirikós; em latim: Sextus Empiricus) foi um médico e filósofo grego que viveu entre os séculos II e III. Seus trabalhos filosóficos são um dos melhores exemplos do cepticismo pirrónico e fonte da maioria dos dados referentes a essa corrente filosófica, opondo-se à astrologia e outras magias. Seus escritos foram publicados em latim pela primeira vez em 1562, por Henricus Stephanus. Seus conceitos influenciaram Montaigne e Hume. Não se sabe de onde era originário, embora tenha vivido em Atenas, Alexandria e Roma. Recebeu o apelido de Empírico por suas concepções filosóficas porém, especialmente, por sua prática médica. Seus escritos, muito influenciados pelos de Pirro de Élis e Enesidemo, estão dirigidos contra a defesa dogmática da pretensão de conhecer a verdade absoluta, tanto na moral como nas ciências.

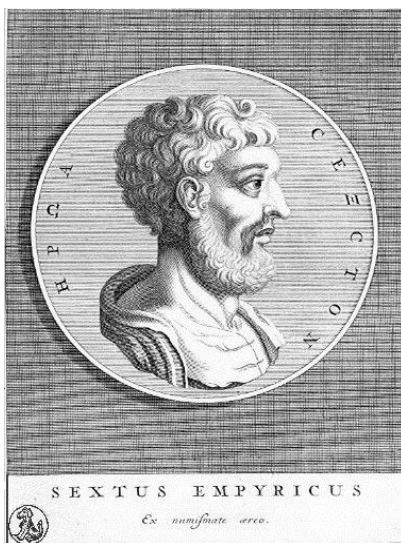
In [pt.wikipedia.org/wiki/Sexto\\_Empirico](http://pt.wikipedia.org/wiki/Sexto_Empirico)

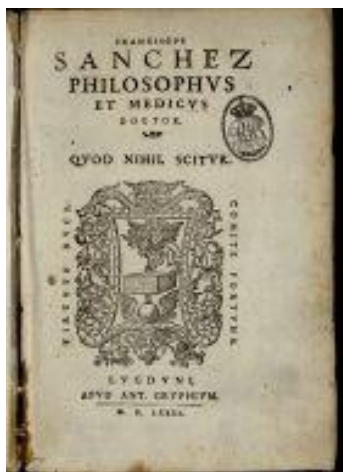
“Leituras de... Lúcio Craveiro da Silva”

medicina estivessem presentes na sua descoberta da verdadeira ciência “o caminho irei buscá-lo à medicina de que sou professor”



Sistema solar heliocêntrico





SANCHES, Francisco, ca1551-1623

Franciscus Sanchez Philosophus et Medicus Doctor. Quod Nihil Scitur. - Lugduni : apud Ant[onium] Gryphium, 1581. - [8], 100 p. ; 4° (23 cm). - Marca de impressor na p. de tít.. - Capitais iniciais ornamentadas. - Errata na última p. inumerada. - Assin.: \*/4, A-M//4, N//2. - Encadernação em pergaminho PTBN: RES. 431 V.. - Encadernação em chagrin azul e vermelho com brasões e ferros dourados, executada por A. Ramos PTBN: D.S. XVI - 42. - Pert.: António Alberto Marinho Duarte de Sousa PTBN: D.S. XVI -42. - Baudrier VIII 380. - BM (STC FR)394. - NUC NS 0092368. - Adams S 247. - Palau 294103. - Duarte de Sousa 1, 69. - Oxford University (HPB)

É possível constatar que a expressão por ele mais utilizada no seu livro é a dúvida se bem que a segunda vislumbra confiança. Desde logo, comprovamos o génio construtivo de Sanches ao realizar estas divergências tão distintas e contraditórias. Sanches não se deixa debilitar perante a fragilidade do conhecimento e a pobreza da força humana na acção, nos erros e em perversões no estudo. Todo o seu esforço se debruçou em quebrar a frágil e gasta ciência antiga. Dá-nos dicas e meios capazes de construir e sustentar uma nova ciência designada de razão e experiência. De entre várias leituras surge Descartes<sup>67</sup> no seu curioso Discurso do Método<sup>68</sup>. O estudo comparativo

---

<sup>67</sup> René Descartes (La Haye en Touraine, 31 de Março de 1596 — Estocolmo, 11 de Fevereiro de 1650), também conhecido como Renatus Cartesius (forma latinizada), foi filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo por seu trabalho revolucionário na filosofia e na ciência, mas também obteve reconhecimento matemático por sugerir a fusão da álgebra com a geometria - fato que gerou a geometria analítica e o sistema de coordenadas que hoje leva o seu nome. Por fim, ele foi uma das figuras-chave na Revolução Científica. Descartes, por vezes chamado de "o fundador da filosofia moderna" e o "pai da matemática moderna", é considerado um dos pensadores mais importantes e influentes da História do Pensamento Ocidental. Inspirou contemporâneos e várias gerações de filósofos posteriores; boa parte da filosofia escrita a partir de então foi uma reacção às suas obras ou a autores supostamente influenciados por ele. Muitos especialistas afirmam que a partir de Descartes inaugurou-se o racionalismo da Idade Moderna. Décadas mais tarde, surgiria nas Ilhas Britânicas, um movimento filosófico que, de certa forma, seria o seu oposto - o empirismo, com John Locke e David Hume.

In [pt.wikipedia.org/wiki/René\\_Descartes](http://pt.wikipedia.org/wiki/René_Descartes)

<sup>68</sup> O Discurso sobre o método, por vezes traduzido como Discurso do método, ou ainda Discurso sobre o método para bem conduzir a razão na busca da verdade dentro da ciência (em francês, Discours de la méthode pour bien conduire sa raison, et chercher la vérité dans les sciences) é um tratado matemático e filosófico de René Descartes, publicado na França em Leiden em 1637. Ele inicialmente apareceu junto a outros trabalhos de Descartes, Dioptrique, Météores e Géométrie. Uma tradução para o latim foi produzida em 1656, e publicada em Amsterdam. Constitui, ao lado de Meditações sobre filosofia primeira (Meditationes de prima philosophia), Princípios de filosofia e Regras para a direção do espírito (Regulae ad directionem ingenii), a base da epistemologia do

entre estes dois autores é deveras difícil visto Descartes não se atrever a negar as teorias tão vivas de Aristóteles e Platão. Descartes preocupou-se apenas em construir um novo método de melhor compreensão e discernimento manifesto no *Cogito ergo sum*. Contudo, as fervorosas palpitações de Sanches levam-no a opor Descartes realçando a sua maneira de enfrentar as situações concluindo que quanto mais se pensa mais se tem dúvidas *Quo magis cogito magis dubito*. A razão para tal divergência explica-se. Sanches propunha a dúvida como consequência da esterilidade das ciências antigas. O perfeito conhecimento apenas está ao alcance de Deus. Numa outra perspectiva Descartes quer propor a dúvida na ordem da essência<sup>69</sup> a qual está realçada no cogito ergo sum. Assim, o cogito ergo sum leva necessariamente à existência de um eu que pensa, evolui e se transforma.



### René Descartes em pintura de Frans Hals

filósofo, sistema que passou a ser conhecido como cartesianismo. O Discurso propõe um modelo quase matemático para conduzir o pensamento humano, uma vez que a matemática tem por característica a certeza, a ausência de dúvidas. Segundo o próprio Descartes, parte da inspiração de seu método (descrito nesse livro/tratado) deveu-se a três sonhos ocorridos na noite de 10 para 11 de Novembro de 1619: nestes sonhos lhe havia ocorrido “a ideia de um método universal para encontrar a verdade.” Discurso sobre o método foi escrito em vernáculo (os textos filosóficos costumavam ser escritos em latim), de maneira não-doutrinária, pois Descartes tentou popularizar ao máximo os conceitos ali expressos e de maneira não impositiva, mas compartilhada. Em toda a obra permeia a autoridade da razão, conceito banal para o homem moderno, mas um tanto novo para o homem medieval (muito mais acostumado à autoridade eclesiástica). A autoridade dos sentidos (ou seja, as percepções do mundo) também é particularmente rejeitada; o conhecimento significativo, segundo o tratado, só pode ser atingido pela razão, abstraindo-se a distração dos sentidos. Uma das mais conhecidas frases do Discurso é Je pense, donc je suis (citada frequentemente em latim, cogito ergo sum; penso, logo existo): o ato de duvidar como indubitável, e as evidências de “pensar” e “existir” ligadas. Além dessa conclusão, Descartes também prova a existência de Deus, especifica critérios para a boa condução da razão e faz algumas demonstrações.

In [pt.wikipedia.org/wiki/Discurso\\_sobre\\_o\\_Método](http://pt.wikipedia.org/wiki/Discurso_sobre_o_Método)

<sup>69</sup> Em metafísica, a essência de uma coisa é constituída pelas propriedades imutáveis da mesma, advenços do conhecimento. O oposto da essência é os acidentes da coisa, isto é, aquelas propriedades mutáveis da coisa, possíveis apenas durante a fase dedutiva. Um bom exemplo é: a essência de uma laranja é constituída de propriedades químicas contidas em fluidos energéticos de moléculas próprias da sua constituição molecular e energética. A existência precede e governa a essência. Durante a nossa existência, à medida que experimentamos novas vivências redefinem nosso pensamento, adquirimos novos conhecimentos a respeito da nossa essência, caracterizando-a sucessivamente.

In [pt.wikipedia.org/wiki/Essência](http://pt.wikipedia.org/wiki/Essência)

Mas, Francisco Sanches não desenvolve as demais teorias apenas num dos autores multifacetados e meramente reconhecidos. Apoia-se em Bacon<sup>70</sup>. Este coevo de Sanches respira a mesma filosofia, o mesmo ar e vibram as mesmas aspirações. Bacon intentou, por um novo método, construir uma ciência prática e sempre sujeita a revisão. A sua obra cheia de vivacidade, alegria e ambição atinge por vezes algo sobrenatural, isto porque Bacon perde-se em inúmeras divisões, em regras embaraçosas e até por vezes mesquinhas. Por outro lado, Sanches é concreto, preciso e de divisões claras e incisivas. Enquanto Bacon defende o novo método indutivo<sup>71</sup> Sanches reduz-se apenas a uma fórmula designada de razão e experiência.

---

<sup>70</sup> Francis Bacon, também referido como Bacon de Verulâmio (Londres, 22 de Janeiro de 1561 — Londres, 9 de abril de 1626) foi um político, filósofo e ensaísta inglês, barão de Verulam (ou Verulamio ou ainda Verulâmio), visconde de Saint Alban. É considerado como o fundador da ciência moderna. Desde cedo, sua educação orientou-o para a vida política, na qual exerceu posições elevadas. Em 1584 foi eleito para a câmara dos comuns. Sucessivamente, durante o reinado de Jaime I, desempenhou as funções de procurador-geral (1607), fiscal-geral (1613), guarda do selo (1617) e grande chanceler (1618). Neste mesmo ano, foi nomeado barão de Verulam e em 1621, barão de Saint Alban. Também em 1621, Bacon foi acusado de corrupção. Condenado ao pagamento de pesada multa, foi também proibido de exercer cargos públicos. Como filósofo, destacou-se com uma obra onde a ciência era exaltada como benéfica para o homem. Em suas investigações, ocupou-se especialmente da metodologia científica e do empirismo, sendo muitas vezes chamado de "fundador da ciência moderna". Sua principal obra filosófica é o *Novum Organum*. Francis Bacon foi um dos mais conhecidos e influentes rosacruz e também um alquimista, tendo ocupado o posto mais elevado da Ordem Rosacruz, o de Imperator. Estudiosos apontam como sendo o real autor dos famosos manifestos rosacruzes, *Fama Fraternitatis* (1614), *Confessio Fraternitatis* (1615) e *Núpcias Alquímicas* de Christian Rozenkreuz (1616).

In [pt.wikipedia.org/wiki/Francis\\_Bacon\\_\(filósofo\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Francis_Bacon_(filósofo))

<sup>71</sup> Método indutivo é aquele que parte de questões particulares até chegar a conclusões generalizadas. Este método está cada vez mais sendo abandonado, por não permitir ao autor uma maior possibilidade de criar novas leis, novas teorias. Próprio das ciências naturais também aparece na Matemática através da Estatística. Utilizando como exemplo a enumeração, trata-se de um raciocínio indutivo baseado na contagem. Exemplos:

Exemplo 1 Retirando uma amostra de um saco de arroz, observa-se que aproximadamente 80% dos grãos são do tipo extrafino. Conclui-se, então, que o saco de arroz é do tipo extrafino.

Exemplo 2 A pesquisa eleitoral é outro exemplo do raciocínio indutivo. Através da amostragem de eleitores realiza-se a pesquisa que irá ser utilizada para encontrar o percentual de votos de cada um dos candidatos. É claro que a validade dos resultados depende da representatividade da amostra e o método estatístico é sua base de sustentação. No exemplo 1 podemos ao retirar 1 grão de arroz constatar que ele não se encaixa nos padrões definidos para o tipo extra-fino e a pesquisa eleitoral pode prever como ganhador o candidato errado, embora possamos retirar um grão de arroz que se encaixe nos padrões e acertar o resultado da eleição. As conclusões obtidas por meio da indução correspondem a uma verdade não contida nas premissas consideradas, diferentemente do que ocorre com a dedução. Assim, se por meio da dedução chega-se a conclusões verdadeiras, já que baseada em premissas igualmente verdadeiras, por meio da indução chega-se a conclusões que são apenas prováveis. Comparando o método dedutivo e o indutivo, concluímos que enquanto o pensamento dedutivo leva a conclusões inquestionáveis, porém já contidas nas hipóteses, o raciocínio indutivo leva a conclusões prováveis, porém mais gerais do que o conteúdo das hipóteses.

Obtido em "[http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A9todo\\_indutivo](http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A9todo_indutivo)"



Francis Bacon

Nascimento 22 de Janeiro 1561,Londres; Falecimento 9 de Abril 1626 (com 65 anos), Londres; Ocupação Ensaísta, Filósofo e Estadista.

Escola/tradição: Empirismo

Influenciados: Diderot, Hobbes, Hume

É curiosa a sorte de Francisco Sanches no seu pequeno, mas tão vasto livro *Quod Nihil Scitur*. Ele é vibrante, polémico e ressuscitado de originalidade. Este preconiza um novo método de saber que não pode ser deixado simplesmente entre os cépticos “que nada fazem” como tão evidentemente ilustra o título do seu livro.

# **Padre António Vieira e os Negros**

Lúcio Craveiro da Silva interessou-se pela temática dos negros em Padre António Vieira, após a leitura de um ensaio de António José Saraiva e, também graças ao facto de neste período se dedicar ao estudo da «exploração do homem e do seu trabalho»<sup>72</sup>

Este conclui, que a escravização do homem e do seu poder laboral estão na base estrutural do desenvolvimento das grandes sociedades económicas<sup>73</sup>.

A conciliação destas destes dois dados levam ao século XVII e à grande figura que foi Padre António Vieira.

No estudo redigido por Saraiva ficava a dúvida, segundo Craveiro da Silva, que Vieira não se teria dedicado tão afincadamente aos negros como se dedicou à defesa dos Índios.

Logo no início da sua vida (aos 17 anos), enquanto missionário, o acérrimo defensor dos homens de raça vermelha reparou na difícil situação vivida pelos negros. Como tal também aprendeu a língua falada por este povo. Inclusivamente o primeiro sermão do, ainda, aspirante a sacerdote foi direccionada para a «Irmandade dos pretos de um engenho<sup>74</sup>».

Sendo um mero estudante Vieira não se podia envolver nem tomar grandes atitudes relativamente às más condições vividas, pelos negros. Contudo, foi a sua vida cristã e espiritual que lhe atraiu mais a sua preocupação e dedicação.

No seu primeiro sermão referiu que os senhores dos engenhos os deveriam tratar como irmãos, mas uma vez que não o faziam, eles deveriam ter a mesma paciência que Jesus Cristo teve.

O facto de terem ido parar aquela terra foi uma forma deles entrarem em contacto com a fé cristã. O corpo pode ser prisioneiro dos senhores e do árduo trabalho, porém as suas almas são livres. Não vivem em cativeiro, não são alvo de duros flagelos e grandes sofrimentos. Os donos dos seus corpos não devem impedi-los de praticarem e cumprirem os seus deveres cristãos.

Apesar de julgar as atrocidades cometidas a estes seres, Vieira, mesmo já sendo um sacerdote, não se manifestou contra a escravatura, tal como fez com os índios. A postura de Padre António Vieira era tão clara, tão firme que nem mesmo a sua expulsão do Brasil atenuou essa posição.

---

<sup>72</sup> Silva, Lúcio Craveiro da Silva, *Padre António Vieira e Antero de Quental (Ensaio)*, Universidade do Minho, Centro de Estudos humanísticos, Coleção Hespérides/Literatura, pp.27.

<sup>73</sup> «Nenhuma industrialização, em nenhum país do mundo se efectuou até agora pelo trabalho livre. O progresso construiu-se, de facto, pela opressão e exploração do trabalho. Essa é a sua tara original» pp.27.

<sup>74</sup> pp.29.

Esta atitude não é compreendida por António José Saraiva<sup>75</sup>. Em defesa de Vieira surge Lúcio Craveiro da Silva que aponta várias razões para este posicionamento.

Aliás o primeiro e principal motivo é o contexto histórico. A escravatura era praticada, no século XVII, por todos. Para além dos colonos, também o clero e os jesuítas possuíam escravos. No entanto, para o acto de aprisionar ser considerado uma escravatura “justa” teria de obedecer a três regras, ditadas pelos mestres das Universidades, cujas opiniões eram muito respeitadas. Os títulos eram os seguintes: «que fossem capturados em guerra justa; que estivessem condenados à servidão por delito cometido; que consentissem voluntariamente em se vender a si mesmos como escravos».<sup>76</sup>

Vieira, tal como todos os outros, seguia essas opiniões. Partia da base que os três princípios eram seguidos e que o comércio de escravos era feito de forma legal.

Lamentava, contudo, os maltratos infligidos aos homens de raça negra.

A escravatura não acontecia apenas em Portugal<sup>77</sup>, mas em todo o mundo, era universal.

Na opinião de Craveiro da Silva, tendo em conta toda esta situação social, não havia muito que Padre António Vieira pudesse fazer. Aliás os negros, ainda, no seguimento da opinião de Craveiro, eram uma importante ajuda para a missão de Vieira. Os índios eram fracos e não aguentavam os trabalhos nos engenhos, que os colonos propunham que eles levassem a cabo. Os escravos por sua vez eram fortes, robustos e bastante capazes de realizarem essas tarefas.

A importação dos escravos no Brasil evitou que os índios fossem dizimados aos poucos.

Vieira vivia num constante dilema, entre «a lógica dos princípios e a lógica das situações», entre a «visão de intelectual e a sua lógica de homem de acção».<sup>78</sup>

Lúcio Craveiro da Silva termina dizendo que após terem passado séculos o homem continua a ser escravo numa sociedade industrial. Segundo este nos tempos passados eram os colonos que aprisionavam os homens, actualmente é o contrato de trabalho.

---

<sup>75</sup>«António José Saraiva (...) conclui: Mas no fim de contas, apesar da severidade com que julga as brutalidades dos colonos, Vieira não se afastou da doutrina que era a sua – e a de toda a gente, cinquenta anos antes: não se pode pôr em questão a legitimidade da escravatura dos negros na América (...)» pp.31.

<sup>76</sup> pp.32.

<sup>77</sup> Portugal, no século XV, era o único país que praticava a escravatura. Porém atrás dele vieram os espanhóis; «contudo os ingleses, franceses e holandeses não só não foram inocentes mas alargaram e agravaram em muito a situação da exploração do tráfico dos negros». Pp.28.

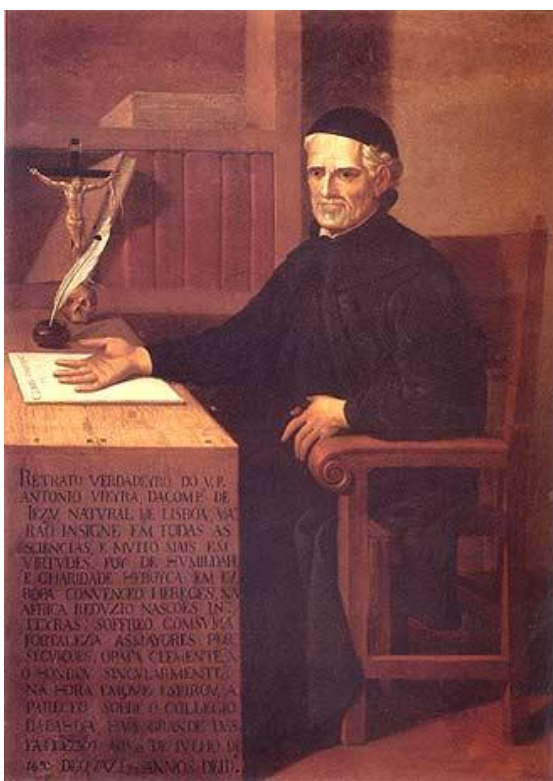
<sup>78</sup> pp.33.

Muito consciente da situação actual das sociedades do mundo moderno, o autor diz que independentemente de o tráfico dos negros ter terminado, o povo africano continua a ser explorado por potências poderosas, que comercializam sem regras nas terras de África.

Justifica por fim a posição de Vieira dizendo que não podemos exigir que este tivesse traçado outro rumo na sua vida, quando nós em tempo de liberdade somos “acomodados”.<sup>79</sup>

Tal como chama Vieira, Lúcio também se revela, de certa forma, um «profeta da denúncia». Ao ler o ensaio de José Saraiva ele não deixa de mostrar a sua consternação e para melhor clarificar esse sentimento, redige a sua própria opinião do assunto.

Aliás as suas obras, apesar de possuírem várias vertentes também incidiram sobre a temática da sociedade e da sua ética. O homem, os seus pensamentos e atitudes também foram temas recorrentes.



Retrato do Padre António Vieira, de autor desconhecido do início do século XVIII.

<sup>79</sup> Diz que Vieira «foi mais além do que nós pois apontou, como profeta da denúncia, as injustiças da escravidão e nós calamos ou permitimos as injustiças clamorosas sobre os povos africanos da chamada liberdade (...) Se o não fez, a culpa então não foi principalmente dele mas da «ordem natural das coisas» e da generalidade dos juristas da Europa, senhora do mundo.» pp36.

**Perspectivas de  
Craveiro da Silva e  
Padre António  
Vieira**

## A independência de 1640

Lúcio Craveiro da Silva foi um acérrimo estudioso de Padre António Vieira. Para além de itens relacionados com os negros ou índios este sacerdote também teve uma opinião acerca da Independência do nosso país após o domínio espanhol, que durou sessenta anos, mais concretamente sobre «a sua situação política, militar, económica, artística e de algum modo até sociológica de Portugal nos 25 anos seguintes a 1640»<sup>80</sup>.

O livro *História do Futuro*, nomeadamente o Cap. VII, do livro primeiro<sup>81</sup>, de Vieira é essencial, segundo Craveiro da Silva. Através deste capítulo conhecemos o testemunho e análise da conjuntura vivida no século XVI em Portugal.

O povo encontra-se deveras satisfeito com a derrota dos espanhóis. Por outro lado, estes estavam feridos, pois não acreditavam que tal situação fosse possível.

Portugal aos poucos foi recuperando e retomando a sua força. As gentes do país continuavam a pagar impostos, mas estes não mais se destinavam a Castela, mas antes sim a refazer o seu próprio país e garantir a sua independência.

É notória a fluorescência do nosso país no século XVII e XVIII. Padre António Vieira revela que este crescimento adveio do comércio da Índia e do Brasil e do grande crescimento da agricultura e não apenas devido ao tão aclamado ouro, proveniente do Brasil.

Casas, igrejas, altares foram ricamente ornamentadas. A talha dourada, o «mais polido artifício» (pp.40) encontravam-se ao virar da esquina. O estilo Barroco imperava em Portugal, se bem que Padre António Vieira lastimava um pouco a aplicabilidade deste novo conceito artístico, uma vez que a originalidade de templos antigos não era poupada, mas sim adaptada a esta nova tendência.

Os relatos de Vieira demonstram a entrada da nossa pátria num novo estilo de vida e de uma nova posição aos olhos do mundo.

Durante muito tempo, a perspectiva do jesuíta foi considerada produto de um delírio. No presente século, grandes escritores e entendidos da literatura ou da história,

---

<sup>80</sup> Silva, Lúcio Craveiro da Silva, *Padre António Vieira e Antero de Quental (Ensaios)*, Universidade do Minho, Centro de Estudos humanísticos, Coleção Hespérides/Literatura, pp. 37.

<sup>81</sup> «Hoje di-la-famos uma verdadeira crónica periodística de opinião, flagrante e documentada» pp.38, Lúcio Craveiro da Silva referindo-se ao livro de Vieira.

“Leituras de... Lúcio Craveiro da Silva”

como António Sérgio ou Hernâni Cidade analisam com verdadeiro interesse estes relatos que atingiram o seu auge com a referência e valorização do Quinto Império, presente no *Livro do Futuro*, por Fernando Pessoa.

# **Padre António Vieira e Antero de Quental**

Grande conhecedor dos maiores escritores, poetas do nosso país Lúcio Craveiro da Silva interessou-se por encontrar semelhanças e diferenças entre dois grandes senhores, Padre António Vieira e Antero de Quental.

Numa primeira abordagem as diferenças parecem ser mais salientes. Ambos foram geniais, mas cada um no seu campo de estudos. Vieira foi um grande orador jesuíta, o «imperador da língua portuguesa»<sup>82</sup> e Antero um grande poeta anti-jesuítas.

A luta por um ideal, a força, os seus espíritos indomáveis e lutadores é que os une.

António Vieira, como já foi referido anteriormente, dedicou-se aos índios, aos negros e também foi um acérrimo defensor e lutador para que a independência dos portugueses relativamente aos espanhóis acontecesse. Foi perseguido pela inquisição, passou por vários perigos, no entanto, a sua perseverança fez com que avançasse sempre, sem nunca esquecer o seu ideal.

Antero de Quental queria alcançar um Portugal mais cultural, viu-se obrigado a enveredar por outros campos, para poder atingir os fins a que se tinha proposto. O seu desejo de ver o nosso país seguir a moderna cultura europeia era feroz.

Tanto Antero como Vieira eram seres psicologicamente densos, pensavam sempre no colectivo. O jesuíta ansiava pela independência e o poeta por um país mais rico culturalmente.

As suas obras literárias passavam dos criadores para o público em geral com relativa facilidade, os sermões no caso de Vieira e os sonetos em Antero. Porém o que para eles representava alguma dificuldade era o seu interior, os problemas da sua vida.

Lúcio refere que, por vezes, chegavam mesmo a ser «depreciativos» na apreciação das suas obras literárias. Tudo isto por «motivos de ordem psicológica e por um ideal tão dominante e absorvente que em Vieira e em Antero se transformaram num verdadeiro mito.»<sup>83</sup>

---

<sup>82</sup> Lúcio Craveiro da Silva, *Ser Português, Ensaio de Cultura Portuguesa*, Centro de Estudos Artísticos, Universidade do Minho, 2000, pp.68.

<sup>83</sup> Silva, Lúcio Craveiro da Silva, *Padre António Vieira e Antero de Quental (Ensaio)*, Universidade do Minho, Centro de Estudos humanísticos, Coleção Hespérides/Literatura, pp. 49.

# Inácio Monteiro

## I. Professor de Filosofia

Foi primeiramente em Coimbra durante o seu magistério de matemática no colégio dos Jesuítas (1753-54) e mais tarde no colégio de Santarém (1756-58) que começou a redigir as suas obras filosóficas que logo, depois da violenta expulsão pombalina (1759) conseguiu salvar, rever e publicar as suas obras. Assim, no seu trabalho e nas vicissitudes da sua investigação como escritor e professor alicerçados na *Carta à Juventude Portuguesa* “ com quem convivera e que, segundo afirma, conhecia os seus planos e as suas ideias”. Por estas confissões da Carta à Juventude Portuguesa somos esclarecidos de que a sua actividade de escritor e professor foi deveras fecunda no último ano da década de 50 e ano de 60 visto a carta datar Fevereiro de 1761. Nesta Carta conseguimos detectar um trabalho árduo de introspecção e rigor fruto de muita leitura e reflexão, como ele tão bem demonstra afirmando “apronto os sete volumes da Filosofia Natural”. E concebeu os outros tratados de filosofia (lógica e metafísica) que publicará apenas durante a década de 60 já em Itália. No entanto, apenas a ética, foi impressa e editada mais tarde, em 1794, mas dimanou um conjunto de reacções alheias ao regime de Marquês de Pombal

## II. Posição Cultural de Inácio Monteiro

Quando Inácio Monteiro entrou no mundo cultural, os filósofos mais relevantes do pensamento europeu eram Descartes, Bacon, Newton entre outros. A todos ele Monteiro se refere com apreço e comunica com eles sobretudo acerca da filosofia eclética<sup>84</sup>, como se veio a cultivar por nós um pouco mais tarde.

---

<sup>84</sup> Nome dado à tendência de *seleccionar* (em grego *eklégein*) dentre as opiniões de várias escolas filosóficas, aquelas que se considera verdadeiras, de modo a incorporá-las a um corpo doutrinário próprio. O primeiro a empregar este termo foi Diógenes Laércio (ver), referindo-se a Potamão de Alexandria, afirmando que este, ao seleccionar o melhor de cada filosofia com as quais tivera contato, iniciou uma *escola eclética* (*eklektiké áiresis*). Tomando este termo em sentido amplo, podemos encontrar algumas noções comuns a todos os pensadores denominados *ecléticos*. Em primeiro lugar, a oposição deste pensamento às noções de carácter dogmático (ver Dogmáticos), na busca de possibilidades consensuais e conciliatórias. Em segundo lugar, a busca efetuada por estes pensadores, no sentido de encontrar um critério de verdade que permita justificar as próprias posições, bem como eleger, entre as várias correntes de pensamento, as noções que se apresentem em conformidade com este critério. Neste sentido, o ecletismo pode ser diferenciado do sincretismo (ver), este entendido como mera fusão de elementos discordantes, uma vez que aquele pretende possuir um princípio desde o qual pode harmonizar teorias aparentemente diversas. Podemos constatar a presença do ecletismo em vários períodos da história da filosofia. Esta tendência manifestou-se com frequência durante o período chamado helenístico-

No entanto, naquele tempo, a grandiosa presença de John Locke<sup>85</sup> era a tal ponto dominante, que aparece realçada no discurso de Alembert, no *Discurso sobre a Enciclopédia*, onde pôde afirmar que “Locke criou a metafísica como Newton criara a física” apesar de defender uma filosofia empirista<sup>86</sup>. A metafísica era assumida no sentido lockiano, no seu livro *Ensaio sobre o Entendimento Humano*<sup>87</sup>, no qual se

---

romano, que abrange os séculos IV a.C. a III d.C. A escola peripatética (ver Liceu), após a morte de Aristóteles, sentiu a necessidade de procurar algumas teses consensuais, especialmente após a ferrenha crítica exercida pelos céticos a seu pensamento. Da mesma maneira o estoicismo médio (ver Estóicos), nos séculos II-I a.C., substituiu algumas das teses de Zenão de Cítio por noções platônicas ou aristotélicas. Também a Academia, no século I a.C., principalmente com Fílon e Antíoco, passa do ceticismo ao ecletismo. Estes dois filósofos foram mestres daquele que é considerado o maior representante de uma filosofia eclética, o pensador romano Cícero. Juntamente com Cícero, considera-se os neoplatônicos (ver Platonismo) importantes pensadores para a consolidação desta escola (Plotino, Porfírio, Proclo, Damascio, Jâmblico), juntamente com o novo estoicismo de Sêneca. Os primórdios do pensamento cristão foram também marcados por forte assimilação do pensamento grego. Neste sentido, podemos citar São Clemente e Santo Agostinho como filósofos de tendência eclética. A filosofia renascentista igualmente pode ser considerada eclética, especialmente nos autores que, de alguma forma, intentaram conciliar as principais escolas de pensamento antigas, como as de Platão, Aristóteles e dos estóicos. No século XIX, a filosofia de Victor Cousin, se autodenomina *espiritualismo eclético*, emprestando a esta tendência características de conciliação e moderação próprias de uma vertente do pensamento neste século.

In [filosofiaeclética-filosofiaecletica.blogspot.com](http://filosofiaeclética-filosofiaecletica.blogspot.com)

<sup>85</sup> John Locke (29 de Agosto de 1632 — 28 de Outubro de 1704), filósofo inglês e ideólogo do liberalismo, é considerado o principal representante do empirismo britânico e um dos principais teóricos do contrato social. Estudou medicina, ciências naturais e filosofia em Oxford, principalmente as obras de Bacon e Descartes. Em 1683 John Locke fugiu para Holanda. Voltou à Inglaterra quando Guilherme de Orange subiu ao trono, em 1688. Faleceu em 28 de Outubro de 1704. Locke nunca casou ou teve filhos. A filosofia política de Locke fundamenta-se na noção de governo consentido dos governados diante da autoridade constituída e o respeito ao direito natural do ser humano, de vida, liberdade e propriedade. Influencia, portanto, as modernas revoluções liberais: Revolução Inglesa, Revolução Americana e na fase inicial da Revolução Francesa, oferecendo-lhes uma justificação da revolução e a forma de um novo governo. Para fins didáticos, Locke costuma ser classificado entre os "Empiristas Britânicos", ao lado de David Hume e George Berkeley, principalmente pela obra relativa à questões epistemológicas. Em ciência política, costuma ser classificado na escola do direito natural ou jusnaturalismo.

<sup>86</sup> Na filosofia, Empirismo é um movimento que acredita nas experiências como únicas (ou principais) formadoras das ideias, discordando, portanto, da noção de ideias inatas. Já que empírico é um tipo de conhecimento "enciclopédico" fundamentado noutros, consagradamente notáveis, porem conflituantes com inéditos cuja base é científica. Na ciência, o empirismo é normalmente utilizado quando falamos no método científico tradicional (que é originário do empirismo filosófico), o qual defende que as teorias científicas devem ser baseadas na observação do mundo, em vez da intuição ou da fé, como lhe foi passado. O termo tem uma etimologia dupla. A palavra latina experientia, de onde deriva a palavra "experiência", é originária da expressão grega εμπειρισμός. Por outro lado, deriva-se também de um uso mais específico da palavra empírico, relativo aos médicos cuja habilidade derive da experiência prática e não da instrução da teoria.

In [pt.wikipedia.org/wiki/Empirismo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Empirismo)

<sup>87</sup> Esta obra é uma reflexão sobre a origem das ideias e dos conhecimentos humanos, ao mesmo tempo que sobre os fundamentos metafísicos da racionalidade. A unidade destas duas problemáticas é necessariamente contraditória na perspectiva do empirismo que Locke inaugura, e de que este ensaio é um marco miliário. Além disso, a parada das interrogações lockianas ultrapassa a dimensão metafísica ou gnosiológica: a moral, a religião, a teologia, encontram-se igualmente renovadas. O empirismo de Locke começa por uma crítica da teoria das ideias inatas, aquela que o cartesianismo tinha formulado levando-a sem dificuldade a um grau de perfeição dificilmente ultrapassável (livro I). Locke pretende mostrar que o pôr em causa o inatismo não arruína de modo nenhum o valor objectivo das ideias (particularmente no domínio moral). Não existem ideias inatas no espírito humano, é a famosa "tabula rasa". O livro II expõe a gênese das ideias complexas a partir das ideias simples. Estas podem ter por origem a sensação (é o caso das qualidades sensíveis ou do espaço), a reflexão, ou a intervenção combinada de ambas. No exame do valor objectivo dessas ideias, Locke distingue as qualidades primeiras (que pertencem realmente aos corpos) das qualidades segundas (que apenas existem no sujeito que percebe). Passivo na recepção das ideias simples, o espírito é activo na formação das ideias complexas. Essa formação pode realizar-se segundo três modalidades de associação: combinação, junção, abstracção. Daí resultam três espécies de ideias complexas: modos, relações e substâncias. Conhecer é, então, aperceber entre as ideias relações de conveniência ou de não conveniência. Locke analisa as possíveis combinações das diversas relações, assim como os diversos graus de conhecimento que daí decorrem. Por exemplo, as ideias matemáticas ou morais, não remetem para nada diferente delas próprias, não têm que se conformar com uma realidade exterior; o conhecimento adquire, então, a sua certeza da evidência intuitiva ou da demonstração. Quanto aos conhecimentos que remetem para realidades fora de nós, só a experiência pode assegurar-nos da sua objectividade. A reflexão lockiana sobre a gênese das nossas ideias e dos nossos conhecimentos desemboca no exame das funções da linguagem (livro III) e sobre o estudo crítico dos poderes do entendimento humano (livro IV). Nenhum conhecimento legítimo lhe é permitido em certos

propunha a desenvolver os poderes, capacidade e limites do conhecimento. Deste modo, foi nesta perspectiva do entendimento humano que Inácio Monteiro abordou temas específicos da metafísica a saber: a questão da espiritualidade e liberdade da alma, das ideias inatas, da ideia de infinito, da existência de Deus e do mundo exterior. Ora, estes temas são encarados para determinar afincadamente os limites da natureza humana, isto é até onde pode chegar a certeza ou a ideia clara e distinta nestes semelhantes e problemas. Com efeito, o fim da lógica e da metafísica surgiam para determinar com a máxima precisão e dentro dos limites da própria fraqueza do intelecto, até onde se pode alcançar a maior certeza e exactidão o conhecimento humano. Logo, a difusão das ideias de Locke em pleno século XVIII irradia o espírito de Inácio Monteiro. Com uma erudição invulgar é o próprio Inácio Monteiro no seu prefácio à *Philosophia Libera* que nos vai descrever em tom vivo e autobiográfico o seu percurso intelectual e a sua adesão ao ecletismo.<sup>88</sup> Contudo, um pouco mais tarde reflectiu sobre a doutrina newtoniana, onde comparou os demais sistemas filosóficos mas, que com prazer e paixão “vi-me ora peripatético, ora atomista, cartesiano, newtoniano e percorri tão arriscada experiência entendi que todos eles ensinavam verdades, que muitíssimas coisas eram duvidosas e falsas e que a verdade não era apanágio de nenhum sistema... vi que eram prudentes filósofos que isentos de fraccionismo, não se infundam em nenhuma escola nem em nenhum jugo intelectual seja de quem for...”

---

domínios: a infinidade, a eternidade e, por consequência, a divindade. A teologia é, pois, desqualificada e também a metafísica visto que o nosso entendimento não tem qualquer acesso à essência real das coisas. Não nos é permitido afirmar, por exemplo, que a substância espiritual é distinta da matéria; Deus tinha podido muito bem dar a esta a faculdade de sentir e de pensar. A influência do Ensaio sobre o Entendimento Humano foi imensa. Não poderíamos sublinhar o suficiente a importância que este livro teve para o Século das Luzes, que fez dele o paralelo filosófico da obra científica de Newton. Traduzido desde 1700 por Pierre Coste, exerceu, em França, em Voltaire e nos enciclopedistas uma influência profunda e durável. Viu-se em Locke aquele que restabelecia os direitos da análise e da observação, após um século de domínio do espírito de sistema (o dos grandes metafísicos do século XVII: Descartes, Malebranche, Espinosa, Leibniz, que, no entanto, influenciaram, eles próprios, as Luzes). Nos Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano, Leibniz criticava vivamente o empirismo lockiano. À ideia de «tábua rasa», opunha a fórmula: «Não existe nada no entendimento que precede os sentidos, a não ser o próprio entendimento.» Mas a morte de Locke dissuadiu Leibniz de publicar os Novos Ensaios.

Edição portuguesa Ensaio sobre o Entendimento Humano (2 vol.), Fundação Calouste Gulbenkian, 1999  
Estudo J. Bennet, Locke, Berkeley, Hume, central Themes, Oxford, 1971.

<sup>88</sup> “É pois compreensível que desejeis saber logo desde o princípio da obra qual escola sigo. Nada melhor para saberdes o que penso, do que atentar no fadário que por desvairos caminhos tive de percorrer ao longo dos meus estudos. Apenas transpus o limiar da filosofia tive por mestre um peripatético das fileiras aristotélicas e nessa doutrina me formei in Praefatio ad lectorem, *Philosophia Libera seu Eclética*, II, pars I, 2ª ed., Veneza, 1772, pp. 4-5.



John Locke

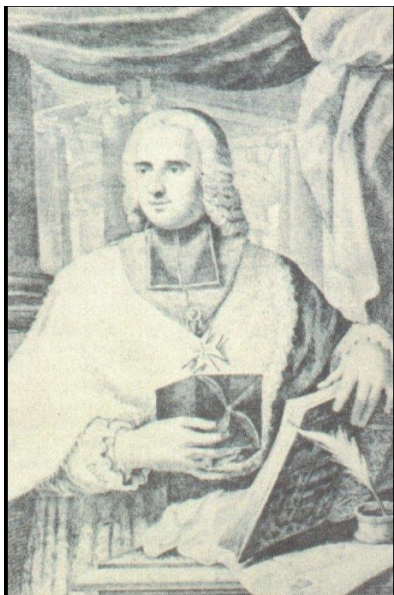
### III. Inácio Monteiro e Luís António Vernei<sup>89</sup>

Dois dos maiores filósofos ecléticos, entre nós, na segunda metade do século XVIII foram Vernei e Monteiro. Ambos valiosos e ambos críticos de uma filosofia extravagante, exagerada em suma aristotélica. Na filosofia eclética dos dois há algumas diferenças apesar de ambos serem antigos alunos da Universidade de Évora. Contudo, Vernei ligou-se ao grupo cultural de Pombal enquanto Monteiro foi vítima da prepotência do Marquês bem como a todos os jesuítas, se propôs “expulsar, exterminar e desnaturalizar” usando as suas próprias palavras. Por isso, apesar de unidos num filosófico e cultural discordam sobre o ponto de vista das ideias.

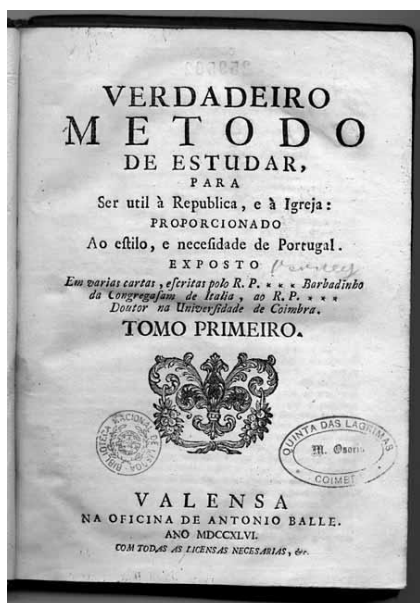
---

<sup>89</sup> Luís António Vernei (1713,Lisboa — 1792, Roma), foi um filósofo, teólogo, professor e escritor português. Para além disso, foi também um excelso representante do Iluminismo em Portugal, e um dos mais famosos estrangeirados portugueses. O ponto mais alto da sua vida, acontece em 1746, quando é editada a sua obra mais conhecida: "O Verdadeiro Método de Estudar". Filho de pai francês e de mãe portuguesa, Vernei estudou no Colégio de Santo Antão e na reformadora Congregação do Oratório até se formar em Teologia na Universidade de Évora. Parte, então, para Roma, em demanda de saber, alcançando o doutoramento em Teologia e Jurisprudência. O mais conhecido e activo estrangeirado português, colheu fora de Portugal os pensamentos de renovação que iluminavam a Europa. O pedido do rei D. João V, Vernei inicia a sua colaboração com o processo de Reforma pedagógica de Portugal, contribuindo inquestionavelmente para uma aproximação profícua com os ventos do progresso cultural que animavam os espíritos iluministas dos europeus mais progressistas. Devido a problemas de saúde e, principalmente, devido a incompreensões por parte dos seus compatriotas, nomeadamente, os cortesãos e o Marquês de Pombal, parte definitivamente para Roma, onde vive até ao fim dos seus dias.

In [pt.wikipedia.org/wiki/Luís\\_António\\_Verney](http://pt.wikipedia.org/wiki/Luís_António_Verney)



Luís António Vernei



“O Verdadeiro Método de Estudar” de Vernei<sup>90</sup>

<sup>90</sup> O Verdadeiro Método de Estudar é um livro escrito por Luís António Vernei, o mais activo e excelso estrangeirado português, sendo a obra mais conhecida deste autor português. "O Verdadeiro Método de Estudar", manifesto da modernidade do pensamento de Luís António Vernei, à luz da Europa iluminista, é uma obra em dois generosos volumes, publicada em 1746, reeditada em 1747, escrita por um enigmático religioso Barbadinho da Congregação de Itália, máscara onomástica do renovador Luís António Vernei que sabiamente preferiu ocultar o seu nome devido à onnipresença e omnisciência de um clima cultural profundamente avesso a obras de ruptura. De fato, as suas páginas são de um progressismo notável que motivou fortíssimas reacções e acesa polémica devido às orientações pedagógicas defendidas (entre elas, o acesso da mulher à Educação), tributo às investigações desenvolvidas por Vernei e aos seus contactos com as ideias basilares do Iluminismo. Esta obra chave é constituída por dezasseis cartas que o autor Barbadinho escreve a um doutor de Coimbra. Com efeito, quando pensamos na referência a Itália, urge focar os seus contactos com os iluministas italianos, principalmente com Ludovico António Muratori, com o qual se carteceu sobre jurisprudência e Ensino. Mais ainda, é relevante o seu contacto directo com a realidade italiana, as suas escolas, hospitais e tribunais regidos por directrizes modernas e eficazes.

#### **IV. A Filosofia livre e ecléctica de Inácio Monteiro**

A filosofia de Inácio Monteiro, embora ecléctica e livre, não deixa de possuir uma certa unidade e harmonia progressiva na explicação da natureza do homem, que ele desenvolve na lógica, na física, na metafísica e na ética. Por isso, caracteriza a arte crítica ou lógica como algo que regula e comanda a mente para encontrar a verdade ( *inveniendum verum*); na física, conhecimento este delineado por Monteiro, como algo acerca da natureza ou das coisas físicas através dos princípios físicos; no que confere à metafísica ou teologia natural, esta estuda as leis universais e primitivas da causa das causas, da contemplação dos seus atributos e do espírito e da alma humana. E por último, na ética ou filosofia moral, apesar de não tratar destes assuntos, de modo algum os pode ignorar. Com efeito, este é indubitavelmente o percurso geral do pensamento filosófico de Inácio Monteiro sobre a Natureza, o Homem e a Vida que ele não quer que seja apelidado de sistema fechado mas sim de interpretação filosófica livre, espontânea e natural. Deste modo, o pensamento filosófico de Inácio Monteiro e o da maioria dos autores daquele tempo, sobretudo depois da reforma pombalina aderissem ao ecletismo sem quaisquer preconceitos e com a máxima convicção possível.

#### **V. Filosofia Natural**

É estranho para as pessoas menos informadas que um filósofo escreva para um curso filosófico, manuais de matemática, de física ou ciências naturais. De facto, historicamente o estudo destas ciências era ministrado no Curso de Artes, isto é de Filosofia e só separou dele depois da reforma das Universidades. Deste modo, Inácio de Monteiro também escreveu neste intuito. Estes eram livros que representavam o início de uma revogação que seria dentro da própria Escola de Coimbra, também designado por Colégio de Jesus, onde Inácio era professor de Matemática e do ensino das ciências.

Por isso, no prólogo esclarece que “ninguém ignora que nenhum homem do mundo pode hoje aprender filosofia sem a inteligência da matemática”. Com efeito, comprovamos nesta afirmação que se cultiva a verdadeira física pela observação e pelo cálculo, os entes da razão não se medem por geometria, mas como conhecimento de todo um corpo bem delineado que englobam a Filosofia moderna. Existe portanto, o apelo à mudança pela ridicularização da física peripatética de Aristóteles e cultivasse uma filosofia de observação, de constatação e de experiência sustentadas e desenvolvidas pelo cálculo matemático. É certo, no entanto, que nem sempre acertou nas suas conclusões quando fica preso à teoria de Descartes em detrimento de Newton, mas conhecendo o cálculo diferencial e integral não o poderia ter utilizado por causa da falta de preparação dos alunos num curso de filosofia.<sup>91</sup>

## VI. A Lógica

A lógica de Inácio Monteiro funda-se também pela observação como era tendência generalizada na lógica lockiana. Deste modo, tal como as ciências físicas se baseiam na experiência externa, realizada já por iniciativa própria de testemunhos autorizados, a nova lógica parte da observação interna ou introspecção da mente. Ora, a nova lógica deve começar a ser analisada da observação interna da mente com a qual se inicia o estudo da filosofia. Assim, parte portanto da observação da mente como existente e como pensamento perceptível na filosofia de Descartes. Depois, desenvolve a origem das ideias na sua noção e objecto, através de uma análise dos juízos e proposições às leis do raciocínio e dos silogismos e finalizando-se com o problema do discernimento da verdade e falsidade das coisas na qual estabelece um último critério de verdade e de certeza à evidência. Esta evidência pode aparecer tanto nas ideias como nos sentidos e nos testemunhos autorizados inteligível na evidencia moral das coisas. Para isso, expõe regras próprias que nos defendem dos erros da evidência aparente e que nos ajudam a compreender o que está certo do que é errado. Este é o mistério da lógica das coisas e do pensamento de cada um. A capacidade de podermos decidir o nosso futuro, de podermos conhecer o caminho que mais se ajusta à nossa personalidade.

---

<sup>91</sup> Cf. Sobre este aspecto: Resina Rodrigues, “A Filosofia da Natureza na obra de Inácio Monteiro” em História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal. Volume I, Academia das Ciências, 1986, pp.191-242

Logo, pelo que me dá a entender, há uma união entre a influência de Descartes e Locke na filosofia de Inácio Monteiro. Surge na sua construção de filosofia uma passagem contra as insinuações de Monteiro pelo que aparece bastante próprio de Aristóteles. A capacidade de enfrentar os problemas sozinho, sem escamotear e sem influências obtendo um discernimento intrínseco das coisas pelo erro e pela própria filosofia de vida. Contudo, afastasse da lógica peripatética porque quer decidir sozinho o seu caminho e porque “ não abarca o verdadeiro e integro objecto da lógica” perdendo-se em subtilezas inúteis para a vida do homem.

## VII. A Metafísica

O modo de apresentar a metafísica para Inácio Monteiro é deveras particular. A metafísica surge como necessária a toda a Sociedade amena e agradável, além de acatar um dos princípios do Iluminismo, da difusão da cultura. Assim, a metafísica é necessária pelos temas que aborda, contudo não é assumida como filosofia fundamental. Esta apenas ocorre pelos seus assuntos e objectivos e para maior clareza em oposição aos outros tratados o que é típico de uma filosofia ecléctica. Assim, “ a metafísica é vulgarmente conhecida por um vocábulo de origem grega que trata de uma parte da filosofia que não diz respeito às coisas sensíveis e matérias como a Física, nem às acções morais como a Ética ou ciência dos costumes, nem finalmente à direcção da mente, o que é próprio da lógica, mas disserta sobre as primeiras e universais causas de todas as coisas, das noções, das leis inteligíveis, dos objectos e espíritos incorpóreos”. Logo, como está provada que na Lógica as ideias simples e claras não se podem nem devem definir, que a existência do conhecimento é um critério de verdade e que exclui a dúvida, por outro lado, a metafísica engloba expressões de ser, existência, nada, possível e impossível, natural, sobrenatural, corpo, espírito, causa, efeito, princípios e causas... Há todo um envolvimento pela perfeição, num ser global e experiente que contacta num momento planetário e sobrenatural... tudo e nada inseridos dentro do mesmo recipiente que misturados criarão a perfeição, uma globalidade intrínseca e extrínseca de todos os seres. Note-se que apenas a Deus compete esta plenitude e imensidão global de discernimento, de clarividência e imortalidade e ao homem compete apenas compreender o modo de encarar as coisas com a sua naturalidade.

## VIII. A Ética

A ética de Inácio Monteiro é fruto de um aprofundamento mais pessoal do que original, para aquela época do que foi a sua metafísica. Para ele a ética seria o coroamento da Filosofia “ A Filosofia Moral<sup>92</sup> é o cume supremo da sabedoria humana, primeiro e último capítulo das medições filosóficas e deveria ser o último livro sempre e somente não só aos filósofos mas a todos os homens que pensam e devem, com a sua razão, ler, meditar e comprovar ao longo da sua vida. Ele é o fruto de ouro e o prémio das vigílias daqueles que filosofam e digno de todos os homens.”<sup>93</sup> Com efeito, para ele a filosofia dita moral conduzia a uma vida feliz, alcançada pelas forças da natureza, pelas acções humanas e pela razão natural. Ela constituía por si a felicidade a todos os homens que pensam. Assim proposta entende Monteiro que a ética permaneceu quase inculta até à filosofia moderna, pois faltava-lhe uma arte crítica do pensamento patente na ciência mais sublime da Teologia Moral. Logo caberia ao homem, por índole natural, a busca pelo desejo íntimo da Vida, da Verdade e do Bem. A vida é própria do homem físico composta de alma e corpo. O amor e desejo inato da verdade e do bem realça um carácter e pendor da alma humana que pensa e quer. Com efeito, o homem nasce para a vida, para a verdade, para o bem e felicidade. Estes são os objectivos últimos da nossa existência. Através destas verdades defendidas acerrimamente por Monteiro, é suficientemente clara a posição da fé e da razão deste, quando afirma que na “ética

---

<sup>92</sup> A Filosofia Moral distingue entre ética e moral. Ética tem a ver com o "bom": é o conjunto de valores que apontam qual é a vida boa na concepção de um indivíduo ou de uma comunidade. Moral tem a ver com o "justo": é o conjunto de regras que fixam condições equitativas de convivência com respeito e liberdade. A moral é o que torna possível que as diversas éticas convivam entre si sem se violarem ou se sobreponham umas às outras. Por isso mesmo, a moral prevalece sobre a ética. No terreno da ética estão as noções de felicidade, de carácter e de virtudes. As decisões de qual propósito dá sentido à minha vida, que tipo de pessoa eu sou e quero vir a ser e qual a melhor maneira de confrontar situações de medo, de escassez, de solidão, de arrependimento etc. São todas decisões éticas. No terreno da moral estão as noções de justiça, acção, intenção, responsabilidade, respeito, limites, dever e punição. A moral tem tudo a ver com a questão do exercício do direito de um até os limites que não violem os direitos do outro. As duas coisas, claro, são indispensáveis. Sem moral, a convivência é impossível. Sem ética, é infeliz e lamentável. Diz-se que quem age moralmente (por exemplo, não mentindo, não roubando, não matando etc.) faz o mínimo e não tem mérito, mas quem não age moralmente deixa de fazer o mínimo e tem culpa (por isso pode ser punido). Por outro lado, quem age eticamente (sendo generoso, corajoso, perseverante etc.) faz o máximo e tem mérito, mas quem não age eticamente apenas faz menos que o máximo e deixa de ter mérito, mas sem ter culpa.

In [aquitemfilosofiasim.blogspot.com/2007/11/filosofia-moral-tica-e-moral.html](http://aquitemfilosofiasim.blogspot.com/2007/11/filosofia-moral-tica-e-moral.html)

<sup>93</sup> Lúcio Craveira da Silva, “Estudos de Cultura portuguesa”, Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, Colecção Hespérides, 2002

pensada filosoficamente para os que não aceitam a revelação, e desenvolvida distante destas polémicas que este assunto estava levantando em Portugal.”<sup>94</sup>

---

<sup>94</sup> Eis mais um exemplo que contradiz o que afirma o celebre Compêndio Histórico do Estado da Universidade de Coimbra, de inspiração pombalina, quando acusa os jesuítas de não respeitarem de forma conveniente a especificidade dos planos da fé e da razão, tendo sido esse segundo estrago dos mestres da Companhia contra a filosofia moral. Cf. Pedro Calafate, “Metamorfoses da Palavra”, temas portugueses, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1998, p200.

# Antero de Quental

## Breves Traços Biográficos de Introdução



Antero de Quental

Nasceu em Ponta Delgada (18 de Abril de 1842). Pertencia a uma família ilustre e aristocrata. Frequentou o «Colégio do Pórtico», onde aquando dos seus primeiros estudos recebeu uma educação católica tradicional. O ensino secundário foi realizado na cidade de Coimbra onde também frequentou a Faculdade de Direito. Aqui escreveu os seus versos no livro intitulado «Raios de Extinta Luz», publicados após a sua morte. Estes são poemas dedicados à liberdade, ao amor e a Deus. A personalidade de Antero<sup>95</sup> propensa à liderança, ao brilhantismo e preocupação social fez com que pretendesse fazer uma revolução intelectual. Fundou na cidade chamada cidade dos estudantes, A Sociedade do Raio. Publicou as *Odes Modernas* e iniciou a Questão Coimbrã (1865-1866), cujo intuito era fomentar a revolução intelectual do nosso país. Ainda no decorrer desta situação, em resposta aos que o atacavam, pois não eram a favor da «revolução», escreveu *Bom Senso e Bom Gosto*, *Carta ao Exmo. Sr. António Feliciano de Castilho* e *A Dignidade das Letras e as Literaturas Oficiais*. A Questão Coimbrã juntamente com as Conferências do casino marca e mudam a história literária, pois introduzem o realismo literário. Trabalhou como tipógrafo em Paris e em Lisboa, onde formou o Cenáculo, do qual faziam parte Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro e Ramalho

---

<sup>95</sup> «Antero foi o primeiro a compreender que nascera numa época de transição em que sempre muito do passado morre e o futuro surge como um vislumbre e uma interrogação». Lúcio Craveiro da Silva, Padre António Vieira e Antero de Quental (Ensaio), art. Antero de Quental e a Filosofia do Seu Tempo, Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, Coleção Hespérides-Literatura.

Ortigão. Editou a revista *O Pensamento* e fundou o jornal *A República*. Antero de Quental foi, ainda, um dos fundadores do Partido Socialista Português. Entre 1874 e 1881 Antero vive uma crise de pessimismo interior abandonando a filosofia e dedicando-se aos sonetos, espelho do seu conturbado espírito. Depois dessa data retorna a preocupação filosófica, são «deste tempo os seus principais trabalhos de filosofia que correspondem à ambição de construir uma síntese do pensamento humano, de adivinhar a evolução futura do pensamento europeu e de buscar uma justificação para o sentido moral do homem.»<sup>96</sup> Publicou em 1886 e em 1887 as seguintes obras: *A Filosofia Da Natureza dos Naturalistas* e *Carta Autobiográfica a Wilhelm Stork*. Os seus escritos em prosa e as suas cartas são verdadeiros valores da cultura portuguesa. Homem de muita cultura padecia de uma doença (Transtorno Bipolar) que o mantinha, por vezes, em estado de depressão total. Acabou com a sua vida no dia 11 de Setembro de 1891, num banco de jardim em Ponta Delgada.

### **Influências predominantes**

Antero de Quental cultivou e viveu para três doutrinas de pensamento que o acompanharam quase permanentemente, com maior ou menor firmeza, com o despertar da sua própria “ guerra” interior aquando da sua ida para a Universidade: 1) A procura filosófica ou metafísica; 2) A adesão à justiça social e ao socialismo; 3) O espírito religioso. Estes são os ingredientes essenciais que lhe invadiram a sua vida interior e cultural. Segundo ele ninguém o levaria a mentir ou negar perante a sua própria consciência, uma verdade qualquer e afirma: “ Nem algum daqueles a quem eu mais amo e a quem mais devo: Hegel, por exemplo, ou Cristo ou Proudhon” (Prosas, II, 296). São estas as influências por ele assumidas.

### **Proudhon<sup>97</sup>**

---

<sup>96</sup> Lúcio Craveiro da Silva, S. J. *Evolução do Pensamento Filosófico*, 2ª Edição aumentada, Publicações da Faculdade de Filosofia da UCP, Braga, 1992.

<sup>97</sup> Pierre-Joseph Proudhon (Besançon, 15 de Janeiro de 1809 — Paris, 19 de Janeiro de 1865) Anarquista, filho de família muito pobre, foi pastor de pequeno rebanho de gado quando criança. Em 1840 publica um livro que o torna conhecido, seu ensaio *Qu'est-ce que la propriété?*, afirma «La propriété c'est le vol» (A propriedade é o roubo) e, em seu livro *Les confessions d'un révolutionnaire*, defende que *l'anarchie c'est l'ordre* (A anarquia é a ordem). A propriedade é um roubo o leva à justiça, mas é absolvido. Após tentar criar um banco para empréstimos sem juros, Proudhon lançou as bases de um sistema mutualista cujos princípios são ainda hoje aplicados nos serviços de seguro.



Proudhon e os seus filhos por Gustave Courbet

Foi ele que despertou e alimentou, em, Antero um humanitarismo revolucionário e socialista. Esta foi uma ideia que criou dois modos de pensamento: numa primeira fase da sua vida entregou-se de alma e coração à acção do movimento operário provocado por uma realidade objectiva, concreta e bem definida: a injustiça social de que era vítima o movimento operário. Proudhon foi um operário assumido. Deste modo, também Antero o foi. Antero queria reunir as inúmeras divisões do movimento operário, como tática, para dar força, união a um partido honrado e culto. Nos anos 71 a 73 conspirou e reuniu com Jaime Batalha Reis<sup>98</sup> e outros e colaborou com organismos

---

In [pt.wikipedia.org/wiki/Pierre-Joseph\\_Proudhon](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre-Joseph_Proudhon)

<sup>98</sup>Jaime Batalha Reis nasceu em 24 de Dezembro de 1847, numa família da burguesa lisboeta, de pai liberal com alguns teres e haveres, proprietário no Turcifal, onde era um conhecido produtor de vinhos. Depois de frequentar, em regime de internato, o colégio alemão Roeder, matriculou-se no Instituto Geral de Agricultura onde, depois de um brilhante percurso escolar, se formou em agronomia. Uma noite, prestes a acabar o curso, tendo ido à redacção da Gazeta de Portugal, encontrou Eça de Queirós, com quem se travou de amizade para a vida inteira. Essa relação ampliou-lhe o círculo de amigos, e a sua casa, na Travessa do Guarda-Mór, em pleno Bairro Alto, passou a ser o local de encontro de uma juventude intelectual e boémia, o núcleo do que viria a ser a “Geração de 70”. Mas foi principalmente o encontro com Antero de Quental, por volta de 1868, que lhe veio permitir colmatar algumas fragilidades culturais e desenvolver os conhecimentos filosóficos. O brilho da carreira estudantil, durante a qual arrancara vários prémios, e o interesse dos professores, principalmente Ferreira Lapa e Andrade Corvo, haviam-lhe alimentado a esperança de ser convidado para a carreira docente. Mas isso não iria acontecer, pelo menos nessa altura, talvez pelas opiniões expressas numa dissertação em que defendera as teorias de Darwin. No entanto os seus conhecimentos profissionais vão a pouco e pouco permitindo-lhe movimentar-se nessa área, sendo convidado para integrar júris que avaliavam a qualidade da produção agrícola e fazer preleções aos agricultores. Especializou-se no estudo da nova moléstia da vinha - a filoxera - e começou a colaborar em revistas e jornais. Esta actividade, porém, não o afastava das suas preocupações literárias e artísticas. Foi em 1869 que Eça, Antero e

Batalha Reis inventaram, num delírio criativo, “o poeta satânico” Carlos Fradique Mendes; e das poesias publicadas uma, “Velhinha”, era da autoria de Jaime Batalha Reis. Já por essa altura encontrara o amor da sua vida, com quem viria a casar, depois de um longo e atribulado namoro. Chamava-se ela Celeste Cinatti e era filha de um dos mais célebres cenógrafos da época – José Cinatti. A necessidade de conseguir a estabilidade económica para “noivar” e casar acicataram-no na procura de emprego, e depois de várias tentativas infrutíferas – administrador de uma propriedade da Casa de Bragança, deputado, agrónomo em Viseu, professor no Brasil - resolveu concorrer à carreira consular. Apesar das esperanças que alimentara, não conseguiu provimento, pois ficou em terceiro lugar. Voltou por isso a intensificar a sua actividade profissional. Entretanto Antero e Batalha Reis, tornados inseparáveis, tinham ido morar para uma sobreloja em S. Pedro de Alcântara, lugar que sendo frequentado, na época, pela burguesia lisboeta, se tornara muito barulhento, incomodando Antero. Mudaram-se e no início de 1871 já estavam instalados numa casa na Rua dos Prazeres, sítio sossegado, onde passaram a vir os conviventes habituais – Eça de Queirós, José Fontana, Augusto Fuschini, Manuel de Arriaga, Oliveira Martins, Augusto Machado, Guerra Junqueiro. Foi aqui que se gizou o programa das “Conferências Democráticas do Casino Lisbonense” ou, mais simplesmente, as “Conferências do Casino”. Depois das intervenções de Antero, Augusto Soromenho, Eça de Queirós e Adolfo Coelho, a continuação das palestras foi proibida por uma portaria assinada pelo Marquês de Ávila e Bolama, então presidente do conselho de ministros. Esta interrupção não permitiu que Jaime Batalha Reis fizesse a sua preleção que versava sobre o “Socialismo”. A atitude do governo, verberada pela opinião pública, seria reforçada pela publicação de dois folhetos dirigidos a Ávila e Bolama, um de Antero de Qental e outro de Jaime Batalha Reis, que começando por afirmar “Eu sou socialista” terminava dizendo: “O que V. Exª fez obriga-me a descrever ou da sua ilustração ou da sua probidade. Eu descri da ilustração. Todos os actos da vida de V.Exª me autorizavam a fazê-lo.” Em fins de 1871, depois de se haver esfumado a possibilidade de um consulado itinerante, projecto que não chegou a ser apresentado na Câmara dos Deputados, Jaime Batalha Reis acabou por ser convidado para chefe do Serviço Agrícola do Instituto Geral de Agricultura, cargo administrativo que ocupou em Fevereiro de 1872. Não que fosse o lugar desejado, mas permitia-lhe a entrada para a instituição onde fora um brilhante aluno e a possibilidade de casamento com Celeste Cinatti, que se realizou em Setembro desse mesmo ano. Logo no Outono viria a ser designado para substituir Andrade Corvo nas cadeiras de Botânica, Economia Rural e Florestal, e continuando a carreira docente ocupou, muito mais tarde, depois do respectivo concurso, em 1882, o lugar de lente de Microscopia e Nosologia Vegetal. O ano de 1874 e parte de 1875 vai ser preenchido pela elaboração de um projecto também muito caro a Antero de Qental e Oliveira Martins: a publicação de uma revista que reunisse a colaboração de intelectuais portugueses e espanhóis. Depois de muitos contratempos, que Batalha Reis ultrapassou com a habitual tenacidade, o 1º número da Revista Ocidental saiu em Fevereiro 1875, e foi nas suas colunas que Eça de Queirós publicou a 1ª versão de “O Crime do Padre Amaro”. Além de Eça, nela colaboraram Batalha Reis, Antero, Oliveira Martins, Adolfo Coelho, Sousa Martins, Maria Amália Vaz de Carvalho, intelectuais e políticos espanhóis como Pi y Margall, Fernandez de los Rios, Rafael de Labra, Canovas del Castillo. Porém, as dificuldades de coordenar a colaboração, e a falta de financiamento, situação crónica neste tipo de publicações, derrotou o projecto, que não ultrapassou o mês de Julho. No ano seguinte, em 1876, recebeu a nomeação para comissário do sector agrícola da Exposição de Filadélfia, que comemorava o centenário da independência dos Estados Unidos da América. A essa missão a portaria acrescentava a incumbência de estudar a cultura da vinha, do algodão e do tabaco. Porém, uma mudança de ministério obrigou-o a um regresso precipitado sem haver concluído as necessárias pesquisas. A par da actividade profissional, nunca descurou o interesse pela cultura portuguesa colaborando em jornais e revistas com crónicas sobre ópera, pintura e literatura. Nesse âmbito participou na comissão executiva do centenário de Camões e foi delegado da Sociedade de Geografia nas comemorações de Calderón de la Barca. Mas em 1882, quando já era professor catedrático de Microscopia e Nosologia Vegetal no Instituto Geral de Agricultura, viu-se finalmente provido na carreira consular, recebendo a nomeação para 1º cônsul em Newcastle, onde estivera Eça de Queirós que, entretanto, passara para a cidade de Bristol. Jaime Batalha Reis, abandonando o percurso docente e a agronomia, partiu em Agosto do ano seguinte, com a família, para o novo posto, mantendo-se na carreira diplomática perto de trinta anos, até se aposentar em 1921. A actividade como cônsul em Inglaterra centrou-se na defesa dos nossos interesses em África, estudando a fundo, para o bom desempenho dessa função, história e geografia. O reconhecimento, a nível oficial, do domínio dessa problemática valeu-lhe a nomeação, como perito, para a Conferência Anti-Esclavagista, que se realizou em Berlim de 1889 a 1891. O seu mérito como diplomata levou-o a desempenhar missões confidenciais em Berlim e Paris ligadas a dois problemas cruciais nesta época para Portugal – as negociações com a Inglaterra sobre África e a situação do nosso crédito na Europa. É no meio desta frenética actividade que recebe a notícia do suicídio de Antero. O texto que escreveu para o In Memoriam do seu amigo - “Anos de Lisboa: algumas lembranças” - será uma peça fundamental para a biografia do poeta e um importante testemunho sobre a geração a que pertenceu, enviado de Newcastle quatro dias antes da morte do seu outro amigo Oliveira Martins. Supomos que foi principalmente graças a esse texto e ao que veio a escrever sobre Eça, prefaciando as *Prosas Bárbaras*, que o nome de Jaime Batalha Reis voltou a ser reconhecido como um dos activos elementos desta Geração. É no ano em que representava Portugal na Conferência Internacional para a Protecção da Fauna Africana, com onze dias de intervalo, morreu-lhe a mulher e o seu companheiro de muitos anos, Eça de Queirós. Até à implantação da República continuou a manter uma intensa actividade. Já fellow da Royal Geographical Society, apresentou em 1895 uma comunicação “On The Definition of Geography as a Science [...]” que teve grande repercussão nos meios científicos. Na reunião da Association Scientifique Internationale d’Agronomie propôs um estudo sobre o trabalho agrícola e o emprego indígena nos países tropicais, sendo relator principal. Como ele próprio explicou, não se pretendia quantificar a mão-de-obra agrícola, mas estudar as condições da sua existência e o destino dos trabalhadores agrícolas nas colónias e países tropicais. Depois da implantação da República, Bernardino Machado chamou-o a Lisboa para participar na remodelação do ministério. Em Julho é enviado como ministro plenipotenciário a S. Petersburgo, onde apresentou as credenciais a Nicolau II. Mas logo no mês seguinte regressou para desempenhar comissões em Paris e Londres. No fim do ano de 1813 é enviado de novo à Rússia como representante de Portugal nas comemorações da dinastia Romanov, levando consigo duas das filhas, Celeste e Beatriz. Foi assim apanhado no vórtice da Revolução de 1917 e envolvido nos acontecimentos diplomáticos que então ocorreram. Só em 1818 conseguiu sair por Murmansk. Nomeado delegado plenipotenciário à conferência de Paz em Paris, e a seguir representante de Portugal na comissão que iria elaborar o Pacto da Sociedade das Nações, multiplicou a sua actividade pelas comissões a que pertencia, enviando para o respectivo ministro português numerosos relatórios sobre as matérias aí tratadas. No regresso a Portugal criou o Secretariado da Sociedade das Nações e lançou as bases da Associação Portuguesa para a Sociedade das Nações, de que viria a ser vice-presidente. Só se aposentou em Agosto de 1821, depois de uma cirurgia aos dois olhos. Retirou-se para a Quinta da Viscondessa, no Turcifal, com as duas filhas solteiras, para se poder dedicar à sua “filosofia”, que no dizer do amigo Viana da Mota se chamaria Explicação do Universo. Mas a aterradora visão dos 19 armários da sua sala de trabalho, repletos de milhares de cartas e rascunhos, tornou-o incapaz de levar a tarefa a bom porto. Seria a filha Beatriz quem, após a sua morte, em 1935, organizou pacientemente o Espólio, oferecendo-o depois à Biblioteca Nacional.

operários como centro promotor, do qual saíram algumas ideias das conferências do casino. Antero insiste na organização de um partido em que as “classes rivais e os interesses antagónicos da sociedade actual possam dar-se as mãos num comum espírito de conciliação liberdade e reforma progressiva”. Podemos manifestar através desta afirmação que foi no campo do socialismo que Antero mais se comprometeu no início da sua vida activa. Contudo, foi no plano teórico que teve mais dificuldade em difundir todas as suas ideias. No entanto, há uma excepção na sua obra literária de intervenção social. É através da escrita que melhor demonstra a sua filosofia de vida, as suas atitudes, comportamentos e ideologia. Surge uma poesia comprometida em *Odes Modernas* mas, que perdurará ao longo dos tempos.

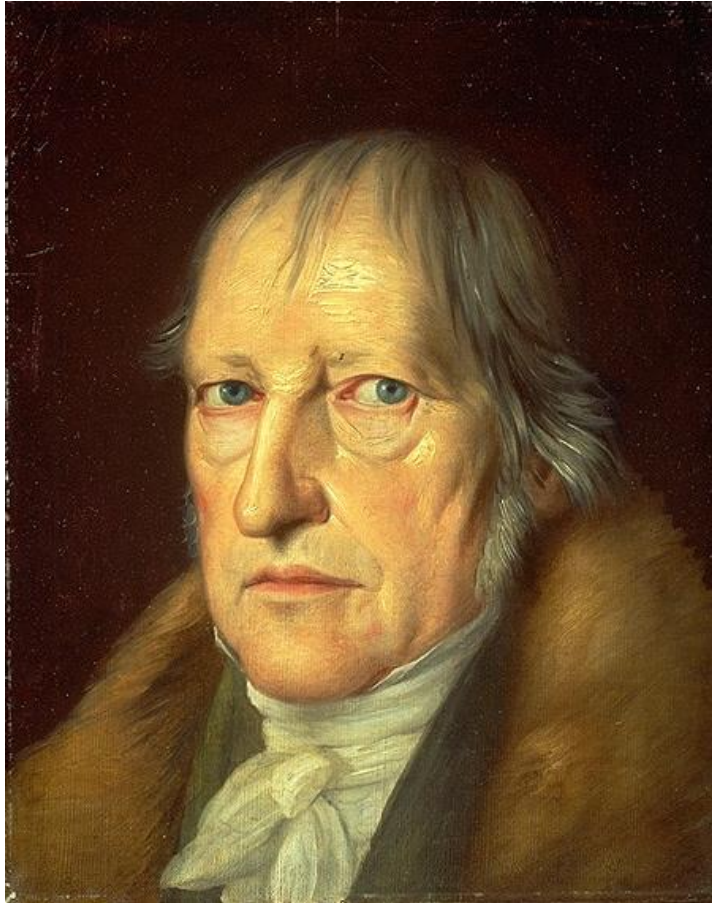
Antero, numa segunda fase da sua vida apesar de permanecer sempre socialista e solidário da classe operária testemunha uma preocupação predominante a absorvente da sua vida cultural e mesmo revolucionária, característica esta realçada na escrita de Proudhon.

## Hegel<sup>99</sup>

---

<sup>99</sup> Georg Wilhelm Friedrich Hegel (Estugarda, 27 de agosto de 1770 — Berlim, 14 de novembro de 1831) foi um filósofo alemão. Recebeu sua formação no Tübinger Stift (seminário da Igreja Protestante em Württemberg). Era fascinado pelas obras de Spinoza, Kant e Rousseau, assim como pela Revolução Francesa. Muitos consideram que Hegel representa o ápice do idealismo alemão do século XIX, que teve impacto profundo no materialismo histórico de Karl Marx. A primeira e a mais importante das obras maiores de Hegel é sua Fenomenologia do Espírito (ou Fenomenologia da Mente). Em vida, Hegel ainda viu publicada a Enciclopédia das Ciências Filosóficas, a Ciência da Lógica, e os (Elementos da) Filosofia do Direito. Várias outras obras sobre filosofia da história, religião, estética e história da filosofia foram compiladas a partir de anotações feitas por seus estudantes, tendo sido publicadas postumamente. Filósofo da totalidade, do saber absoluto, do fim da história, da dedução de toda a realidade a partir do conceito, da identidade que não concede espaço para o contingente, para a diferença; filósofo do estado prussiano, que hipnotizou o Estado - todas essas são algumas das recepções da filosofia de Hegel na contemporaneidade. Difícil dizer até que ponto essas qualificações são justas para com a filosofia hegeliana. Ademais, as obras de Hegel possuem a fama de serem difíceis, devido à amplitude dos temas que pretendem abarcar. Introduziu um sistema para compreender a história da filosofia e do mundo mesmo, chamado geralmente dialética: uma progressão na qual cada movimento sucessivo surge como solução das contradições inerentes ao movimento anterior. Por exemplo, a Revolução Francesa constitui, para Hegel, a introdução da verdadeira liberdade nas sociedades ocidentais pela primeira vez na história escrita. No entanto, precisamente por sua novidade absoluta, é também absolutamente radical: por um lado, o aumento abrupto da violência que fez falta para realizar a revolução, não pode deixar de ser o que é, e, por outro lado, já consumiu seu oponente. A revolução, por conseguinte, já não pode voltar-se para nada além de seu resultado: a liberdade conquistada com tantas penúrias é consumida por um brutal Reinado do Terror. A história, não obstante, progride aprendendo com seus erros: somente depois desta experiência, e precisamente por causa dela, pode-se postular a existência de um Estado constitucional de cidadãos livres, que consagra tanto o poder organizador benévolo (supostamente) do governo racional e os ideais revolucionários da liberdade e da igualdade.

In [pt.wikipedia.org/wiki/Georg\\_Wilhelm\\_Friedrich\\_Hegel](http://pt.wikipedia.org/wiki/Georg_Wilhelm_Friedrich_Hegel)



Georg Wilhelm Friedrich Hegel

Para Antero, Hegel revela um espírito sintético de preferente visão intelectualista que procurava sobretudo a unidade e coerência do pensamento metafísico. Assim, ao lermos atentamente Antero ficamos com a impressão de que foi Hegel que lhe despertou a sua vocação filosófica. Na obra de Hegel revela-se um forte impulso de transcendentalismo do espírito individual. Por isso a filosofia de Hegel muda de pensamento conforme as representações dos sentidos e introduz uma necessidade de individualidade. Deste modo, penetramos na luta interior de Antero aquando da existência de uma *Razão* abstracta e ideal e uma perspectiva de *Sentimento* a que Antero ligava a consciência, a moral religiosa e a vida humana real. A duração desta luta resume se a uma luta inconformada de Storck na sua Carta Autobiográfica em que salienta “que esta evolução de sentimento correspondia a uma evolução de pensamento. O Naturalismo, ainda mais elevado e harmónico, ainda um de Goethe ou Hegel, não tem uma solução verdadeira, deixa a consciência suspensa, o sentimento no que ele tem de mais profundo, por satisfazer. A sua religiosidade falsa e só aparente; no fundo não é mais do que um paganismo intelectual e requintado. Era a minha atmosfera, e todavia

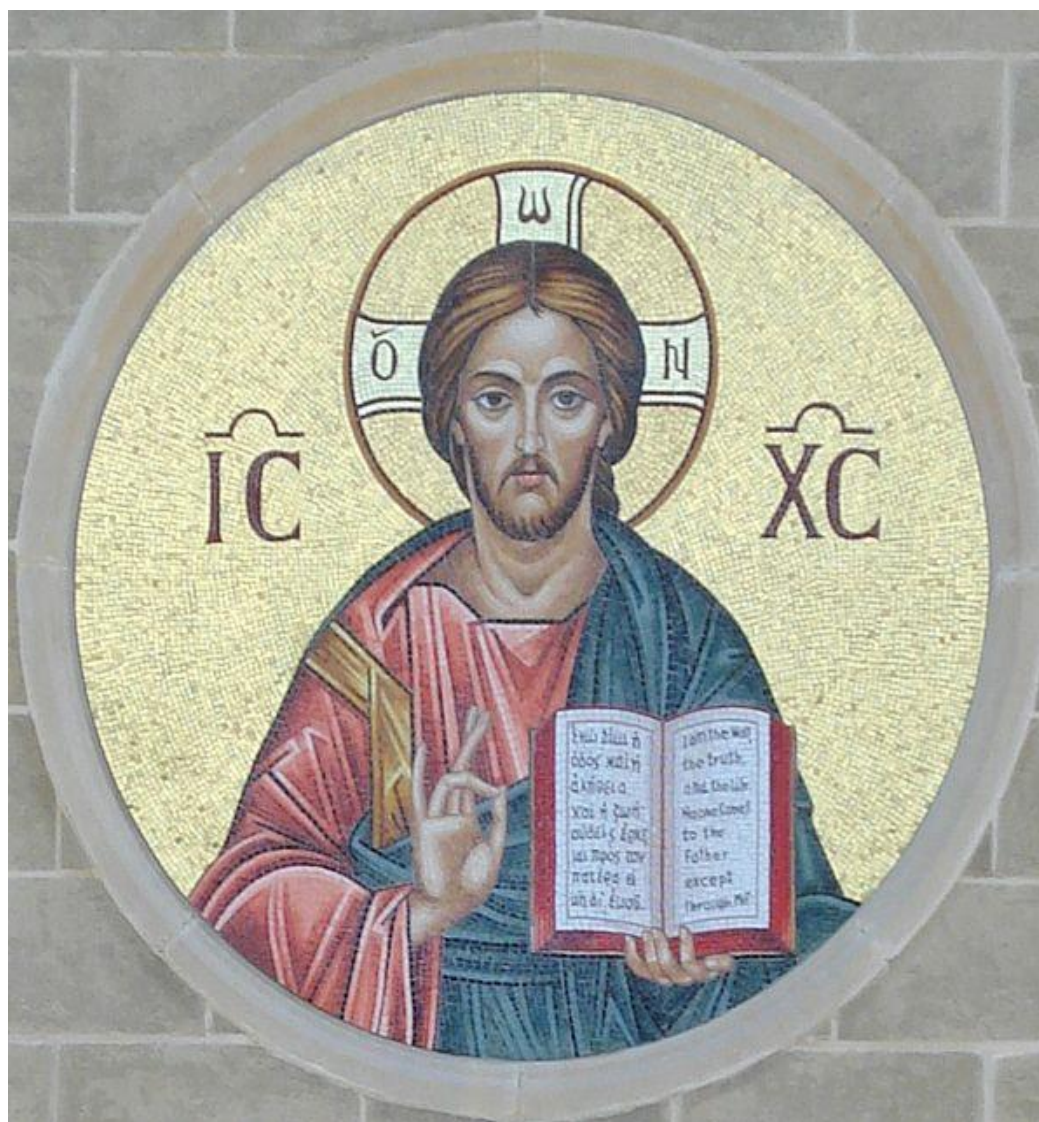
sentia me asfixiar dentro dela... eram as consequências que eu via sair da doutrina com que me criara da minha alma, agora que a interrogava, com a serenidade e a energia de quem, antes de morrer, quer ao menos saber para que veio ao mundo” (Cartas, II, 837-838). Note-se, portanto, que esta luta foi superada com o abandono de Hegel ao Naturalismo. “ Surgem as reações das forças morais e um novo esforço do pensamento salvaram me do desespero. Ao mesmo tempo que percebi que a voz da consciência moral não podia ser a única voz sem significação no meio das inúmeras vozes do Universo, refundindo a minha educação filosófica achava quer nas doutrinas, quer na história a confirmação deste ponto de vista”

Assim, a sua linha filosófica estava definida com o abandono do Naturalismo de Hegel, três anos mais tarde e a consequente afirmação na Carta Biográfica em *Tendências Gerais da Filosofia na segunda metade do século XIX*. Surge, portanto, um sentimento moral e religioso, exacerbado pela necessidade de encontrar uma justificação de vitória e uma interpretação pessoal. Este valor moral e religioso, definido na Carta de Anselmo de Andrade, aos 23 anos (Prosas, II, 1-14), não é mais do que uma busca interior a um sentimento de superação, que na sua filosofia surgia como um sistema de investigação total que o dominou em parte e o orientou na sua atitude filosófica perante a explicação do Homem e do Universo.

## **Cristo e o Cristianismo<sup>100</sup>**

---

<sup>100</sup> O cristianismo é uma religião monoteísta baseada na vida e nos ensinamentos de Jesus de Nazaré, tais como estes se encontram recolhidos nos Evangelhos, parte integrante do Novo Testamento. Os cristãos acreditam que Jesus é o Messias e como tal referem-se a ele como Jesus Cristo. Com cerca de 2,13 bilhões de adeptos, o cristianismo é hoje a maior religião mundial, adoptada por cerca de 33% da população do mundo. É a religião predominante na Europa, América, Oceânia e em grande parte de África e partes da Ásia. O cristianismo começou no século I como uma seita do judaísmo, partilhando por isso textos sagrados com esta religião, em concreto o Tanakh, que os cristãos denominam de Antigo Testamento. À semelhança do judaísmo e do Islão, o cristianismo é considerado como uma religião abraâmica. Segundo o Novo Testamento, os seguidores de Jesus foram chamados pela primeira vez "cristãos" em Antioquia. Jesus Cristo é a forma como a Bíblia se refere àquele cujos seguidores consideravam o prometido Messias ou "o Cristo, o filho do Deus vivo", conforme Mateus 16:16. Esta expressão surge várias vezes nos escritos gregos da Bíblia, ou Novo Testamento, e veio a tornar-se a forma respeitosa como os cristãos se referem a Jesus, homem judeu que, segundo os Evangelhos, nasceu em Belém da Judeia e passou a maior parte da sua vida em Nazaré, na Galileia, sendo por isso chamado, às vezes, de Jesus de Nazaré ou Nazareno. O título Cristo, portanto, confere uma perspectiva religiosa à figura histórica de Jesus.



Ícone de Cristo numa igreja greco-ortodoxa



Pintura de Jesus com a cruz às costas por El Greco. Ainda que não existam retratos de Jesus e muito menos qualquer indicação de sua aparência, é frequente a sua representação na arte do Cristianismo.

Decorria o ano de 1856 quando Antero abandonou os Açores. Partiu para Coimbra a cursar Direito levando apenas como fundamento único da sua religião a cultura do catecismo. Contudo, a descristianização foi rápida. Cheio de altivez e interrogações Antero despontava enquanto Homem alimentado por leituras desencontradas, mas que lhe abriam horizontes sugestivos ao devaneio perante a vida, a sociedade e sobretudo perante o mundo da cultura que o seduzia. Autores de outrora

muito em voga da sociedade de então como Michelet, Proudhon, Renan... No entanto, sem perder a pessoa de Cristo, que apesar de tudo o fascinava, Antero cedeu à onda mundana que repudiava a ideia Cristã dum Deus pessoal e conseqüentemente da ideia de Cristo. Deste modo, descrendo de Cristo, descreu do Catolicismo enquanto igreja, a qual a tinha apoiado na sua juventude e que foi nascida nas sombras que projectava a face de Cristo beijada por Judas” (Odes Modernas, 137). Apesar da violência desta expressão contra a religião como igreja, respeita no Cristianismo o aspecto religioso, ou o “misticismo” como muitas das vezes refere um bem absoluto e único na sua ideologia de vida. A religião é um valor profundamente rico pois identifica com a síntese evolutiva das concepções históricas do Universo e sob este ponto de vista devem ser encaradas as suas referências a qualquer religião mesmo à Cristã. Com efeito, a religião para Antero não é portanto transcendente mas imanente ao homem e à história humana. Assim, para Antero o Cristianismo ocupa o primeiro lugar “ o grande filósofo é a Humanidade e desse grande filósofo o melhor e maior sistema é o Cristianismo Católico. Há ali abismos de génio, uma visão prodigiosa dos mais largos horizontes ideais e ao lado disso o senso prático, uma prudência admirável, um profundo sentimento de estranha combinação de grandeza e miséria, que é a natureza humana, de tal sorte, que quem não conhece e compreende o Cristianismo não pode dizer que conhece e compreende a Humanidade” (Cartas, I, p.348). Este é texto clássico na concepção religiosa de Antero, mas não é isolado ou raro. No entanto, em todo o caso demonstra uma concepção positivista da realidade num século XIX com legado forte de anti-positivismo. Deste modo, num tempo de influências irreligiosas evidentes, Antero foi estrutural e culturalmente religioso. Apoiou o seu estudo em vários autores, mas a sua biblioteca, a sua mentalidade evidenciam uma busca pela perfeição interior de espírito onde a paz reina no seu todo. Além disso, este estudo objectivo é fundamental e prioritário para se compreender adequadamente a poesia de um dos maiores poetas que não se limitou, como tantos outros, a temas de um lirismo amoroso ou narrativo, mas cultivou argumentos filosófico-religiosos.

### **O Percurso do Poeta-Filósofo**

“Nasci poeta e tenho sido obrigado pela força das ideias e das coisas a fazer-me filósofo. Daí as torturas morais da minha vida” (Cartas, p. 51). Estas palavras de Antero

revelam de forma muito clara a explicação das dolorosas travessias da sua vida cultural e humana e os horizontes sugestivos, inspiradores, contudo turbulentos do seu pensamento e filosofia. Deste modo, nota-se que a sua poesia é espontânea e sincera, perfeitamente involuntária num “diário íntimo e sem preocupações” expressão das “fases sucessivas da minha vida intelectual e sentimental” (Cartas, II, p.839). Com efeito, verificamos que a poesia de Antero é um “diário íntimo”, uma espécie de autobiografia “ de um pensamento como que as memórias de uma consciência” indispensável para interpretar e contextualizar essa poesia, compreender e acompanhar a sua luta interior, o encontro e desencontro por vezes violento de ideias e sentimentos que o acompanharam durante toda a vida. Ora essa luta não se encontram no poeta enquanto poeta, mas apanhamo-las sobretudo na sua prosa, como transparece “na ideia desesperada de escrever um livro” (Cartas, I, P.161). É assim que ele se exprime, uma constante revolução intimista, intelectual e moral numa “fermentação intelectual, confusa, desordenada mas fecunda”. Surgem em toda a sua poesia entusiasmos delirantes, por vezes exacerbados e desânimos profundos. É natural que, depois ao desabar todo este empreendimento estremecido desabafe desoladoramente “ por dever, por dignidade, faço tudo quanto cumpre fazer para viver: mas no íntimo do meu desejo, só aspiro à morte, só esse pensamento me dá satisfação porque considero a minha vida o maior absurdo do século irremediavelmente votado às torturas duma luta interior estéril, votada à contradição insanável, ao aborto”. Este é um dos temas predilectos de Antero. A luta interior estéril, a morte, torturas e até o aborto. No entanto, esta situação interior de luta estéril e torturante de Antero não atingiu apenas os problemas sociais, políticos e económicos iam se alargando sobretudo a uma busca incansável e profunda do seu problema moral e religioso. Contudo, sob o ponto de vista filosófico e religioso Antero revela que a Razão e o Sentimento, sob influência de Hegel e Kant, são na realidade de Deus um “grande espírito que envolve tudo, que está em tudo, que é verdade, o verdadeiro ser de tudo, potencia e finalidade de todas as coisas, as realidades contingentes e fenomenais, que saem um momento do nada e não têm outra razão de ser senão a aspiração, a tendência para esse ideal, esse tipo de perfeição absoluta que cada qual como que imita imperfeita e limitadamente, consoante o grau ou esfera de desenvolvimento ou ser cósmico que representa – o qual ser cósmico, ele mesmo, não é outra coisa mais do que essa tendência, esse movimento do possível para ser alguma coisa, e não verdadeiro ser no sentido absoluto: é um modo de ser, uma evolução, uma aparência quase, e é nisto que, quanto a mim está a distinção tão famosa quanto obscura

entre Deus e o Mundo, entre Ser verdadeiro e ideal e a realidade fenomenal, e o que faz com que o meu Grande Espírito não se confunde com o mundo e que o meu panteísmo idealista não seja por modo algum o panteísmo naturalista de Goethe, Spinoza...” ( Estudos de Cultura Portuguesa, Centro de Estudos Humanísticos, p21) Isto aconteceu afinal através de uma expressivas e paradigmáticas três tentativas de escrever um livro em prosa que marcam e condenam três horizontes sucessivos de lutas, perplexidades e interrogações ao longo do seu percurso cultural.

O primeiro livro intitulado “Programa para os Trabalhos da Geração Nova” que estava a ser redigido em 1872, meses depois das Conferências do Casino Antero revela uma realidade de revolução constante, luta interior e abraço a uma imensa construção com grande unidade. Contudo, já na sua carta de 6 de Agosto de 1877 em diálogo com Oliveira Martins<sup>101</sup> esclarece e completa a descrição do seu problema filosófico-religioso, em relação com o optimismo e o pessimismo, em que a influência de Hegel parece evidente. Assim Antero relacionasse com o universo real de todos os optimistas idealistas, mas que apresenta uma imagem imperfeita, um símbolo grosseiro do universo ideal sem reconhecer ao mesmo tempo que esse mundo imperfeito é a realização possível do mundo ideal, e por conseguinte boa e plenamente aceitável na esfera da realidade. Deste modo, é um ponto matemático do equilíbrio racional e moral. Não se trata portanto das acções, mas do sentimento com que essas acções são praticadas. Tudo se assemelha a um certo estado psicológico. Com efeito, estas

---

<sup>101</sup> Joaquim Pedro de Oliveira Martins (Lisboa, 30 de Abril de 1845 — Lisboa, 24 de Agosto de 1894) foi um político e cientista social português. Oliveira Martins é uma das figuras-chave da história portuguesa contemporânea. As suas obras marcaram sucessivas gerações de portugueses, tendo influenciado vários escritores do século XX, como António Sérgio, Eduardo Lourenço ou António Sardenha. Órfão de pai, teve uma adolescência difícil, acabando por abandonar precocemente os estudos e empregar-se no comércio. Em 1870 exerceu funções de administrador de uma mina na Andaluzia, em Espanha, onde permaneceu durante quatro anos. Em 1884 regressou a Portugal para dirigir a construção da via-férrea do Porto à Póvoa de Varzim e a Vila Nova de Famalicão. Em 1880 foi eleito presidente da Sociedade de Geografia Comercial do Porto e, quatro anos depois, director do Museu Industrial e Comercial do Porto. Mais tarde desempenhou as funções de administrador da Régie dos Tabacos, da Companhia de Moçambique, e fez parte da comissão executiva da Exposição Industrial Portuguesa. Foi deputado em 1883, eleito por Viana do Castelo, e em 1889 pelo círculo do Porto. Em 1892 foi convidado para a pasta da Fazenda, no ministério que se organizou sob a presidência de Dias Ferreira, e em 1893 foi nomeado vice-presidente da Junta do Crédito Público. Elemento animador da Geração de 70, revelou uma elevada plasticidade às múltiplas correntes de ideias que atravessaram o seu século. Oliveira Martins colaborou nos principais jornais literários e científicos de Portugal, assim como nos políticos e socialistas. A sua vasta obra começou com o romance Febo Moniz, publicado em 1867, e estende-se até à sua morte, em 1894. Na área das ciências sociais escreveu, por exemplo, Elementos de Antropologia, de 1880, Regime das Riquezas, de 1883, e Tábua de Cronologia, de 1884. Das obras históricas há a destacar História da Civilização Ibérica e História de Portugal, em 1879, O Brasil e as Colónias Portuguesas, de 1880, e Os Filhos de D. João I, de 1891. A sua obra suscitou sempre controvérsia e influenciou a vida política portuguesa, mas também historiadores, críticos e literatos do seu tempo e do século XX. Principais obras: Febo Moniz, Regime das Riquezas, Os Lusíadas - Ensaio sobre Camões, em Relação à Sociedade Portuguesa e ao Movimento da Renascença.

conclusões gerais “metafísico-religiosas” que Antero chegou despertam no seu espírito apaixonado a satisfação de escrever um livro. É um momento de euforia natural. Era natural que quando Antero descobria e traçava linhas gerais da sua envolvente concepção religiosa, se sentisse animado e pensasse logo em escrever um livro sobre a “Teoria da Religião”. Este efeito intempestivo, natural e pacífico resultasse em visões gerais e panorâmicas do seu problema e se lançava a analisar as bases difíceis subjacentes a essas concepções gerais. Por isso quando nesta fase empreendeu escrever o livro Teoria da Religião que era assunto do centro da crise religiosa teve de abandonar a ideia a conselho de Oliveira Martins. No entanto, a ideia de escrever um livro em prosa sobre os seus problemas continuou a apaixoná-lo. Em Março de 1887 ao escrever a Carta Autobiográfica, depois de larga e acentuada caminhada filosófica, longa e cheia de encruzilhadas nas quais teve de escolher pessoal, não sem hesitações, mas de pensamentos dogmáticos. Nesta altura Antero fala de “exposição dogmática das minhas ideias filosóficas” como “obra suprema” e a dificuldade apontada corresponde a uma evolução de pensamento que o levou finalmente a encontrar as linhas estruturais da sua filosofia que desenvolverá e sistematizará nas “Tendências Gerais da Filosofia na segunda metade do século XIX”. Deste modo, para demonstrar o afecto a Eça de Queirós “comecei a escrever, com destino à Revista, um artigo sobre as Tendências gerais da filosofia na actualidade, coisa sumária: mas o assunto apossou-se a mim, passou a ser quase a outra coisa o trabalho e no fim de três meses achou-me tendo produzido um estudo que na Revista dará três ou quatro artigos, e que depois ampliado será um livro. Ficou reservada muita coisa que naturalmente não cabe em artigos de Revista. Escuso dizer-lhe que não é a minha filosofia, aquela que sabe que eu tenho, com o seu método próprio e dialéctico, e apresentadas simplesmente como induzidas da evolução do pensamento moderno e mais especialmente as tendências filosóficas dos últimos 80 anos. De sorte que, amigo, ainda depois de publicar um livro de filosofia, ficarei sempre um filósofo inédito. Espero que encontre no meu estudo algumas páginas que lhe agradem. Em todo o caso, que o leia com atenção, para me indicar lacunas, contradições e o mais que parecer bem ser reformado, esclarecido ou desenvolvido para a forma definitiva do livro...”

Finalmente escreve um livro em forma de artigo, sem a amplitude, a exposição e métodos desejados. Em prosa. É de notar que na fase final da sua vida deixou ou perdeu o dom de escrever em poesia. A filosofia arrebatou-lhe todos os sentimentos num só.

Uma alegria notória reveste-lhe todo o seu ser a ponto de afirmar que considerou “sonetos não tanto como obra literária mas como salmos da sua religião”. Contudo, anteviu pessoalmente o sentido da sua existência e isso dava-lhe satisfação. Essa satisfação porém não foi definitiva por duas razões: primeiro por causa das consequências da sua doença incurável e depois devido à sua filosofia, a qual faltava um elo fundamental no sentido da sua existência: a esperança. Em todo o caso essa esperança patente na sua luta visível através da Revolução, da Religião e do Misticismo que esta envolvia. No entanto, surge na filosofia um escape ao sentido da sua existência. Deste modo, é completamente impossível compreender verdadeiramente a poesia de Antero porque esta nutre uma complexidade e rigor alheios ao nosso discernimento.

### **A Filosofia de Antero**

#### **Teoria geral do Ser e a elaboração da filosofia**

Na sua carta Autobiográfica Antero revela que todos os seus “pensamentos e muitos outros, mas concatenados sistematicamente, formam o que eu chamaria, embora ambiciosamente, a minha filosofia”. Deste modo, surgem duas fontes de conhecimento que brotam na filosofia de Antero. A Razão e o Sentimento. Então que entende Antero por filosofia? Segundo a mesma filosofia é “uma explicação total e sistemática das coisas que pressupõe necessariamente uma teoria geral do ser” que sirva de fundamento que sirva de fundamento como a “razão última das coisas, a todas as teorias particulares (Prosas, III, 168). Deste modo, Antero define duas formas de o ser. Do que é real. Com efeito, o que é real na perspectiva de Antero é algo concreto e imaginativo que resulta da experiência e da sensibilidade das coisas. É algo que recai nos sentidos. Que actua, se move e é movido. A outra óptica de entender o ser resulta de algo que subsiste, de uma inteligência abstracta, pura. Por conseguinte, Ser é só o que subsiste por si, que está para além dos sentidos, para além do mundo dos fenómenos, que é imutável e permanece sempre idêntico e que suporta toda uma diversidade e alterações contínuas das coisas reais.

Para Antero estes dois elementos antitéticos não se podem fundir numa unidade superior visto estarem na base de toda a filosofia. Contudo, realçam e explicam a possibilidade e direcção relativa da arte de filosofar porque a “filosofia é a equação do

pensamento da realidade, numa dada fase de desenvolvimento daquele, e num dado período de desenvolvimento desta: o equilíbrio momentâneo entre a reflexão e a experiência... ainda a razão é em si, a mesma sempre, contudo a experiência, em virtude da qual a razão define, coordena e sistematiza as suas concepções, é que varia continuamente (Prosas, III, 168). Este “relativismo da filosofia”, por definição lhe é inexpressivo. Porém, comprovasse um dinamismo da inteligência que lhes é verdadeiro. Todavia, esse conhecimento é um facto próprio e íntimo de espírito onde o seu universo é conhecido como um produto da actividade espontânea. Esse espírito revelasse consciente e dinâmico pois penetra na mais alta expressão da “identidade fundamental de todos os seus momentos, vê-se na sua unidade e propõe-se a si mesmo, o seu próprio fim”. Assim, podemos determinar, que a característica do espiritualismo anterior é o dinamismo psíquico<sup>102</sup>. A ciência por seu turno, resolveu-se a um ponto de perfeita convergência entre a psicologia e a cosmologia. Deste modo, identificamos que na especulação encontramos uma força concreta, racional e espontânea e na ciência encontramos uma força abstracta, cega e passiva “sendo a força perfeita o tipo de imperfeita, é esta naturalmente que tem de ser explicada por aquela”.

## Teoria da Evolução

### Libertação do Ser inconsciente

Tal como vimos anteriormente, segundo a filosofia anterior, tudo age e evolui. Como em tudo na vida, a natureza realça por si e em si uma força inexplicável, inconsciente e espontânea, que desenvolve um grau superior de liberdade. No entanto, ao homem, pela sua consciência compete apenas a si evoluir ao longo dos tempos, chegar por si ao mais completo dos espiritualismos. Em face de tais premissas não é

---

<sup>102</sup> Pretende-se evidenciar, numa perspectiva multidisciplinar e histórica, o processo que transformou o destinatário da persuasão - de sujeito activo e crítico em consumidor passivo do produto. Na história da cultura ocidental, opõem-se duas concepções diversas do processo da persuasão: de um lado, entende-se que esta deva proporcionar uma experiência ao sujeito concebido como receptor activo e intencional dos estímulos advindos do mundo externo, corpo vivente e espiritual (dotado de capacidade de juízo e decisão); do outro, vê-se a persuasão como indução de experiência num sujeito considerado como mero receptor passivo dos estímulos externos, corpo determinado pelo mecanismo das reacções. **Palavras-chave:** Persuasão, Dinamismo psíquico, Subjectividade.

In "A pessoa como sujeito da experiência": um percurso na história dos saberes psicológicos", de Marina Massimi e Miguel Mahfoud, apresentado no Congresso Internacional de Filosofia - Pessoa e Sociedade realizado em Braga, Portugal, em novembro de 2005. **Marina Massimi**, Professora Associada da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Campi Ribeirão Preto. <sup>2</sup> A Argumentação na Comunicação Empresarial 2001 - esidério Murcho, disponível em [http://critica.no.sapo.pt/fil\\_comunicacaoempresarial.html](http://critica.no.sapo.pt/fil_comunicacaoempresarial.html)

lógico afirmar “se aquele princípio, que a inteligência descobriu no homem, aquele núcleo tão natural desse ser, aliás natural, não será também princípio oculto da confusa natureza, e se o universo não gravitará, obscuramente, inconscientemente, para onde gravita o homem, com um pouco de luz e um pouco de consciência? Se não é assim, o universo é uma monstruosidade e a consciência humana a mais inexplicável das ilusões, o que equivale dizer, o Ser, sob todas as formas é absurdo.” Deste modo, é impossível afirmar que Antero resolve nitidamente estas duas questões, mas pelo contrário demonstra um carácter intimista, aberto e revolucionário que causa e determina para si um fim, e se cria uma independência que exclui a intervenção estranha e prejudicial à própria liberdade.

### **Libertação do Ser consciente**

Tal como foi apresentado anteriormente na Teoria dos dinamismos, tudo age e evolui segundo parâmetros estratégicos naturais e inconscientes ao Homem. Deste modo, o Homem pela consciência não é mais do que o último grau de perfeição, de evolução, que se desenvolve inconscientemente na natureza “Concebo, diz que sem sair do Naturalismo se pode pela aprofundação da natureza humana e por analogia invencível de toda a natureza, chegar ao mais completo do espiritualismo a um psiquismo... descobriu no homem aquele núcleo natural desse ser, aliás natural, não será também princípio oculto da confusa natureza e se o universo não gravitará obscuramente, inconscientemente para onde gravitará o Homem com um pouco de luz e um pouco de consciência” Na perspectiva de Antero toda esta relação de um ser consciente, mais do que espontâneo é livre. A espontaneidade da matéria evoluindo torna-se fundamento filosófico que conjugado com a razão se chama Liberdade. Assim, surge uma actualização imanente ao ser da causa e do fim de todas as coisas. Na consciência essa imanente actualização determinada pela consciência de si mesma transforma-se ou completa-se na liberdade. Contudo, esse ser não se define espontâneo apenas na actividade lúdica exterior e condicionada ao Homem. O Ser conformado com este motivo é exclusivo por si. Não obstante, atinge a plenitude de todo o seu acto. Ora, apesar disso Antero condicionado por todo este moralismo questiona o seu interlocutor afeiçoado na sua altivez “para quê viver para as mesquinhezas mundanas?” Tudo se desvanece ao aparecer este Ser Ideal, que se realiza plena e verdadeiramente em si

isento de comunicação estranha que o prive do dom supremo da liberdade. É esse ideal supremo que deve tender todo o nosso esforço na vida moral. “Esse eu do nosso eu”, afirma Antero, que se abriga na região em que o verdadeiro se confunde com o ideal. A esta transformação de acto, de espiritualidade resulta a finalidade de todo o Ser. Uma vida humana superior.

### **Síntese final: Moral e Religião**

Partindo da análise do Ser chegamos à conclusão da filosofia patente na evolução dos seres inconscientes e do ser consciente. O Homem confessa em si uma consciência e espírito exacerbados que o coloca no vértice da pirâmide prodigiosa, que é a explicação última, imanente do Universo. Por conseguinte, o mundo da consciência dissolve-se de todas as leis naturais e sociais na única lei moral. A lei moral criada pelo espírito para si mesmo, expressa uma unidade final de inteira compenetração da vontade com o seu ideal, de perfeita liberdade porque o próprio dever à medida que a ideia se aprofunda perde gradualmente o rígido carácter de obrigação e transformação pura de puro amor. A autonomia da vontade é agora real e completa. Essa determinação, motivo e condicionalidade confundem-se com o próprio ser. Esta perfeita identificação do eu com a sua essência absoluta denota um sentido de totalidade, de poder de perfeição. No entanto, a consciência do justo é o único templo de Deus. O mundo moral só subsiste por esta plenitude. Ela é a inspiradora e secreta grande arte como do grande pensamento. Contudo, essa pouca injustiça que consegue interceder neste mundo de luta, de cegueira e egoísmo vem toda de uma profunda raiz, de toda uma especulação visível no íntimo ser das coisas. A obscuridade vence a morte porque faz compreender o significado do êxito final e apreciar quanto ele vale. Só depois a perfeita virtude, aquela que renuncia a todo o egoísmo, define completamente a liberdade, e se a liberdade é a aspiração secreta das coisas e o fim último do universo concluímos que a santidade é o termo de toda a evolução e que o universo não existe, não se move senão para chegar a este supremo resultado. Não há dúvida que Antero explicita não só a moral mas sobretudo a religião.

### **Síntese final**

O trabalho as *Tendências Gerais da Filosofia na segunda metade do século XIX* mais não é do que a perspectiva da filosofia naquele período, visível num autor, num poeta multifacetado e exigente consigo mesmo, com a sua filosofia de vida, com a sua escrita, com o seu mundo espiritual. Não se trata portanto dum completo e desenvolvido sistema filosófico, mas certamente um sugestivo e conectado pensamento filosófico, num sentido mais recente e não limitado às soluções da Razão. É indispensável explicar que o homem, a vida e o universo são indissociáveis e que desenvolvem uma metodologia única e natural no seu mais íntimo. Devemos, portanto, considerar a filosofia anterioriana uma investigação pessoal e libertadora. A sua busca aberta, contínua e transparente são fruto de um caminho que tentou percorrer com árduo esforço e dedicação para a superioridade de uma filosofia enriquecedora e desvinculativa dos demais pensadores.

# **Eça de Queirós e Antero**

## Dados Biográficos

Nascido na Póvoa do Varzim em 1845, José Maria de Eça de Queiroz é considerado um dos melhores escritores realistas do seu século.

Estudou direito na Universidade de Coimbra onde conheceu aquele que havia de ser seu amigo, Antero de Quental. Participou nas Conferências do Casino (1871).

Foi administrador municipal de Leiria e Cônsul de Portugal na Inglaterra. A sua produção literária que é vastíssima foi sendo produzida ao longo da sua vida, por exemplo os «Maias» foram escritos em Bristol e o «Mandarim» em Paris, onde veio a falecer no dia 16 de Novembro de 1900. Este grande senhor da literatura Portuguesa, cujas obras foram traduzidas aproximadamente em vinte línguas, encontra-se sepultado em Santa Cruz do Douro.

## Eça de Queirós e Antero - O diálogo fecundo de dois génios

Foi Eça de Queirós<sup>103</sup> que descobriu Antero numa noite macia de Abril em Coimbra. Avistou-o sobre as escadarias da Sé Nova que nesses tempos ainda era romântica. Tinha

---

<sup>103</sup> José Maria de Eça de Queirós nasceu em Novembro de 1845, numa casa da praça do Almada na Póvoa de Varzim, no centro da cidade; foi baptizado na Igreja Matriz de Vila do Conde. Filho de José Maria Teixeira de Queirós, nascido no Rio de Janeiro em 1820, e de Carolina Augusta Pereira d'Eça, nascida em Monção em 1826<sup>[1]</sup>. Eça de Queirós foi baptizado como "filho natural de José Maria d'Almeida de Teixeira de Queiroz e de Mãe incógnita, fórmula comum que traduzia a solução usada em caso similares nos registos de baptismo quando a mãe pertencia a estratos sociais elevados. Uma das teses para tentar justificar o facto dos pais do escritor não se terem casado antes do nascimento deste sustenta que Carolina Augusta Pereira de Eça não teria obtido o necessário consentimento da parte de sua mãe, já viúva do coronel José Pereira de Eça. De facto, seis dias após a morte da avó que a isso se oporia, casaram-se os pais de Eça de Queirós, quando o menino tinha quase quatro anos. Por via dessas contingências foi entregue a uma ama, aos cuidados de quem ficou até passar para a casa de Verdemilho em Aradas, Aveiro, a casa da sua avó paterna que em 1855 morreu. Nessa altura, foi internado no Colégio da Lapa, no Porto, de onde saiu em 1861, com dezasseis anos, para a Universidade de Coimbra onde estudou direito. Além do escritor, o casal teria mais seis filhos. O pai era magistrado, formado em Direito por Coimbra. Foi juiz instrutor do célebre processo de Camilo Castelo Branco, juiz da Relação e do Supremo Tribunal de Lisboa, presidente do Tribunal do Comércio, deputado por Aveiro, fidalgo cavaleiro da Casa Real, par do Reino e do Conselho de Sua Majestade. Foi ainda escritor e poeta. Em Coimbra, Eça foi amigo de Antero de Quental. Os seus primeiros trabalhos, publicados avulso na revista "Gazeta de Portugal", foram depois coligidos em livro, publicado depois da sua morte sob o título *Prosas Bárbaras*. Em 1869 e 1870, Eça de Queirós fez uma viagem de seis semanas ao Oriente (de 23 de Outubro de 1869 a 3 de Janeiro de 1870), em companhia de D. Luís de Castro, 5.º Conde de Resende, irmão da sua futura mulher, Emília de Castro, tendo assistido no Egipto à inauguração do canal do Suez: os jornais do Cairo referem «Le Comte de Rezende, grand amiral de Portugal et chevalier de Queiroz»<sup>[2]</sup>. Visitaram, igualmente, a Palestina Aproveitou as notas de viagem para alguns dos seus trabalhos, o mais notável dos quais o *O mistério da estrada de Sintra*, em 1870, e *A relíquia*, publicado em 1887. Em 1871, foi um dos participantes das chamadas Conferências do Casino. Quando foi despachado mais tarde como administrador municipal de Leiria, escreveu a sua primeira novela realista, *O Crime do Padre Amaro*, que apareceu em 1875. Tendo entrado na carreira diplomática, Eça de Queirós passou os anos mais produtivos de sua vida em Inglaterra, como cônsul de Portugal em Newcastle e em Bristol<sup>[carece de fontes?]</sup>. Escreveu então alguns dos seus trabalhos mais importantes, *A Capital*, escrito numa prosa hábil, plena de realismo. Suas obras mais conhecidas, *Os Maias* e *O Mandarim*, foram escritas em Bristol e Paris, respectivamente. Seu último livro foi *A Ilustre Casa de Ramires*, sobre um fidalgo do séc XIX com problemas para se reconciliar com a grandeza de sua linhagem. É um romance imaginativo, entremeado com capítulos de uma aventura de vingança bárbara que se passa no século XII, escrita por Gonçalo Mendes Ramires, o protagonista. Trata-se de uma novela chamada *A Torre de D. Ramires*, em que antepassados de Gonçalo são retratados como torres de honra sanguínea, que contrastam com a lassidão moral e intelectual do rapaz. Morreu em 16 de Agosto de

uma capa de um glorioso doutor. A admiração, o enlevo dessa noite com Antero perdurou sempre no ínfimo espírito de Eça. Era “um génio, um santo” mencionava. Contudo, a sua linha de pensamento era bastante diferente. Antero defendia a metafísica e moral, mas Eça era sobretudo estético e literário. É este brilho contrastante que dominou e iluminou toda uma época histórica, literária e filosófica. Em todo o caso Eça seguiu o pensamento anterior na sua interrogação sobre o destino do Universo no seu aspecto moral e religioso, no seu culto pela consciência, no âmbito de uma linha ética. Mas, o que de facto importa salientar é o relevo e o talento de Eça que embora não fosse filósofo, o valor do seu percurso é inigualavelmente comparado ao de Antero. Em 1887, na sua Carta Autobiográfica Antero manifesta a vontade e o seu grande objectivo de expor as suas ideias filosóficas: “Quisera concentrar nessa obra suprema toda a actividade dos anos que me restam viver. Desconfio, porém, que o não conseguirei, a doença ataca me os centros nervosos... morrerei com a satisfação de ter uma direcção definitiva no pensamento europeu, o Norte para onde se inclina a divina bússola do pensamento humano.”



---

1900 em Paris. Teve funerais nacionais. Está sepultado em Santa Cruz do Douro. Seus trabalhos foram traduzidos em aproximadamente vinte línguas. Foi também o autor da Correspondência de Fradique Mendes e A Capital, obra cuja elaboração foi concluída pelo filho e publicada, postumamente, em 1925. Fradique Mendes, aventureiro fictício imaginado por Eça e Ramalho Ortigão, aparece também no Mistério da Estrada de Sintra.

In [pt.wikipedia.org/wiki/Eça\\_de\\_Queirós](http://pt.wikipedia.org/wiki/Eça_de_Queirós)

Pois bem, os verdadeiros amigos aparecem nas alturas em que mais precisamos. E esse foi o caso. Eça aparece para realizar todo esse desejo de Antero. Subitamente, Antero num último fôlego iniciasse na escrita de algumas colunas com destino à Revista Ocidental. Ai demonstra as suas ideias num método impessoal pondo de parte as do seu ponto de vista original de um processo dialéctico e próprio. Apresenta simplesmente percepções induzidas da evolução do pensamento moderno. E eis que como resultado de essa interacção Eça advertido por Antero iniciasse numa nova obra a qual marcará toda uma geração.

# Notas Conclusivas

Realizar esta tese de mestrado acerca das “ Leituras de Lúcio Craveiro da Silva” fizeram-me recordar as acesas discussões das aulas de Filosofia do 12º Ano. As inúmeras teorias dos demais autores, escritores e filósofos definidas por vários pontos de vista. Contudo, em Lúcio e passados todos estes anos tudo se tornou bem mais claro. Afinal, a vida de cada um apenas lhe compete a si e não são as teorias que te fazem traçar outro caminho. Ajudam, mas não te impõem nada.

Ao lermos Lúcio contactamos com uma escrita filosófica, religiosa e sobrenatural. Tudo em si atinge proporções evolutivas para o crescimento e expansão de um povo. Assim, é-nos apresentada uma panóplia de sensações conscientes através de um trabalho árduo e rigoroso de investigação. Essa vocação exige têmpera, inflexibilidade, resistência às dificuldades e certo espírito de aventura, desprendimento e inovação que é premiada pela compensação de trabalhar e cooperar generosamente pelo bem e realização do Homem, ao serviço de todos nós. E desta luta poderá haver um Lúcio Craveiro da Silva em todos nós.

# Bibliografia Geral

**Activa:**

1. “O Anterismo filosófico”, no centenário do nascimento do poeta, “Brotéria: Revista Contemporânea de Cultura”, Lisboa, I, 1941, pp. 59 a 66.
2. Silva, Lúcio Craveiro da, “ Antero de Quental em Evolução do seu pensamento filosófico”, Braga, 1959, 2ª ed..
3. Silva, Lúcio Craveiro da, “ Estudos de Cultura Portuguesa”, Universidade do Minho, Colecção Hespérides, 2002.
4. Silva, Lúcio Craveiro da, “ Bibliografia sobre a Universidade”, Universidade do Minho, Colecção Hespérides, 2004.

**Passiva:**

5. Sanches, Francisco, in “ Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, Vol.15, Lisboa, Verbo, col.1539-1543
6. Almeida, Vieira de – “Antero de Quental” em Obras Filosóficas, I, Lisboa, 1986.
7. Castro, Francisco Lyon, “Discurso do Método de Descartes”, Publicações Europa-América, 1986.

8. Molina, Luís de, “Tratado sobre los câmbios”, edicion e introducción de Francisco Gomez Camacho, I, Madrid, 1991.
9. Silva, Lúcio Craveiro da, S. J. “Evolução do Pensamento Filosófico”, 2º Edição aumentada, Publicações da Faculdade de Filosofia da UCP, Braga, 1992.
10. Vita, Luís Washinton, “Padre António Vieira e Antero de Quental”, Braga 1998.
11. Luís de Molina in Calafate, Pedro, “ História do pensamento Filosófico Português” Lisboa, Caminho, 2000, V2, pp. 547-558
12. Ser Português: Ensaio de Cultura Portuguesa. Braga, Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, 2000
13. Eça de Queirós e Antero, amigos: o diálogo fecundo de dois génios. “Forum”, Braga, 29, Jan-Jun. 2001, pp. 3-8

# Poema

## **Anacoreta**

Amo a solidão

Com duas estrelas

Um sorriso

E o céu por tecto da habitação!

Fora com festas, bagatelas

E ruídos!

Fora com curiosos intrometidos!

Contemplo o bem-me-quer das flores

Oiço o diálogo das brisas

Sinto-me feliz sem arredores

Só com o silêncio amigo

E o bater do coração!

Duas estrelas e um sorriso

E para tudo o mais... A Solidão.

( Pegadas no caminho, Braga,1976)

# Índice

## I.

### 1) Introdução

### 2) Lúcio Craveiro da Silva

- O Homem
- Percurso Académico
- A Universidade e a construção do Homem
- Tomada de posse como reitor
- Breves traços da sua filosofia
- Marcas na cultura
- Distinção do povo português

## II. Influências Predominantes

### 3) Santo Agostinho

- As Confissões

### 4) S. Martinho de Dume

- A Nova Civilização

### 5) D. Diogo de Sousa

- Situação e dados biográficos
- Renovação da cidade de Braga
- Obras de arte
- Senhorio e ...
- Estudos Públicos

### 6) Luís de Molina

- **Vida e Obra**
- **O Molinismo**
- **A ciência média**
- **Justiça e Direito**

**7) Francisco Sanches**

- **Biografia**
- **Filósofo e Professor**

**8) Padre António Vieira**

**9) Craveiro da Silva e Padre António Vieira**

- **Independência de 1640**

**10) Padre António Vieira e Antero de Quental**

**11) Inácio Monteiro**

- **Professor de Filosofia**
- **Posição cultural**
- **Inácio Monteiro e Luís António Vernei**
- **Filosofia livre e eclética**
- **Filosofia natural**
- **Lógica**
- **Metafísica**
- **Ética**

**12) Antero de Quental**

- **Breves traços biográficos**
- **Influências predominantes: Proudhon, Hegel, Cristo e o Cristianismo**
- **Percurso do Poeta-Filósofo**
- **Teoria Geral do Ser**
- **Teoria da Evolução**

“Leituras de... Lúcio Craveiro da Silva”

- **Libertação do ser consciente**
- **Moral e Religião**
- **Síntese final**

**13) Eça de Queirós e Antero**

- **Diálogo fecundo de dois génios**

**14) Notas Conclusivas**

**15) Bibliografia Geral**

**16) Poema de Lúcio Craveiro da Silva**

